

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

ELÉIA SCARIOT

RECEPÇÃO MUDIÁTICA E MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS:
USOS DE MÍDIAS E SENTIDOS SOBRE O TRABALHO ENTRE MIGRANTES
NA REGIÃO SUL DO BRASIL

SÃO LEOPOLDO, RS

2010

Eléia Scariot

RECEPÇÃO MUDIÁTICA E MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS:
USOS DE MÍDIAS E SENTIDOS SOBRE O TRABALHO ENTRE MIGRANTES
NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Cogo

SÃO LEOPOLDO, RS

2010

S285r Scariot, Eléia

Recepção midiática e migrações contemporâneas: usos de mídias e sentidos sobre o trabalho entre migrantes na região sul do Brasil / por Eléia Scariot. – São Leopoldo, 2010.

152 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Leopoldo, RS, 2010.

“Orientação: Profª Drª Denise Cogo, Ciências da Comunicação”.

1.Teoria da comunicação. 2.Recepção midiática – Trabalhadores migrantes.
3.Trabalhadores migrantes – Rio Grande do Sul. I.Título.

CDU 659.3

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB -10/1252

*Dedico este trabalho a Jesus Cristo,
que em Mateus, capítulo 25, versículo 35, diz:
“Eu era migrante e você me recebeu em sua casa”.*

AGRADECIMENTOS

Existem situações na vida que é fundamental poder contar com apoio e ajuda de algumas pessoas. Para a realização desse trabalho, pude contar com várias. E a essas pessoas prestarei, através de poucas palavras, os mais sinceros agradecimentos:

A Deus, pelo dom da vida, por todas as bênçãos e graças que Ele me concede desde sempre e para sempre. Aos meus pais, Arcy Francisco Scariot e Ermida Vitória Picolotto Scariot, aos meus irmãos e irmãs e a todos os familiares por me inspirarem no estudo da migração e pela unidade espiritual.

À professora orientadora Dra. Denise Cogo, pelos seus conhecimentos, sua dedicação e atenção, a todos os que participam do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e aos colegas de Mestrado pela convivência e partilha de saberes.

À congregação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo, scalabrinianas, na pessoa da superiora geral, irmã Alda Monica Malvessi e seu conselho. À superiora provincial, irmã Elena Ferrarini, e irmãs do conselho provincial: Inêz Bernardi, Valdéres Bergozza e Celsa Zucco pela compreensão, amizade e companheirismo. E à irmã Nadir Contini pela convivência fraterna.

Às irmãs da Comunidade Maria de Nazaré pela presença fraterna (no primeiro ano). Às irmãs que trabalham no Centro de Atendimento ao Migrante (CAM) e no Centro Educativo e de Formação Profissional Novo Horizonte (CEFPNH), de Caxias do Sul pela oportunidade de conhecer migrantes. E aos migrantes entrevistados pela confiança em mim depositada, contando suas histórias de vida nas trajetórias de migração.

À família da Silva pelas orações e amizade. Ao padre Marcionei Miguel da Silva, csj, por me acompanhar nesse processo da pesquisa com sua reflexão filosófica e palavras tão sábias. Às pessoas amigas, pela oração, carinho e apoio. E a todos aqueles que me favoreceram neste trabalho da pesquisa, minha gratidão e preces de todo o meu coração.

RESUMO

Esta pesquisa vincula-se aos estudos latino-americanos de recepção midiática e tem como objetivo analisar os usos que migrantes latino-americanos fazem das mídias relacionados ao universo do trabalho na cidade de Caxias do Sul, RS. A fundamentação teórica baseia-se nos conceitos de migração, recepção e trabalho a partir de autores como Jesus Martín-Barbero, Denise Cogo, José de Sousa Martins, Michel De Certeau, Boaventura de Sousa Santos, Jacques Marre e Anthony Giddens. A metodologia, de caráter qualitativo, está constituída pelas técnicas de história de vida, realizadas com uma amostra de 10 migrantes, da observação e da pesquisa documental. Nos resultados da análise, são destacados os usos das mídias pelos migrantes no empreendimento do projeto migratório, na manutenção e busca de trabalho na cidade de Caxias do Sul, local de migração, e como espaço de trabalho.

Palavras-chave: Recepção midiática. Migração. Trabalho.

ABSTRACT

This paper relates to Latin-American studies into the media reception and aims to analyze the uses, by Latin-American migrants, of media means related to the universe of labor in the city of Caxias do Sul, RS. The theoretical framework is based on the concepts of migration, reception and work from authors like Jesus Martín-Barbero, Denise Cogo, José de Souza Martins, Michel De Certeau, Boaventura de Sousa Santos, Jacques Marre and Anthony Giddens. The methodology, of a qualitative nature, consists of techniques of life history carried out with a sample of 10 migrants, in addition to observation and documentary research. The results of the analyses highlight the uses of media by migrants in undertaking the migration project, maintenance and search of jobs in the city of Caxias do Sul, migration place and as a work space.

Key-Words: Media Reception. Migration. Work.

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Eduardo Galeano

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Trabalhadores do pólo metal-mecânico e têxtil.....	113
Figura 2 - “Caxias do sul é acolhedora e próspera, recebe a cada dia novos imigrantes	113
Figura 3 - Carta de Miguel à família 1	122
Figura 4 - Carta de Miguel à família 2	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Roteiro para as entrevistas.....	32
Quadro 2 - Local de nascimento/ocupação atual.....	37
Quadro 3 - Caracterização da amostra dos migrantes e migração pelo trabalho.....	38
Quadro 4 - Caracterização dos entrevistados	45
Quadro 5 - Faixa etária – descendência – origem	50
Quadro 6 - Ocupação profissional/cursos/escolaridade.....	87
Quadro 7 - Motivos da migração	100
Quadro 8 - Usos de mídias pelos migrantes	116

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ONU	Organização das Nações Unidas
OIT	Organização Internacional do Trabalho
CAM	Centro de Atendimento ao Migrante
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CSEM	Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios
CEFPNH	Centro Educativo e de Formação Profissional Novo Horizonte
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
UCS	Universidade de Caxias do Sul
OIM	Organização Internacional de Migrações

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA	19
2.1 CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA.....	22
2.2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	26
2.2.1 Método e técnicas de pesquisa	26
2.2.1.1 O uso da história de vida	28
2.2.1.2 Procedimentos metodológicos complementares: observação, pesquisa documental e audição de programas	33
2.2.2 A amostra de entrevistados, localização e interação com os migrantes	35
2.2.3 O tratamento de dados	39
2.2.4 A cidade de Caxias do Sul como contexto da pesquisa	40
2.2.4.1 As entrevistas e a experiência do campo	42
2.2.5 Caracterização dos Entrevistados.....	45
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	52
3.1 MIGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA, TRABALHO E CIDADANIA.....	52
3.1.1 Migração e trabalho construídos na mídia local: correio riograndense (histórico) e ZH (contemporâneo)	62
3.2 RECEPÇÃO, SENTIDOS/USOS MIDIÁTICOS E MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS	69
4 RECEPÇÃO MIDIÁTICA, USOS DE MÍDIAS E SENTIDOS DO TRABALHO ENTRE MIGRANTES NO SUL DO BRASIL	77
4.1 SENTIDOS SOBRE A EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA	77
4.1.1 A religiosidade como elo para se vincular à sociedade para onde migra	79
4.2 SENTIDOS SOBRE AS REDES SOCIOCOMUNICACIONAIS NA MIGRAÇÃO.....	83
4.3 SENTIDOS SOBRE O TRABALHO	86
4.3.1 Sentidos sobre a relação migração e trabalho: direito à cidadania	99
4.4 “DIFERENÇAS” NA TRAJETÓRIA MIGRATÓRIA: ITALIANIDADE E TABALHO	106
4.4.1 Matriz cultural européia, Festa da Uva e a construção de Caxias do Sul como cidade do trabalho.....	112
4.5 USO DE MÍDIAS PELOS MIGRANTES	115

4.5.1 Mapa de usos de mídias pelos migrantes.....	116
4.5.2 Usos de mídias antes da migração: a presença privilegiada do rádio e da televisão	117
4.5.3 Uso de mídias na migração para o trabalho	119
4.5.4 Consumo plural de mídias na migração	122
4.5.5 Usos da mídia na busca de trabalho no lugar de migração	127
4.5.6 Usos de mídia relacionados à própria mídia como espaço de trabalho.....	129
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS	139
APÊNDICE A - MODELO DA FICHA COM DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	147
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	148
APÊNDICE C - CD-ROM COM AS 10 ENTREVISTAS	150

1 INTRODUÇÃO

Quanto à perspectiva dos estudos de recepção midiática, entendemos ser este um fenômeno complexo, em que o sentido se constrói na relação entre produtos midiáticos e receptores situados sócio-culturalmente no qual operam mediações. Martín-Barbero (1987) emprega o conceito de mediação, desenvolvido e aplicado aos estudos de recepção, junto ao conceito de meios de comunicação. O uso do termo mediação refere-se às construções culturais e simbólicas e às ressignificações de um sujeito mergulhado em um contexto globalizado multiculturalmente e também de intertextualidade. O autor parte da hipótese de que o sujeito que usa os meios de comunicação participa de uma comunidade, de um universo particular e toma decisões em sintonia com o contexto no qual está imerso, negociando de forma simbólica com os meios de comunicação.

Nesse sentido, as mediações envolvem a recepção e, conseqüentemente, a percepção da realidade. Assim, percebemos que a sociedade não pode mais ser compreendida somente pela mídia, porque existem outras realidades, outros dados a serem considerados, ou seja, o receptor já não é entendido apenas como um sujeito passivo que se deixa conduzir pela indústria cultural. A mídia já não é mais vista como a única responsável na formação do modo de ser e de atuar do receptor.

Na contemporaneidade, os estudos de recepção midiática buscam construir certo equilíbrio quanto à questão da centralidade de seus objetos de estudo. Por isso, a importância desta pesquisa¹ de recepção midiática entre migrantes internos, leva-nos a concentrar os esforços na articulação dos eixos conceituais: migração², trabalho e mídia com base no referencial teórico-metodológico dos estudos de recepção e da análise dos dados empíricos obtidos através do trabalho de campo.

A escolha do tema está relacionada à importância da realização de pesquisas sobre o processo de recepção de sujeitos migrantes, uma vez sentida a necessidade de estudos articulados com a recepção midiática que ajudem a entender os mecanismos de recepção para a população migrante.

¹ Inscrita na Linha de pesquisa *Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação* do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS.

² “Migração é o movimento de pessoas de uma região ou sociedade para outra com o propósito de fixar residência. A migração global – movimento de indivíduos que atravessam fronteiras nacionais – aumentou nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial e vem se intensificando ainda mais com a globalização.” (GIDDENS, 2005, p. 231.). Nesse estudo, faremos uso principalmente do termo migração, mas em alguns momentos usaremos também o vocábulo imigração para nos referir à migração histórica e/ou internacional.

Notamos que a questão trabalho, de fato, ocupa uma centralidade na vida dos migrantes e que, embora não seja o único motivo da migração, é um dos principais. Outro aspecto considerado importante a registrar é o da presença relevante de redes sociocomunicacionais de familiares, de amigos e vizinhos no que tange ao apoio à migração, principalmente no processo inicial de inserção na sociedade de acolhida e de inclusão no mercado de trabalho formal. Relevante é, também, o papel dos meios como o rádio, o jornal, a Internet, no cotidiano de migrante, em nos ajudar a verificar os usos ou não usos das mídias pelos migrantes para obtenção de trabalho e qual a importância desses usos em suas vidas. Tendo em vista isso, acreditamos que a pesquisa³, orientada à recepção, pode contribuir para compreender qual a incidência da mídia no empreendimento de um projeto de migração.

Para desenvolver o problema da pesquisa, visando compreender como se travam as relações entre mídia e processos migratórios contemporâneos internacionais e nacionais, foram utilizados estudos sobre o tema. As pesquisas de Denise Cogo (2008)⁴ serviram de orientação para pensar na importância de trabalhos sobre a mobilidade humana com foco na recepção midiática.

Os temas abordados no seminário sobre “Migrações Internacionais e Direitos Humanos⁵” também contribuíram para entender que o observado em nível transnacional, também se constata nas migrações internas. Embora haja muitas causas motivadoras da migração, a questão do trabalho aparece como um dos elementos mais recorrentes.

Para a construção do objeto de estudo desta pesquisa, realizamos, inicialmente, um breve mapeamento na Internet, onde foram observadas matérias *online* no período de dezembro de 2006 a fevereiro de 2007, nos jornais eletrônicos BBC Brasil, Brazilian Times, Folha *online*, agência de notícias Adital e Carta Maior. Optamos por essas mídias, porque por elas, identificamos a presença recorrente do migrante em relação ao universo de trabalho. Isso contribuiu para pensarmos sobre o objeto e a importância de estudos de recepção que possam

³ Inicialmente, julgávamos importante direcionar o estudo também para perceber como os sujeitos migrantes se veem tratados/construídos nos produtos midiáticos, mas, a partir das sugestões da banca de qualificação, percebemos que nesta pesquisa não é viável e por isso buscamos afinar o objetivo da pesquisa sobretudo em termos de recepção.

⁴ Faço referência aqui a duas pesquisas importantes da Prof^a. Dra. Denise Cogo. No livro *Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas*, a autora apresenta resultados de uma pesquisa sobre a construção das migrações contemporâneas na mídia impressa brasileira. Em *Migraciones transnacionales y medios de comunicación: relatos desde Barcelona y Porto Alegre*, a autora traz o resultado de uma pesquisa que surgiu da necessidade de estudar a inter-relação existente entre os meios de comunicação e os processos migratórios. “Por un lado, la sociedad ha vivido en primera persona un desarrollo espectacular de las tecnologías de la comunicación y de la información en las últimas décadas y, por otra parte, con el incremento de la migración transnacional, las ciudades se han convertido en espacios donde conviven personas de múltiples procedencias geográficas y culturales.” (COGO, p. 9.)

⁵ Migrações Internacionais e Direitos Humanos, organizado pelo Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM) foi realizado na UNB, em Brasília, DF, de 8 a 10 de maio de 2008.

vir a incidir nas políticas de apoio aos sujeitos migrantes e em seus processos de cidadania. Podemos afirmar que esse mapeamento inicial contribuiu na compreensão da recepção midiática como um processo de interações entre o “espaço da produção e da recepção”, conforme Martín-Barbero (1987).

A relevância científica desta pesquisa está em apresentar algo relativamente novo frente às pesquisas sobre mídia e migração existentes no Programa de Pós-Graduação de Ciências da Comunicação da Unisinos. A pesquisa de Denise Cogo (2006) traz resultados em torno das interfaces entre mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas⁶. A autora apresenta os resultados da interpretação e análise dos dados empíricos sobre a forma como as migrações são construídas em 10 mídias impressas brasileiras, analisadas por meio de uma cartografia dessa construção das migrações. A pesquisadora Jiani Adriana Bonin (2001) trabalhou em sua tese “A identidade étnica como mediação na recepção de telenovela”. O estudo empírico está focalizado na recepção da telenovela *Suave Veneno* da Rede Globo de Televisão, no período janeiro/setembro de 1999, por famílias camponesas descendentes de imigrantes alemães e italianos do município de Urubici, SC. O propósito desse trabalho foi pensar sobre a identidade étnica como mediação entendida no processo de produção de sentidos na recepção televisiva. Desde outra perspectiva e fora do contexto da Unisinos, a pesquisadora Roseli Fígaro Paulino enfoca o tema mídia e trabalho na pesquisa “Comunicação e trabalho. Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação”, mas não estuda a migração. Sobre as mídias e migrações contemporâneas, também, observamos que há uma abordagem geral do tema, porém, uma escassez de pesquisas que articulem as perspectivas sobre mídia, migração e trabalho. Essa afirmação é possível, a partir do levantamento feito no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no dia 21 de fevereiro de 2010. No banco de dados da CAPES, pesquisamos sobre: “mídia, migração e trabalho” e encontramos, como resultado, dezesseis teses e dissertações. A pesquisa seguinte se buscou nas palavras-chave: “recepção midiática e migrações contemporâneas” e obtivemos, como resultado, uma tese sobre o assunto. A leitura das sínteses destaca carência de abordagem do tema que propomos pesquisar. A originalidade deste estudo está no enfoque dado às inter-relações do trabalhador migrante com a mídia, na perspectiva da recepção midiática.

⁶ Essa é uma obra de referência sobre estudos dos meios de comunicação e migrações atuais.

Interessa-nos conhecer a vida dos sujeitos migrantes, não apenas comprovando em que grau as necessidades econômicas são um fator determinante do processo migratório, mas analisar a experiência migratória a partir dos eixos temáticos escolhidos para esta pesquisa.

Inicialmente, pensamos em entrevistar migrantes em outros Estados do Brasil, onde se observam significativos fluxos migratórios e onde a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabriniana (2007) tem centros de estudos migratórios e, através dos quais, conseguirmos informações importantes sobre o objeto de estudo. Porém, essa proposta se tornou inviável. Demandaria um período maior de tempo para a pesquisa de campo. Devido a isso, o projeto foi redimensionado e optamos pela cidade de Caixas do Sul, por ser uma cidade receptora de migrantes procedentes de diversos Estados do Brasil e de cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul, inclusive, oriundos de outros países,

Contribuíram, para essa tomada de decisão, as leituras e reflexões sobre o problema de pesquisa, bem como o estudo exploratório que permitiu o levantamento de dados sobre a recepção⁷. Esse processo foi decisivo para conhecermos a importância do eixo da recepção midiática com uma amostra de migrantes internos. Isso aconteceu dentro de um processo em que, de forma dialética, houve a articulação de estudos teóricos e metodológicos com a pesquisa empírica.

Por isso, o empenho está em focarmos a problemática na recepção, mas também em apresentarmos elementos importantes da produção, porque entendemos que ambas têm relação e não estão separadas como etapa.

Sob vários aspectos, o interesse em pesquisar migração e recepção midiática está na relação ao fato da imigração na minha própria família. Desde criança, meus pais contavam que meus bisavôs eram imigrantes italianos que enfrentaram a longa travessia marítima, na qual muitos parentes não chegaram ao Brasil. Morreram durante a viagem. Meus pais também foram migrantes. Meu pai nasceu em Caxias do Sul e, aos cinco anos de idade, migrou com os seus para o povoado de Nova Fiume, distrito de Lagoa Vermelha, na época. Em 22 de novembro de 1965, emancipou-se como município Ibiaçá, RS. Minha mãe nasceu em Sananduva, RS, e migrou com a família, ainda criança, para Ibiaçá. Meus pais residem, até hoje, nesse município, mas alguns dos meus irmãos migraram para outras cidades do Estado. Para seguir a vocação à vida religiosa consagrada, aos 18 anos de idade, também vivi a experiência da migração interna, passando a morar em uma comunidade formativa da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas, na cidade de

⁷ O estudo exploratório será detalhado posteriormente.

Paraíba, RS. No ano seguinte, para Caxias do Sul, onde resido atualmente. Por minha própria experiência, compreendi o sentido de migrar, movida pelo desejo de dedicar a vida à causa do migrante, em especial, ao mais pobre e abandonado. Como migrante sofri essa mistura de saudade, ansiedade, medo e surpresa diante do novo e certo preconceito pelo sotaque italiano de quem cresceu em um ambiente onde o dialeto italiano era o idioma materno e o português, o da escola.

A praticidade desta pesquisa se sustenta no fato de ter trabalhado no Centro de Atendimento ao Migrante (CAM)⁸, em Caxias do Sul, no período 2005-2008, exercendo a função de presidente. Oram da Congregação, o CAM presta serviço de assistência social com os setores de serviço social e psicologia. São atendidos migrantes procedentes de cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul como Santana do Livramento, Bagé, Alegrete, Uruguaiana, Dom Pedrito, São Gabriel, Itaqui, São Borja e também de outros Estados do Brasil e de outros países, em número menor. Em geral, o motivo da migração é a necessidade de um trabalho capaz de suprir as próprias necessidades básicas, as de suas famílias e realizar o sonho de construir uma vida melhor.

Para o trabalho, levantamos três questões fundamentais que também orientam a problematização da pesquisa: 1. Que mídias os sujeitos migrantes usam em seus cotidianos? Que usos fazem das mídias relacionados ao trabalho? Qual a importância atribuída às mídias? 2. Como os migrantes usam as mídias para os seus projetos de migração? 3. Qual o espaço e papel das redes sociocomunicacionais de familiares, parentes e amigos nessa trajetória de migração em busca de trabalho?

Pensando em situar melhor nosso leitor, apresentamos aqui a pesquisa realizada, dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos a introdução. No segundo, a contextualização do objeto de pesquisa e a apresentação de sua problemática, tendo presente que se trata de uma pesquisa qualitativa relacionada aos estudos de recepção. Descrevemos sobre o percurso metodológico da pesquisa e discutimos sobre o método e técnicas utilizadas: o uso da história de vida, além de procedimentos metodológicos complementares, ou seja,

⁸ O Centro de Atendimento ao Migrante pertence à Congregação das Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas, da qual sou membro, fundada por João Batista Scalabrini, em Piacenza, Itália, aos 25 de outubro de 1895. Tem a finalidade de prestar serviço evangélico e missionário aos migrantes. No início, a expansão aconteceu no Brasil. Em 1936, na Europa e em 1941, expandiu-se para a América do Norte e nos últimos anos em países da América Latina, América Central, Ásia e África. Hoje, a Congregação está presente em 27 países, trabalhando nas áreas da saúde, educação e assistência social e os desafios são maiores. Isso exige conhecimento mais profundo dos processos migratórios e esse conhecimento mais sistematizado chega principalmente através de pesquisas realizadas pelos centros de estudos migratórios da Congregação, entre eles o Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM) de Brasília, DF, que é fonte de pesquisa para universidades como a Unisinos.

observação, pesquisa documental e audição de programas. Apresentamos, igualmente, a amostra de entrevistados, como foram localizados e o processo de interação vivenciada no trabalho de campo assim como o tratamento dos dados empíricos. A cidade de Caxias do Sul é apresentada como contexto da pesquisa e, a partir disso, discutimos sobre as entrevistas relacionadas à experiência do campo e, por fim, propomos uma caracterização dos entrevistados.

No terceiro capítulo, dos pressupostos teóricos, discutimos os conceitos escolhidos durante a pesquisa: migração contemporânea, trabalho e cidadania. Estudamos sobre a Migração e trabalho construídos na mídia impressa local: jornal Correio Riograndense (histórico) e jornal Zero Hora (contemporâneo). Dedicamos tempo importante aos conceitos de recepção, sentidos e usos midiáticos, dialogando a partir de estudos de autores como Jesús Martín-Barbero, Guillermo Orozco Gómez, Denise Cogo, José de Sousa Martins, Michel De Certeau, Boaventura de Sousa Santos, e Anthony Giddens.

No quarto capítulo, relacionado à recepção midiática, à migração e ao trabalho, desenvolvemos a análise dos dados empíricos, iniciando com uma discussão sobre os sentidos da experiência migratória e também sobre a religiosidade como elo para se vincular à sociedade para onde migraram. Analisamos os sentidos das redes sociocomunicacionais na migração e os sentidos sobre o trabalho, além dos sentidos da relação entre migração e trabalho na perspectiva do direito à cidadania. Na sequência, apresentamos o tema das “diferenças” na trajetória migratória com ênfase nos elementos italianidade e trabalho; analisamos alguns aspectos da matriz cultural européia e a construção de Caxias do Sul como cidade do trabalho. Trazemos a discussão referente aos usos de mídias pelos migrantes a partir de um mapa desses usos, considerando os usos de mídias antes da migração com a presença privilegiada do rádio e da televisão. Ainda em relação aos usos de mídias, verificamos como isso acontece na migração para o trabalho, discutindo também sobre o consumo plural de mídias na migração. Além disso, sobre os usos da mídia na busca de trabalho no lugar de migração e relacionados à própria mídia como espaço de trabalho.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA

Na realização da pesquisa primeiramente nos detivemos unicamente no tema da produção midiática. Porém, à medida em que fomos nos apropriando de conhecimentos sobre os estudos da recepção, percebemos a importância de focarmos nosso trabalho também quanto à recepção. Dessa forma, a problemática foi construída a partir de um processo de articulação dos eixos temáticos migração, trabalho e recepção.

Para a efetivação deste estudo, foi escolhido um território, de localização de migrantes, para as entrevistas. A origem desse trabalho e a opção pelo município de Caxias do Sul, RS, se deram pelo conhecimento dessa realidade migratória, por leituras afins e, posteriormente, por uma pesquisa realizada, nos últimos dois anos, com uma amostra preliminar de 683 pessoas cadastradas no Centro de Atendimento ao Migrante⁹, em Caxias Sul. A pesquisa oferece o perfil¹⁰ atual dos migrantes do município e aponta a busca por trabalho como motivo principal para sair do lugar de origem. Pensando na importância do território escolhido para colher os dados sobre o objeto da pesquisa, voltamos nosso olhar às origens do município de Caxias do Sul¹¹. Fundado em 1875, por imigrantes italianos. Desde seu início, a cidade está ligada ao fenômeno migratório. A colônia Caxias fez parte do Programa de Colonização no Sul do País, vigente entre os períodos imperial e republicano.

⁹ O Centro de Atendimento ao Migrante, instituição de assistência social, sem fins lucrativos, pertencente à Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo, Salabrinianas, que iniciou suas atividades de assistência social em Caxias do Sul, RS, a partir de quatro de junho de 1984 [conforme ata n. 91 registrada no Cartório Mário Ramos – 3º Tabelionato – Caxias do Sul, reconhecendo firma de Teresa Giacomini, Lucia Boniatti e Eclair Dall’Agnol]. Desde 2003, o CAM tem sua sede na região administrativa Desvio Rizzo, em Caxias do Sul, porque esta região apresenta acentuado contingente migratório e crescimento populacional desordenado. O bairro formado por loteamentos e núcleos sub-habitacionais está situado na zona sul, região periférica da cidade de Caxias do Sul. Os dados estatísticos asseguram que há mais de 38 mil habitantes nessa região. Possivelmente esse número esteja subestimado, porque diariamente se instalam pessoas migrantes nesta região. O Centro de Atendimento ao Migrante tem a finalidade de atender pessoas migrantes para incluí-las em seus programas com vistas a fortalecer a auto-estima quando essa se faz necessária, capacitá-las e qualificá-las profissionalmente para inseri-las no mercado de trabalho formal e/ou informal. Nessa perspectiva, o CAM, num trabalho em rede, encaminha migrantes para realização de cursos de capacitação e qualificação profissional.

¹⁰ A faixa etária dos atuais migrantes de Caxias do Sul fica entre 20 e 44 anos, representando 67,65% dos envolvidos. Motivos apresentados para sair de suas cidades de nascimento são a busca por trabalho, o emprego e a renda e escola para os filhos. Escolaridade baixa, sendo 15,81% com ensino fundamental incompleto e 47% com ensino médio completo. A migração intraestadual é de 56,66%, sendo a maior parte de municípios da Fronteira Oeste e Campanha do Rio Grande do Sul. A interestadual corresponde a 13,32%, com maior representação de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Pesquisa do Centro de Atendimento ao Migrante, 2009.

¹¹ Contextualizamos de forma mais detalhada a cidade de Caxias do Sul como contexto da pesquisa na subseção 2.2.4 deste capítulo.

Trazemos aqui os estudos sobre o Programa de Colonização no Sul do Brasil feitos pela pesquisadora Vânia Herédia (2001) apresentando elementos importantes sobre o movimento de colonização seus objetivos. Um dos objetivos da Colonização do Sul era a constituição de um exército para a defesa do território, onde eram notáveis as dificuldades de controle das fronteiras e da própria hegemonia. Outro objetivo referia-se à ocupação dos lugares vazios que propiciasse o desenvolvimento da atividade agrícola, da indústria e do comércio, tendo em vista a criação de “classes sociais intermediárias entre o senhor de terras e o escravo; a substituição da mão-de-obra escrava pela mão de obra livre, assalariada devido à expansão da causa abolicionista e à implantação do trabalho livre” (HERÉDIA, 2001). Dessa forma, se desenvolveriam as cidades e, com isso, se estimularia o comércio e se fomentaria a criação de empregos de infra-estrutura, incrementando o desenvolvimento nacional. Havia igualmente a clara finalidade de branquear a raça através de “uma política assumida pela elite intelectual brasileira e pelos legisladores do Império, garantindo que os colonos europeus que viessem colonizar o Brasil fossem brancos” (HERÉDIA, 2001).

Através dos estudos de Martins (1973), também entendemos que o Programa de Colonização no Sul do País privilegiou os imigrantes brancos, europeus, italianos em detrimento de outras etnias. Em sua história, o Brasil priorizou a migração branca e

o imigrante que contou com as apreciações mais favoráveis foi o italiano. Martino Prado, também em discurso na Assembléia Provincial, em 1884, assinalando o êxito da imigração italiana, dizia que “a ignorância levava os nossos lavradores a julgar o italiano inapto para a lavoura”. E ele próprio, em outra ocasião, num relatório à diretoria da sociedade Promotora da Imigração, justificava a política de preferência nacional e até regional na seleção do imigrante; “Se a Sociedade Promotora até hoje tem introduzido somente italianos, e do norte, não o fez por sistema, procurando afastar os de outras procedências. O motivo principal foi o já apontado, da preferência para os que são chamados, além da grande procura e predileção pelos trabalhadores desta nacionalidade, perfeitamente adaptados pela moralidade e inexcusável amor ao trabalho, aos nossos desejos, se nos quisermos pronunciar com imparcialidade e justiça. E mesmo o presidente da província testemunhava, em 1888, que “os imigrantes italianos em sua generalidade são laboriosos; e todos, homens, mulheres e crianças válidos, dedicam-se, sem certas preocupações de vaidade, que às vezes aparecem dentre os nacionais, a todos os misteres necessários. Numa frase já citada em outra parte deste trabalho, Delden Laërne resumiu o sentido da avaliação positiva do imigrante italiano constante de depoimentos anteriores: “Os colonos italianos, sobretudo os do norte da Itália, satisfazem melhor aos proprietários. Contentam-se com pouco, são muito econômicos e mais fáceis de dirigir que os colonos alemães, que parecem ter aversão pela cultura do café (MARTINS, 1973, p. 177).

A partir dessa questão, trazemos novamente Herédia (2003), quando diz que Caxias progrediu de forma rápida em relação às demais colônias da região e apresentou processo de

desenvolvimento semelhante aos demais grupos coloniais europeus fixados no Estado do Rio Grande do Sul.

Vemos, hodiernamente, que os migrantes, em sua maioria pessoas jovens, migram para cidades, como Caxias do Sul, para conseguir um trabalho e melhores condições de vida. Essa migração requer um planejamento das políticas sociais e demais serviços públicos, no que diz respeito à qualificação da mão de obra para ser absorvida pelo mercado de trabalho tão exigente na atualidade.

A importância de um estudo de recepção midiática entre migrantes internos na cidade de Caxias do Sul, de acordo com Herédia (2009)¹², está ancorada em pesquisas contemporâneas como a do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2005) onde vemos que Caxias do Sul é o segundo maior pólo metal-mecânico do país e está entre os 100 maiores municípios do Brasil, ocupando a 29ª posição em relação ao valor acrescentado bruto da indústria, com participação do Produto Interno Bruto (PIB) nacional de maneira relativa com 0,57% e de forma acumulada com 37,41% (FLORES et al., 2008). A população estimada, conforme IBGE, 2009, é de 410.166 habitantes, porém, diariamente, chegam a Caxias do Sul novos migrantes que não entram nas estatísticas, mas colaboram na construção econômica da cidade. O município tem um PIB de R\$ 8.422.381 bilhões (IBGE, 2005) e com um PIB *per capita* de R\$ 20.838,00, em vista de o município contar com um orçamento de R\$ 611.756.470,47 e com a arrecadação do ICM que é de R\$ 431.756.047. Sobre o município de Caxias do Sul, é possível dizer que ele se destaca no panorama nacional pela volumosa oferta de vagas no mercado de trabalho formal, mas também exige mão de obra qualificada por ser um grande núcleo econômico do pólo metal-mecânico do Sul e do Brasil.

Uma das questões importantes é considerar que no mundo do trabalho começa a se desenhar uma nova realidade e, nesse sentido, entendemos que na medida em que os sistemas tecnológicos, de transportes, as telecomunicações e a informática se desenvolvem, mais rápida será a velocidade das transformações. Também observamos que a contemporaneidade está marcada pela crise de fragmentação do mundo do trabalho e, conseqüentemente, pela crise das competências e habilidades humanas.

¹² Caxias do Sul é uma cidade de porte médio com uma história marcada por migrações desde sua formação. A partir de 1970 foi classificada como um dos pólos metais-mecânicos do Brasil e definida pelo governador Synval Guazelli, como a “área metal-mecânica do estado do RS.

2.1 CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA

Tendo presente o problema de pesquisa, inicialmente percebemos a importância de rever os objetivos, considerando que apenas um mapa de consumo de mídias dos migrantes em âmbito geral não seria capaz de apontar para alguma questão norteadora da pesquisa. Nesse aspecto, o eixo trabalho ocupa um lugar central na delimitação do problema da pesquisa e, como referimos anteriormente, ele desencadeia processos de migração. Vemos, então, que a categoria trabalho é capaz de definir, em determinada perspectiva, o sujeito migrante interno que se move para Caxias do Sul. Entendemos também que é necessário ir além dos usos dos meios de comunicação pelos migrantes e verificar quais são as mídias que os migrantes acessam e o que elas significam para eles em seus processos migratórios relacionados ao mundo do trabalho.

No processo da delimitação do tema foi importante uma pesquisa realizada no Centro de Atendimento ao Migrante (CAM), em 2007, pelo campo do serviço social da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Essa pesquisa demonstra que dos 323 cadastrados analisados no CAM, no período de 2003 a 2007, mais de 70% são migrantes internos, que empreenderam um projeto migratório, porque desempregados na cidade de origem ou buscando um emprego melhor.

Esta pesquisa aponta que a falta de qualificação se constitui em uma das principais barreiras para ingressar no mercado formal de trabalho. Nas fichas cadastrais do banco de dados do Centro de Atendimento ao Migrante (CAM), além da identificação pessoal tais como: nome, data de nascimento, sexo, endereço, bairro, naturalidade, UF, estado civil, número de dependentes, escolaridade, renda, consta a causa principal da migração, as condições de moradia e ocupação atuais e vulnerabilidades decorrentes da migração.

As leituras de dados da pesquisa do Centro de Atendimento ao Migrante nos ajudaram a construir uma abordagem exploratória¹³ de recepção, realizada nos meses de outubro e

¹³ Essa pesquisa exploratória foi feita para a disciplina *Mídia e Recepção, na Unisinos*, com a professora doutora, Jiani Bonin, em 2007. Foi utilizada a técnica de entrevistas organizada em um questionário em três blocos: Migração, Trabalho e Mídia. Foram entrevistados cinco sujeitos migrantes, cujos nomes são fictícios, tendo em vista a preservação de suas identidades, procedentes de cidades do estado do Rio Grande do Sul: Pedro, 37 anos, natural de São Luiz Gonzaga; Paula, 30 anos, natural de Porto Alegre; Susana, 46 anos, natural de Santana do Livramento; Lídia, 57 anos, natural de Santo Ângelo; Ruth, 23 anos, natural de Erechim. Paula, Susana e Lídia são usuárias do Centro de Atendimento ao Migrante. Essa pequena amostra possibilitou maior aproximação dos receptores, para identificar, ainda que de modo incipiente, os usos e as apropriações que os migrantes fazem da mídia em seus cotidianos de trabalhadores e/ou desempregados. Essa pesquisa trouxe pistas importantes sobre os usos da mídia nos lugares de origem pelos migrantes e nos ajudou a entender que esses usos de mídias colaboram na hora de formular um projeto de migração para cidades

novembro de 2007, com migrantes internos moradores do loteamento São Gabriel, região administrativa do bairro Desvio Rizzo, em Caxias do Sul, RS.

Quando, como pesquisadores, estamos ligados estreitamente ao objeto da pesquisa, começamos a perceber as dificuldade de delimitação de um problema de pesquisa. E até chegarmos a essa delimitação, são cruciais os questionamentos, as reflexões, as idas e vindas ao material empírico buscando tencionar e dialogar com o corpus teórico, na perspectiva da construção de uma pesquisa que venha a contribuir para a compreensão do objeto estudado.

A construção da problemática da pesquisa, ou seja, da questão norteadora, é formulada a partir da seguinte premissa: É possível afirmar que a busca pelo trabalho está imbricada nas trajetórias migratórias internas em Caxias do Sul e no cotidiano de migrante e que os usos de mídias e as redes sociocomunicacionais de familiares, parentes e amigos mediados ou não são fundamentais nessa trajetória. Os próprios dados que foram sendo olhados no âmbito da pesquisa foram evidenciando a questão do trabalho como categoria importante.

Para, praticamente, todos os entrevistados da pesquisa, que, como já referimos, serão apresentados, posteriormente, a questão do trabalho aparece como elemento importante dessa experiência desencadeadora da migração, através dos maridos das entrevistadas ou dos próprios migrantes. Por exemplo, no processo migratório em busca de trabalho e melhores condições de vida, notamos que da amostra dos 10 sujeitos migrantes entrevistados, seis são mulheres e quatro delas estão desempregadas e seus maridos/companheiros estão trabalhando em empresas do pólo metal-mecânico. No caso de Vitória¹⁴, o marido migrou antes, contando com o apoio das redes sociocomunicacionais de parentes, ou seja, através de um primo que já morava na cidade de Caxias do Sul e conseguiu trabalho na empresa em que ele trabalha. Porém, Vitória, que está em Caxias do Sul há mais de um ano, ainda não conseguiu ingressar no mercado de trabalho formal urbano. Enquanto isso, faz cursos técnicos e está concluindo o ensino médio, porque percebe que esse mercado de trabalho é exigente.

como Caxias do Sul, onde os migrantes acreditam que há “muitas vagas de trabalho” principalmente na área metalúrgica. Esse primeiro contato exploratório foi útil para os encaminhamentos relacionados à delimitação da amostra e viabilidade da pesquisa. Nesse contato inicial com as pessoas migrantes para as entrevistas, a preocupação principal não esteve em aprofundar cada assunto com intenção de esgotá-lo, mas estar mais próxima do objeto para observá-lo e entendê-lo, percebendo suas especificidades, nuances, sentidos de apropriação e usos de mídias em seus cotidianos de migrantes. Na ocasião, foram apresentados apenas alguns dados, em vista do curto espaço de tempo destinado à apresentação dos trabalhos de campo. Esses dados foram retomados para elaboração de um artigo científico, mas para a pesquisa do mestrado foram localizados outros sujeitos migrantes.

¹⁴ Vitória, natural de Rivera, Uruguai, e moradora de Caxias do Sul, é uma das migrantes da amostra que foi entrevistada na pesquisa do mestrado e que será retomada no capítulo da análise do material empírico.

Vemos que a experiência migratória de Maria¹⁵ se assemelha à de Vitória, pois o marido também migrou antes para Caxias do Sul através de um familiar e conseguiu inserir-se em uma empresa do ramo metal-mecânico, mas Maria percebe que, apenas com o ensino fundamental que possui, torna-se difícil ingressar no mercado de trabalho e por isso também já está pensando em fazer algum curso no Centro de Atendimento ao Migrante com a esperança de conseguir um emprego.

Marta e Ester¹⁶ migraram acompanhadas de seus maridos que conseguiram trabalho em metalúrgicas, mas, para elas, o mercado parece não ser muito promissor. Enquanto isso, investem o tempo livre aproveitando as oportunidades de cursos técnicos e profissionalizantes oferecidos pelo Centro de Atendimento ao Migrante. Ambas fizeram cursos na área de produção de alimentos e no ramo metal-mecânico como forma de qualificação profissional, pois a esperança não permite que desanimem.

Pensando em dar conta dessa discussão em torno do trabalho, da migração e da recepção, neste ponto do texto, entendemos a importância de formular melhor a questão do trabalho no problema da pesquisa, destacando mais uma vez que a categoria trabalho assumiu sua relevância a partir da evidência no tratamento dos dados empíricos. Após a banca de qualificação do mestrado, a pesquisadora, num primeiro momento, pensou em abandonar a questão do trabalho, porém, a partir da leitura dos dados empíricos obtidos no trabalho de campo, entendeu ser necessário retomar a discussão em torno da questão do trabalho articulado à migração e à recepção midiática. Citamos alguns exemplos identificados nas narrativas dos entrevistados que depois serão melhor detalhados: migrar várias vezes em função do *trabalho*; ter dificuldade para conseguir emprego em Caxias do Sul; ter a mídia como âmbito de trabalho, atuando como radialista; migrar para sete cidades do RS e na maioria das vezes em função do trabalho; e sofrer fome também aparece como uma das marcas da trajetória de migração que sugere a necessidade de trabalho. O eixo trabalho é preponderante para sete deles e para os outros três entrevistados, vem combinado com outras motivações como o reagrupamento familiar.

Na apropriação desse conhecimento específico, tomando a mídia como eixo temático principal pela sua importância na construção de um projeto de migração pelo trabalho, em síntese, podemos dizer que o problema da pesquisa está articulado aos usos que migrantes fazem das mídias relacionados ao universo do trabalho na cidade de Caxias do Sul, RS, seja

¹⁵ Maria, natural de Itaqui, RS, é uma das entrevistadas da amostra da pesquisa que será retomada no capítulo onde analisaremos o material empírico.

¹⁶ Marta e Ester são migrantes entrevistadas da amostra, que também serão apresentadas posteriormente.

no empreendimento do projeto migratório, na manutenção e/ou na busca de trabalho na cidade de Caxias, local de migração, seja na apropriação da mídia como espaço de trabalho.

Focamos a reflexão no contexto das migrações contemporâneas internas em Caxias do Sul, cidade “conhecida” por suas matrizes culturais européias¹⁷. Não deixamos de entender os sujeitos migrantes como seres plurais, mas, através das muitas idas e vindas ao material empírico, percebemos que a categoria *trabalho*¹⁸ assume grande relevância. Podemos dizer isso a partir dos relatos dos 10 sujeitos migrantes entrevistados, que serão apresentados posteriormente. Suas falas nos ajudaram a perceber que o *trabalho* e a migração se articulam, de modo preponderante, com a mídia, como, por exemplo, quando os migrantes expressam ideias de Caxias como o lugar do progresso, do desenvolvimento, das fartas oportunidades de *trabalho* principalmente no setor industrial. Marta, uma das migrantes da amostra, relatou que, no lugar de origem, fazia usos de mídias para conhecer Caxias do Sul e, pelos noticiários televisivos, “sabia” que em Caxias do Sul o polo metal-mecânico oferecia boas oportunidades de trabalho. Foi motivada por esse conhecimento que possuía da cidade pela mídia e pelas redes sociocomunicacionais de parentes (especificamente de uma tia residente em Caxias do Sul), que, em 2008, Marta migrou com o marido de Itaqui, cidade da fronteira do RS, para Caxias com o objetivo de trabalhar e ter uma vida mais digna. Hoje, o marido de Marta é operário em uma metalúrgica no turno da noite e trabalha de segunda-feira a sábado. Marta lamenta ainda não ter conseguido um emprego para ajudar na renda familiar. Para se inserir no mercado de trabalho, ela faz uso de mídias como o jornal Pioneiro e a rádio Viva, em seu cotidiano de migrante e fica “antenada” nas oportunidades que podem surgir. Porém, Marta entende que perde chances de emprego quando as empresas exigem qualificação. Por isso, iniciou um curso de Leitura e Interpretação de Desenho (LID) e Metrologia Dimensional, no Centro de Atendimento ao Migrante, porque observa que apenas com o ensino médio poucas portas se abrem para a inclusão efetiva no mercado de trabalho formal urbano.

¹⁷ Na opinião da pesquisadora Denise Cogo (2006), “essas matrizes são, ainda, acionadas e (re)configuradas permanentemente nos processos de intervenção e ação individuais e coletivas dos sujeitos migrantes, de suas redes e organizações sociais como, por exemplo, as entidades confessionais vinculadas à Igreja Católica que atuam no atendimento aos imigrantes no Brasil.” (p. 93-94)

¹⁸ Quanto o termo trabalho for usado no sentido de categoria a ser analisada, destacaremos em itálico, para não confundir o leitor.

2.2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Com os procedimentos metodológicos, a seguir buscamos dar conta da pesquisa com vistas a estudar a recepção midiática entre migrantes internos em Caxias do Sul. Para isso, fizemos uso de pesquisa bibliográfica, principalmente, na área da comunicação¹⁹, convidando para dialogar sobre o problema da pesquisa autores como Jacques Marre, Daniel Bertaux, Alberto Efendy Maldonado, Jairo Grisa e Roberto Jarry Richardson na perspectiva de conceituar os estudos de recepção em nível de América Latina e as migrações contemporâneas. Dessa forma, pesquisamos a problemática migratória contemporânea principalmente em nível de Brasil, na perspectiva da recepção.

2.2.1 Método e técnicas de pesquisa

Valemo-nos de uma pesquisa de Grisa (2003) para dizer da relevância do estudo para a área da comunicação, especialmente para os estudos de recepção midiática e, nesse sentido, faremos uso do método qualitativo²⁰ visto que, no entendimento de Richardson (1999, p. 47), “o pesquisador obtém ‘mediações’ que apresentam maior validade interna, pois as observações não estruturadas permitem conhecer detalhes que os instrumentos estruturados (questionários) não podem obter.” Para isso, usamos um sistema aberto de informações, procurando vincular o campo empírico ao campo teórico, visando apresentar os sentidos produzidos pelos sujeitos migrantes nas interações com as mídias.

No itinerário metodológico, elaboramos o que, em metodologia, Winkin chama de “protocolo de trabalho de campo”, ou seja, um roteiro²¹ para o trabalho de campo exploratório de recepção midiática com migrantes. Nessa etapa, foi preciso definir objetivos, amostra,

¹⁹ Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, Trilhas e Processos, de MALDONADO (2006), é um chamamento para refletir sobre a pesquisa em comunicação e suscitar pensamentos iluminados para fundamentar um novo modelo de sociedade, na qual não hajam excluídos. O autor dá atenção especial aos processos midiáticos.

²⁰ “Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.” (RICHARDSON, 1999, p. 39.)

²¹ Sobre a elaboração do roteiro, iremos detalhar mais adiante e apresentá-lo em forma de tabela e também como anexo desta pesquisa. Na realização das entrevistas, levamos em conta uma necessária flexibilidade no uso do roteiro, ou seja, não ficamos presos ao papel, às questões. Na verdade, ele serviu mais como guia, como mapa mental, tendo em vista o objetivo de fazer entrevistas abertas em profundidade.

critérios, técnicas e outros procedimentos, tendo em vista que a abordagem exploratória contribuiu para conhecermos o pequeno, mas significativo, universo pesquisado. Trazemos aqui a discussão de Maldonado, na qual ele afirma que

pensar frutífera e sistematicamente leva a significativos investimentos de caráter espiritual, eles provocam agudos processos eletroquímicos que podem levar a situações entrópicas: estresse, depressão, euforia, obsessões, fobias, etc. manifestando a intensidade dos choques psíquicos nas experiências de busca e construção de saberes (MALDONADO, 2002).

Conforme Maldonado (2002), o “sensitivo/emotivo” precisa ser trabalhado de forma inteligente no exercício da investigação, tendo em vista que, quando trabalhamos “com carinho”, estamos gerando importantes energias “para a produção de pensamentos”. Porém, se ignoramos essa dimensão, podemos causar prejuízo ao desenvolvimento da pesquisa.

Para entrar em um processo capaz de atender às exigências da pesquisa empírica, Winkin (1998) reflete que é preciso começar a controlar o olhar, sistematizando num primeiro momento a observação. É preciso fazer um movimento entre a prática vivenciada e a teoria que deve ser lida paralelamente. Para conseguir uma aproximação maior do objeto, percebemos a importância de começar dois movimentos simultâneos. Primeiro, buscamos a delimitação teórica por meio de leituras, especialmente, sobre pesquisas de recepção midiática para, com base na teoria, vermos mais longe a realidade que propomos pesquisar. Segundo movimento, irmos a campo para conseguirmos uma aproximação maior do objeto.

Sobre a fotografia, o autor sugere que seja feita apenas num segundo momento, porque “é uma maneira de não estar realmente cara a cara com o outro” (WINKIN, 1998, p. 140). Pensamos, contudo, na importância de fazermos alguns registros fotográficos que possam contribuir com a pesquisa.

Na etapa da pesquisa empírica, inicialmente empenhamos esforços para estarmos presentes fisicamente no lugar em que o migrante está se inserindo, caminhar pelas ruas onde mora, permanecer em sua companhia na casa em que habita. Nessa proximidade com o migrante, saber ouvir e acolher a sua história.

2.2.1.1 O uso da história de vida

As entrevistas e histórias de vida²² são usadas por pesquisadores da recepção para dar visibilidade a pessoas anônimas que abrem espaço em seu cotidiano de sofrimento e doam tempo para que seja conhecido seu universo de vivências com enfoque no estudo da recepção. Também queremos dar visibilidade aos sujeitos migrantes entrevistados que empreenderam um projeto migratório por diferentes razões e abriram espaço em seu cotidiano doando de seu tempo, para que fôssemos conhecendo suas trajetórias de migração, suas dificuldades, suas esperanças, seus valores, seus sonhos, medos e desejos e um rico universo de vivências e de saberes. Mas sempre respeitando sua liberdade para contar sobre suas vidas na perspectiva da migração. Para alcançar esse objetivo, a história de vida precisa vir acompanhada da técnica de entrevista²³ porque é o instrumento mais adequado para pesquisas qualitativas de recepção midiática.

Entendemos que a utilização da técnica de entrevista narrativa é um importante instrumento para coletar dados para a pesquisa de recepção midiática e ajuda a compreender o que os sujeitos migrantes esperam conseguir com esse projeto migratório, o que desejam, o que sonham, como viviam, como estão vivendo, quais as diferenças culturais, como alimentam a própria fé, como professam suas crenças, quais mídias usam e consomem, como se apropriam delas e qual sua importância.

Em Bertaux (2005), temos três importantes pontos sobre a entrevista que merecem nossa atenção: acompanhamento, administração do inesperado e a recompilação. No primeiro ponto, para realizar uma entrevista, necessitamos acompanhar o interlocutor para que ele assuma o papel de narrador, através da manifestação de interesse do pesquisador, podendo este se manifestar de várias formas: com mímica, murmúrios de aprovação e interrompendo-lhe a fala o menos possível. No segundo ponto, precisamos administrar o inesperado, como manifestação de emoções fortes que acompanham a lembrança de momentos dramáticos e os silêncios prolongados. O autor aconselha não temer frente às emoções do entrevistado e às

²² GRISA (2003) em uma nota na página 333 citando Galino Cárceres classifica o “2º tipo” de procedimento técnico-metodológico da pesquisa, dizendo que esse tipo “dá conta de técnicas discursivo-reflexivas (como história de vida e a análise de discurso, nas quais a reflexão assume a centralidade do processo).” Toda história de vida encerra um conjunto de depoimentos e, embora tenha sido a pesquisadora a escolher o tema, a formular as questões ou a esboçar um roteiro temático, é o narrador que decide o que narrar. A história de vida é uma ferramenta valiosa exatamente por se colocar no ponto no qual se cruzam vida individual e contexto social.

²³ Optamos pela técnica de coleta de dados: entrevista (oral) em profundidade indireta e centralizada num tema particular (mídia, migração e trabalho), para isso fizemos uso de um roteiro com questões que serviu mais como guia, como lista-controle. (RICHARDSON, 1999, p. 211.)

próprias emoções, porém orienta controlar suas manifestações, pois “la carga emocional es también una carga de significado. Siempre habrá tiempo, a la hora del análisis, de distinguir las y de valorarlas” (BERTAUX, 2005, p. 69). No terceiro ponto, Bertaux diz serem duas as formas de “recopilar” uma entrevista: através da gravação ou da escrita. Aconselha a utilização simultânea das duas formas e, além disso, sugere anotar as expressões do rosto do interlocutor, os gestos, as ideias que surgem, as questões ou intuições, o que surpreende, as impressões e as emoções vividas, pois, nesse momento, tem início a fase da análise.

Para Grisa (2003, p. 305), o narrador, ao contar a partir de sua própria percepção, “a trajetória de sua vida, a experiência vai sendo reconstruída subjetivamente, de modo seletivo. Sua herança biológica e suas peculiaridades psicológicas vão moldando o relato.” A obra de Grisa (2003) nos orienta, igualmente, a construir um percurso de estudo das migrações contemporâneas sob a ótica da recepção.

Essa discussão nos mostra que a história de vida abre grandes e profundas perspectivas “de compreensão para a análise daquilo que, recentemente, era considerado como ‘subjetivo’ e que, na realidade, teria ou poderia ter um fundo extremamente objetivo” (JACQUES MARRE, 1991, p. 125). Segundo o autor, são necessárias técnicas operacionais que permitam obter esses níveis de análise. O autor também reflete sobre a importância de contribuir para o desenvolvimento da história de vida vir a tornar-se parte relevante de um “método biográfico de investigação”, mas isso supõe uma mudança na concepção atual que se tem de material empírico. “Em outras palavras, observa-se que o desejo é ter um método amplo, eficaz e capaz de captar a face interna da experiência humana, os aspectos da vida antes considerados subjetivos, decifrando, também, as leis dos gestos, a presença de arquétipos, assim por diante” (JACQUES MARRE, 1991, p. 91).

Sobre a história de vida, Jaques Marre (1991, p. 91) também diz que “não se trata de reconstruir um passado descontínuo sem ruptura alguma. Pelo contrário, a reconstrução das histórias de vida leva em conta a descontinuidade e as rupturas ocorridas tanto ao nível da vida individual como coletiva”. É possível afirmar que uma história de vida se resume em uma entrevista, embora nem toda entrevista seja história de vida. Aqui vale salientar a relevância da história de vida em áreas como as de migrações contemporâneas, como reflete Jacques Marre, quando afirma ser em um contexto de “migrações étnicas novas” que a história de vida se desenvolverá como técnica vinculada à necessidade de produzir pesquisas realistas.

Refletimos com Jacques Marre (1991) que o tamanho da amostra é determinado através de critérios estatísticos na pesquisa empírica tradicional, sendo fundamental assegurar uma representatividade significativa do grupo investigado, tendo em vista os grandes números. Contudo, no panorama da pesquisa empírica, através da qual pretendemos utilizar a história de vida como técnica de coleta de dados, precisamos observar

que o material a ser recolhido está relacionado, sem dúvida, com os indivíduos que vão compor o campo a ser investigado, mas, igualmente, com a validade, extensão e qualidade dos testemunhos qualitativos a serem coletados. Não basta um número de indivíduos, é preciso que este número expresse de maneira diversa, mas inter-relacionada, a trajetória sócio-econômica do grupo social pesquisado, enquanto grupo diferente de um outro ou escolhido como exemplar (JACQUES MARRE, 1991, p. 111).

Jacques Marre (1991) afirma que a empatia é uma característica necessária ao pesquisador com o seu entrevistado, para que possa vivenciar os diferentes níveis da fala e toda a riqueza da experiência de vida de forma ativa. Isso significa que o pesquisador precisa ter uma disposição interior, para seguir de forma inteligente e crítica o que está sendo dito, considerando o processo de verbalização do pesquisado. Essa característica da empatia é algo difícil de ser alcançado e, muitas vezes, o pesquisador necessita esforçar-se para “situar-se naquilo que se poderia chamar de “vivência” do pesquisado e do seu processo multidimensional de construção oral e não linear da verbalização da sua própria experiência” (JACQUES MARRE, 1991, p. 116).

Sobre o relato de vida, Bertaux (2005) propõe o conceito que consiste em levar em conta a existência de um relato de vida a partir do instante em que uma pessoa conta à outra, pesquisador ou não, um fato qualquer sobre sua experiência de vida. Precisamos, entretanto, distinguir “entre a *historia real* de una vida y el *relato* que se hace de ella en ciertas circunstancias precisas” (BERTAUX, 2005, p. 38).

Nos estudos de Bertaux (2005), os relatos de vida têm três funções: explorar, analisar e expressar. Na primeira fase exploratória, o pesquisador precisa aprender tudo e, ao mesmo tempo, desaprender tudo, deixando de lado as ideias preconcebidas com as quais vai a campo, tendo em vista o início de um processo contínuo de formação a ser continuado até a conclusão do trabalho de campo. Na segunda fase analítica, temos a continuação da fase exploratória e, assim, a função dos relatos de vida muda de forma progressiva. Aqui o pesquisador irá escutar as entrevistas novamente, irá lê-las e relê-las, analisá-las, pois, mediante o processo de análise

de sua transcrição, os relatos de vida irão desvendar de modo progressivo suas riquezas. Na terceira fase, a expressiva, o autor buscará meios de publicar alguns relatos de vida pelo conteúdo relevante apresentado.

Na pesquisa, foi utilizado um roteiro, anexado, com questões abertas para servir como guia, contemplando os objetivos e questões problema da pesquisa, entretanto, os entrevistados foram informados, no início da conversa, de que poderiam falar espontaneamente e trazer fatos importantes que surgissem em suas lembranças no momento da entrevista, contando sobre o passado, o presente e os planos, sonhos e projetos para o futuro. Por isso, o roteiro foi organizado em campos temáticos com perguntas abertas: migração; trabalho e mídias.

As entrevistas com os sujeitos migrantes²⁴ foram feitas nos meses de maio a agosto de 2009. Para auxiliar nesse processo, foi utilizada a técnica de entrevista aberta em profundidade em que a pesquisadora fez uso de um roteiro com cerca de 60 questões, que serviu mais como guia para o processo da entrevista, uma vez que buscamos experimentar uma relação de entrevista aberta, provocando a fala do entrevistado com o objetivo de obter informações desejadas a partir da divisão em eixos de abordagem: 1. história de vida migratória; 2. história midiática mais geral; 3. mídias, migração e trabalho. No interior de cada um dos três blocos, foram localizadas e contempladas várias questões. Mas o objetivo principal foi o de permitir que o entrevistado falasse sobre sua trajetória de migrante, sobre quais mídias usa/consome em seu cotidiano de migrante e o que essas mídias significam para ele, na busca pelo trabalho, na manutenção do mesmo ou para ingressar no mercado de trabalho urbano.

No quadro a seguir, damos visibilidade ao roteiro para as entrevistas que, como já referimos, serviu mais como guia, como mapa mental para a pesquisadora, pois a mesma não esteve preocupada em esgotar todas as perguntas aos 10 sujeitos migrantes entrevistados, mas, antes, em conduzi-los para que falassem a partir dos três eixos temáticos de abordagem de forma fluída e espontânea.

²⁴ Por motivos éticos de proteção à privacidade, os nomes dos entrevistados da amostra não correspondem aos verdadeiros. Foram alterados também alguns dados que pudessem identificar prontamente estes informantes e não tivesse maior relevância para a análise. Escolhemos nomes bíblicos (Moisés, Ester, Maria, Marta, Eva, Miguel); nome sugerido pelo entrevistado (Anastácio) em homenagem a um membro de sua família de nome Anastácio; também foi escolhido o nome Vitória para homenagear a mãe da entrevistadora que tem como segundo nome Vitória e por perceber que ambas são portadoras de uma fé profunda em Deus que faz com que conduzam a vida com otimismo e amor. O nome Débora foi escolhido por associação. Podemos dizer que em todas as idas e vindas no vasto material empírico, a pesquisadora tinha presente o entrevistado enquanto sujeito singular e procurou ser fiel ao conteúdo de sua fala, tendo presente o verdadeiro nome e a importância de cada sujeito migrante que lhe confiou sua trajetória de migração.

Roteiro para as entrevistas – divisão em três eixos de abordagem		
(1) História de vida migratória	(2) história midiática mais geral	(3) Mídia, migrações e trabalho
<p>Em que lugar você nasceu? Outras pessoas de sua família migraram também? Para que lugar? Há quanto tempo está nesta cidade? Por que você escolheu essa cidade para migrar? Já passou por alguma outra? Qual a imagem que tinha da cidade onde vive agora (origem da imagem)? Como é a imagem da cidade hoje? Como é a convivência com as pessoas nascidas aqui? Você mantém contato com as pessoas do lugar onde nasceu? Com que frequência? Para quê? Você visita sua cidade de origem? Com quem você se comunica na cidade onde nasceu? Que lugares frequenta em seu lazer? Participa de atividades com pessoas dessa cidade? (ver se há engajamento nas atividades) Você pertence a alguma associação, entidade ou organização? Quais são as atividades realizadas e quem participa? Participa de alguma Igreja? Qual? Como cultiva e manifesta suas crenças, sua fé, suas devoções nessa cidade?</p>	<p>Como era sua vida com os meios de comunicação antes de migrar? Você acompanhava as notícias diárias em sua cidade? Através de qual meio de comunicação (rádio, TV, jornal...)? Que meio usa diariamente para informar-se sobre o que acontece? Que outro meio costuma seguir de vez em quando? Você comenta o que vê, lê ou escuta nesse meio com alguém? Se sim, com quem costuma comentar? Lembra de algum tema que tenha comentado, recebido pelos meios, que tenha servido para fazer algo que não fazia ou conhecer algo que não conhecia antes? Serviu para conhecer outras pessoas? Fez amigos a partir das informações que recebeu pelos meios? Acredita que o meio tenha servido para facilitar essas relações ou não?</p>	<p>Você usa e como usa a mídia para projetos de trabalho na cidade onde está? A mídia é importante para seu trabalho? Você usa a mídia e como a usa no local trabalho? As mídias podem colaborar para o aperfeiçoamento profissional ou não? Você lê jornal? Com que frequência? O que você mais lê no jornal? Lembra de algo que leu? Ouve rádio? Qual programa você costuma ouvir? Com que frequência? Lembra de alguma notícia, algum programa? Assiste televisão? Qual programa de TV assiste? Com que frequência? Conversa com alguém sobre o programa de TV? Como o jornal, o rádio, a TV, a Internet “mostram” questões relativas ao trabalho do migrante? Fale sobre isso. Qual a relação mídia X trabalho na vida cotidiana? Qual meio de comunicação acessa, usa, consome em casa? E no trabalho? Você poderia contar algum episódio/história relacionada ao rádio, TV, jornal? Quando migrou, buscou informação do lugar para onde migrou e sobre ofertas de trabalho? Onde você buscou essa informação?</p>

Quadro 1 - Roteiro para as entrevistas
 Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Diante de tantas questões, nas entrevistas procuramos fixar a atenção na riqueza de experiências das migrações que está muito além dos usos e consumos das mídias. Essa afirmação é possível a partir das leituras e reflexões sobre o material empírico quando foram localizadas outras categorias temáticas de análise. Seguindo essa lógica analítica, acreditamos não incorrer no erro de tornar a pesquisa demasiadamente sociológica. Por isso deixamos de lado várias categorias interessantes e significativas, mas que poderiam nos levar à dispersão ao abordarmos muitos subtemas desvinculados do objeto.

Localizamos questões sobre o *trabalho* nas narrativas dos 10 sujeitos entrevistados e, através dos dados empíricos que serão analisados no capítulo quatro, observamos que o *trabalho* aparece como um elemento provocador de processos migratórios presente na fala da

maioria dos entrevistados da amostra. Na narrativa do migrante Moisés, que será apresentado posteriormente, desde que chegou na cidade de Caxias do Sul, a qual conhecia pela mídia como lugar próspero e acolhedor, ainda não conseguiu emprego formal. Trabalha em uma rádio AM uma vez por semana e busca patrocinadores para o programa. Nas narrativas de quatro dos 10 migrantes entrevistados, uma das marcas motivadoras dessa trajetória de migração é a fome. Essa discussão será retomada no capítulo dedicado à análise.

2.2.1.2 Procedimentos metodológicos complementares: observação, pesquisa documental e audição de programas

Considerando a importância que os migrantes atribuíram, em suas narrativas, à rádio Viva²⁵, para uma melhor compreensão do perfil da referida rádio, pesquisamos na Internet e damos atenção à sua programação, em horários diferentes, durante uma semana. Além de música de diversos estratos, a rádio Viva informa sobre oportunidades de emprego, no ramo metalúrgico, em Farroupilha, Caxias do Sul e em outras cidades da Serra e região de audiência. Há muita interação de ouvintes solicitando música através de telefonemas, de cartas, torpedos, e-mails e blog da rádio na Internet. Notamos também que o perfil dos ouvintes é diversificado, contando com a participação de jovens, adultos, idosos, pessoas do

²⁵ Rádio Viva FM 94.5 é o nome fantasia. A razão social da rádio é: RÁDIO CENTRAL LTDA. A Programação diária da Rádio Viva de Farroupilha, RS, está assim formatada: Madrugada – Viva na Madrugada 00:00 às 05:00 Programa com o melhor da música popular, como o sertanejo e a música gauchesca. Informação e muita música são as principais características do programa. Comunicadores: Luis Lima (de terça-feira a sábado) e Ely Adriane (domingo e segunda). No domingo e na segunda o programa vai até às 05:00hs. Manhã – Bom dia Trabalhador - 05:00 às 09:00 Programa em que o ouvinte participa, solicitando serviços e fazendo denúncias, tornando indispensável a interação com o programa. Notícias e os maiores sucessos da música sertaneja raiz e da música gauchesca tornam o programa um dos líderes de audiência da emissora. Das 05h às 09h de segunda a sábado, apresentado pelo comunicador Sinval Paim. Alto Astral - 09:00 às 12:00 Programa musical sertanejo e popular. Programetes com receitas, mensagens, dicas de saúde e notícias, tornam o programa preferido das donas-de-casa. De segunda a sexta-feira, das 09h às 12h com o comunicador Fabiano Pereira. Tchê Viva - 12:00 às 13:00 Programa musical com o melhor do “Tchê Music” e gaúchas. Participação do ouvinte através de pedidos musicais. O programa é de segunda a sábado das 12h às 13h, apresentado pelo comunicador Fabiano Pereira. Tarde – Alegria de Minha Terra 13:00 às 16:00 Programa popular, essencialmente com músicas sertanejas raiz. Notícias, polêmica, entretenimento e a participação do ouvinte tornam o programa muito conhecido em todo o estado. Apresentado por Paulinho das Quebradas “O Chicote do Povo”, de segunda a sexta, das 13h às 16h. Show da Tarde 16:00 às 19:00 Programa com o melhor da música sertaneja e bandas. Entretenimento, sorteio de brindes, notícias e participação do ouvinte. De segunda a sexta-feira das 16h às 19h com o comunicador Kaiobá Sputnik. Festa No Ar - 19:00 às 21:00 Programa musical de bandas, roda as mais tocadas nos bailes. Apresentado por Milton Poletto, de segunda a sexta-feira, das 19h às 21h. Noite – Viva à Noite - 21:00 à 01:00 Programa musical com muito sertanejo, bandas e “Tchê Music”. A interação do ouvinte com o comunicador é indispensável, devido a realização de “brincadeiras” e sorteios de brindes. Apresentado pelo comunicador Jasser Panizzon, o programa vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 21h à 01h. Disponível em: <<http://www.radioviva.com.br/viva945/programacao.php>> Acesso em: 20 de março de 2009.

meio rural e urbano, principalmente, de bairros periféricos. Os locutores parecem interagir com o público da rádio, fazendo-lhes muitas perguntas. A linguagem e a forma como se dirigem é coloquial, informal e, com o intuito de se comunicarem, cometem alguns deslizes lingüísticos, problemas de correção, mesmo desculpando-se por várias vezes.

Incluimos, em nosso itinerário metodológico, a técnica de observação²⁶. Essa decisão foi tomada a partir da análise do material empírico, pois encontramos particularidades, nas falas de alguns dos migrantes entrevistados, sobre a imagem positiva de Caxias do Sul, projetada pelos meios de comunicação, pela visibilidade do parque industrial do município e pela qualidade de vida de sua população, principalmente, mostrados por ocasião da Festa Nacional da Uva. Esse evento divulga a história da imigração italiana e seus produtos, despertando a atenção do Brasil para a região da Serra Gaúcha.

Cabe comentar que, em relação à pesquisa documental, trabalhamos com relatórios do Centro de Atendimento ao Migrante; com um caderno especial publicado no Jornal Pioneiro de Caxias do Sul, com material do jornal Correio Riograndense também de Caxias do Sul; e uma série de reportagens do jornal Zero Hora de Porto Alegre. Esses documentos serão analisados posteriormente.

A pesquisa documental, na opinião de Oliveira (2007), se caracteriza por informações coletadas em documentos que não receberam tratamento científico, por exemplo: reportagens de jornais, cartas, gravações, relatórios, fotografias. Para a autora, são fontes primárias, ou seja, são dados originais que serão analisados pelo pesquisador.

Tomamos as orientações dadas por Cellard (2008) sobre a importância de avaliar, preliminarmente os documentos, começando pelo contexto histórico onde o documento foi produzido, bem como do autor para melhor credibilidade do texto. Cellard (2008) discute igualmente sobre a relevância de se assegurar quanto à qualidade dos dados transmitidos e insiste em verificar a procedência do documento como forma de garantir sua autenticidade e a confiabilidade.

²⁶ No desfile de abertura da 28ª Festa da Uva de Caxias do Sul, no dia 18 de fevereiro de 2010, a pesquisadora acompanhou o desfile, na Rua Sinimbu. Nessa observação, percebemos que os muitos dos figurantes que, participaram do desfile representando a cultura italiana, eram descendentes de portugueses e de espanhóis, por exemplo. A partir disso, podemos afirmar que, aparece com força, o fato de que, a maioria dos habitantes de Caxias do Sul, na atualidade, são descendentes de portugueses.

2.2.2 A amostra de entrevistados, localização e interação com os migrantes

No itinerário de definição da amostra²⁷, selecionamos a de tipo intencional. Richardson (1999, p. 107) afirma que “a amostra tirada da população é do tipo intencional, uma vez que se relaciona intencionalmente de acordo com certas características do plano e das perguntas de pesquisa”. O contexto de desenvolvimento da pesquisa foi Caxias do Sul, como já referimos, e nessa cidade fizemos a opção de entrevistar 10 sujeitos migrantes, porque esse é um número que assume certa importância para uma pesquisa qualitativa de recepção, uma vez que não pretendemos tecer comparações ou estabelecer dados estatísticos. “No que diz respeito a procedimentos metodológicos, as pesquisas qualitativas de campo exploram particularmente as técnicas de observação e entrevistas devido à propriedade com que estas penetram na complexidade de um problema” (RICHARDSON, 1999, p. 41). Buscamos pessoas desconhecidas²⁸, mesmo conhecendo muitos migrantes e suas histórias de vida, com o objetivo de fazer acontecer o estranhamento na pesquisa.

Foi fundamental o esforço de diversificar a amostra através da definição de critérios como a procedência de distintas regiões do Brasil, contemplando migrantes provenientes dos seguintes estados: Bahia, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e também do Uruguai. Outro critério foi o tempo de permanência em Caxias do Sul incluímos pessoas inseridas no mercado de trabalho urbano, que migraram na década de 70 e 80 e após o ano 2000. Levando em conta o critério da diversificação, fizemos a opção por entrevistar seis mulheres e quatro homens de idades entre 25 anos a 56 anos.

Mencionamos aqui a dificuldade enfrentada, inicialmente, para localizar migrantes trabalhadores com maior qualificação profissional, incluindo homens e mulheres de diferentes classes sociais, com estabilidade econômica, de diferentes faixas etárias, procedentes de cidades que não havíamos incluído na amostra inicial. Também incluímos na amostra sujeitos com usos diversificados dos meios de comunicação e outras diferenças e/ou singularidades como o fato de ter vivido a experiência da migração transnacional. Outra modalidade

²⁷ Foram realizadas 10 entrevistas com sujeitos migrantes, porém da amostra escolhida inicialmente e que foi apresentada na banca da qualificação do mestrado, permaneceram apenas três migrantes e outros sete foram incluídos na amostra, posteriormente, por diversificação da mesma, e também pela dificuldade de localizar os migrantes que haviam migrado há menos tempo para Caxias do Sul, ou seja, há menos de um ano. O importante é que, através dela, se alcance o objetivo almejado. Aqui trazemos a reflexão do pesquisador Grisa que, em seu estudo de recepção midiática, diz que “uma única história de vida pode ser representativa o suficiente, dependendo do objeto da pesquisa em questão”. (GRISA, 2003, p. 304)

²⁸ Consideramos importante destacar que algumas pessoas migrantes foram indicadas pelo Centro de Atendimento ao Migrante quando a pesquisadora não ocupava mais a função de diretora da instituição. Esse foi um critério de escolha da pesquisadora.

migratória incluída na amostra foi a de reagrupação familiar por motivos de trabalho, a partir de uma entrevista a uma migrante cujo marido migrou antes, conseguiu trabalho, para só depois ser empreendida a migração dos demais membros da família. Aqui notamos que para alguns entrevistados, o trabalho adquire sentido no processo da migração.

Contribuiu para definir o universo de migrantes, o conhecimento de Caxias do Sul e de elementos obtidos de uma pesquisa realizada com uma amostra de 683 pessoas cadastradas no Centro de Atendimento ao Migrante, já foi referida, além do entendimento de que “a migração intraestadual é de 56,66%, sendo a maior parte de municípios da Fronteira Oeste e Campanha do Rio Grande do Sul. A interestadual corresponde a 13,32%, com maior representação de Santa Catarina, Paraná e São Paulo” (OUTRA..., 2009, p. 5).

Nesse percurso, percebemos a necessidade de diversificar a amostra, torná-la mais heterogênea. Sobre os entrevistados, podemos afirmar que houve uma mudança de sete deles por outros, após a banca de qualificação²⁹, em atenção à sugestão de considerar o critério de diversificação da amostra qualitativa. E, para localizar os novos migrantes da amostra, buscamos informações junto ao CAM, que nos indicaram três mulheres e um homem. Outra instituição que contribuiu para localizar mais três migrantes foi o Centro Educativo e de Formação Profissional Novo Horizonte (CEFPNH), núcleo executor de extensão do Centro de Cuidados Nossa Senhora da Paz (CCNSPAZ), também de Caxias do Sul, e mantido pela Associação Educadora São Carlos. Colaborou também nesse processo uma pessoa amiga que se dispôs a contar sobre sua trajetória de migração, e ainda apresentando-nos mais duas pessoas que também foram entrevistadas. O que totalizou, dessa forma, 10 entrevistas abertas, em profundidade.

No quadro a seguir, observamos que cinco dos sujeitos migrantes entrevistados nasceram no Estado do Rio Grande do Sul, nas seguintes cidades: Ibiraiaras, Getúlio Vargas, Itaqui, Bagé, Novo Hamburgo. Um migrante nasceu no Estado do Paraná, na cidade de Foz do Iguaçu. Dois migrantes nasceram no Estado de Santa Catarina, na cidade de Braço do Norte. Um migrante nasceu no Estado da Bahia, na cidade de Barreiras. Um migrante nasceu em Rivera, no Uruguai.

²⁹ Sobre a banca de qualificação de mestrado, destacamos a fala do professor Dr. Alberto Efendy Maldonado que, em sua reflexão, considerou importante dar voz aos sujeitos migrantes e maior visibilidade através do rompimento de fronteiras simbólicas, tornando o objeto de estudo mais fluído na articulação do teórico com o empírico. Maldonado afirmou isso, explicando que há pesquisas que se dizem de recepção midiática, mas na verdade não o são, pois não dão voz aos sujeitos receptores. Essas palavras foram muito significativas nesse processo de fazer escolhas. Também foi de grande importância a fala da professora Dra. Nísia do Rosário ressaltando a necessidade de fazer acontecer o diálogo entre os autores escolhidos e, nesse sentido, procuramos nos empenhar para que essas observações fossem postas em prática na construção e organização deste texto da dissertação.

Local de nascimento/ocupação atual					
Nome	Idade	Cidade/Estado/País	Tempo/estada em Caxias	Ocupação atual	Escolaridade
Moisés	53 anos	Bagé, RS	4 anos	Radialista	Ensino médio
Eva	42 anos	Ibiraiáras, RS	27anos	Serviços gerais	5ª série EF
Débora	38 anos	Novo Hamburgo,RS	8 meses	Assistente social	Pós-graduação
Anastácio	36 anos	Braço do Norte, SC	2 ano	Diretor/professor	Mestrado
Vitória	25 anos	Rivera, Uruguai	1 ano	Desempregada	Ensino médio
Marta	32 anos	Itaqui, RS	1 ano	Desempregada	Ensino médio
Leonardo	56 anos	Getúlio Vargas, RS	35 ano	Empresário	5ª série EF
Maria	33 anos	Foz do Iguaçu, PR	1 ano	Desempregada	8ª série EF
Ester	53 anos	Barreiras, BA	7 anos	Desempregada	Graduação
Miguel	26 anos	Braço do Norte, SC	Vive em SC	Empresário/mestre de obras	Ensino médio

Quadro 2 - Local de nascimento/ocupação atual
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Considerando a importância da diversificação da amostra, incluímos um migrante que nasceu em Braço do Norte, SC. Foi entrevistado por ter empreendido um projeto migratório transnacional, mais precisamente para Portugal. Em sua narrativa, revelou-nos elementos significativos quanto aos usos e consumos de mídias e na importância que ocupam na vida de quem está distante, geograficamente, do lugar de origem. Além de vivenciar a experiência de migração transnacional, a experienciou no próprio Estado sempre em relação ao trabalho, visando melhores oportunidades de emprego e de condições de vida.

Nossa decisão de diversificar a amostra foi tomada também a partir do conhecimento de pesquisas do Centro de Atendimento ao Migrante, mostrando que 70% dos migrantes atendidos haviam migrado para conseguir um trabalho. Nas entrevistas com a amostra qualitativa selecionada também confirmamos essa realidade.

Destacamos aqui que o trabalho assumiu sua centralidade na pesquisa a partir da leitura do material empírico. A seguir procuramos articular a diversidade de relações existentes entre migração, trabalho e mídia que observamos nos dados empíricos:

- (1) migrar várias vezes na infância em função dos pais. (Anastácio, Ester, Leonardo);
- (2) migrar depois de casada acompanhando o marido. (Vitória, Maria, Ester);
- (3) trabalhar excessivamente, a partir da migração, é fator preponderante para adoecer. (depressão: Leonardo, Ester);
- (4) empreender um projeto migratório para trabalhar em um país da Europa. (Miguel);
- (5) migrar, várias vezes, em função do trabalho. (Ester, Débora, Moisés, Miguel, Anastácio);
- (6) ter dificuldade para conseguir emprego em Caxias do Sul. (desempregadas atualmente: Vitória, Marta, Maria e Ester);

- (7) possuir diferentes ocupações profissionais após a migração. (radialista, diretor, professor, assistente social, empresária da área de consultoria em projetos sociais, empresário no ramo de transporte escolar, química industrial, motorista, mestre-de-obras, serviços gerais);
- (8) ter a mídia como âmbito de trabalho, atuando como radialista. (Moisés);
- (9) sofrer fome aparece como uma das marcas da trajetória de migração sugerindo a necessidade de obter trabalho. (Moisés, Débora, Marta e Miguel. Vitória disse que não sofreu fome em Caxias do Sul por que recebeu auxílio alimentação do CAM);
- (10) migrar para sete cidades do RS e, na maioria das vezes, em função do trabalho. (Débora);
- (11) participar de 22 mudanças nos primeiros 10 anos de casados de seus pais. (Anastácio);
- (12) migrar para trabalhar e melhorar de vida. (Marta);
- (13) migrar a Caxias do Sul, na juventude, para trabalhar e ter uma vida melhor para si e para sua mãe e irmãs. (Leonardo);
- (14) migrar informada pelas redes sociocomunicacionais de familiares, para a obtenção de trabalho. (Vitória);
- (15) usar os noticiários no lugar de origem para se informar sobre o mercado de trabalho nas metalúrgicas de Caxias do Sul. (Marta);

Buscamos aqui formular uma proposta-síntese sobre como a mídia se articula ao trabalho e à migração, tendo em vista a necessidade de fecharmos o quadro da problematização. Apresentamos, também, em forma de quadro, a caracterização da amostra de migrantes, destacando aspectos relacionados ao trabalho.

Migração pelo trabalho				
Entrevistados	Familiares que migraram pelo trabalho	Tempo de estada em Caxias do Sul	Ocupações profissionais Atuais	A busca de emprego se dá através de Redes ou mídias?
Moisés	Irmãos	4 anos e 4 meses	Radialista	Mídias
Eva	Irmãos/pais	27 anos	Serviços Gerais	Redes e mídias
Débora	Irmãos/mãe	8 meses	Assistente Social	Redes (empresa de recrutamento)
Anastácio	Pais/irmãos/tios	2 anos	Diretor/professor	Rede (congregação)
Vitória	Marido/tios	1 ano e 4 meses	Desempregada	Redes (parentes)
Marta	Marido/tios	1 ano e 3 meses	Desempregada	Redes/mídias (parente)
Leonardo	Irmãs/mãe/tios	35 anos	Empresário	Redes (parentes)
Maria	Marido/cunhados	Cerca de 1 ano	Desempregada	Redes (parentes)
Ester	Pais/irmãos/marido	7 anos	Desempregada	Redes (parentes)
Miguel	Pais/irmãos/tios	Reside em Braço do Norte, SC	Mestre de obras	Redes (professora/agência de viagem/ conhecidos)

Quadro 3 - Caracterização da amostra dos migrantes e migração pelo trabalho

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

O Quadro 3 “migração pelo trabalho” demonstra que familiares dos migrantes entrevistados também migraram a Caxias do Sul por causa de trabalho. Sobre o tempo de estada em Caxias do Sul, procuramos pessoas residentes em Caxias há mais tempo como Leonardo, há 35 anos, e a menos tempo: Débora, há oito meses, apenas. Para ambos, a motivação primeira, foi a oportunidade de conseguir um bom trabalho, um emprego mais rentável, a realização profissional e pessoal. Desse quadro, quatro das entrevistadas estão desempregadas. Elas acreditam ser devido a falta de qualificação profissional, a falta de experiências anteriores e a idade (53 anos) razões que dificultam a inserção no mercado de trabalho formal.

Nesse itinerário, procuramos ter presente os objetivos da pesquisa e também fizemos uso de um sumário comentado que nos serviu como mapa, como guia, nessa etapa, tendo em vista a relevância de articular, neste texto, os dados empíricos obtidos no trabalho de campo, os pressupostos teóricos e as reflexões e percepções da pesquisadora sobre o objeto de pesquisa aqui estudado. Ao final teremos um misto de descrição e análise do que foi levantado em cada eixo guiado pelo nosso sumário comentado.

2.2.3 O tratamento de dados

A ida a campo foi um tempo privilegiado de aprendizado. Esse processo de coleta das histórias de vida migratória é demasiadamente moroso, e as transcrições são mais demoradas ainda, superam o tempo dedicado à entrevista, porque é preciso fazer o exercício de passar o relato oral para a escrita. O momento da transcrição dos relatos exigiu muitas horas e dias de empenho, silêncio e concentração para ser fiel às narrativas dos sujeitos entrevistados.

Os dados foram equacionados em duas etapas. A primeira, a da transcrição dos registros gravados em formato digital que foram digitados no programa *Digital Voice Editor*. A segunda, a de localização de categorias temáticas para posterior análise descritiva e início do processo de análise das histórias de vida migratória relacionadas à recepção midiática. Assim, foram transcritas as falas dos entrevistados, omitindo as intervenções da pesquisadora para deixar o texto mais enxuto. As 10 entrevistas transcritas somam 141 páginas digitadas, em corpo 12, espaço simples e fonte *times new roman*.

Sobre o tratamento de dados, vemos que uma pesquisa pode ser entendida como um mosaico que aos poucos vai sendo configurado, mas de certa forma, também podemos dizer

que uma pesquisa em si é sempre incompleta, porque sempre teríamos muitos outros elementos a considerar. Contudo, o exercício de delimitação, de leituras, reflexões e as muitas idas e vindas ao material empírico foram fundamentais na organização desse material que elegemos para a análise e que foi salvo em um único arquivo para maior fluidez desse processo.

Iniciamos a análise empírica a partir das categorias temáticas escolhidas. Sobre esse processo, podemos dizer que, diante de um grande volume de material resultante da transcrição das entrevistas, concentramos esforços para focar aquilo que consideramos mais importante nesse estudo de recepção.

2.2.4 A cidade de Caxias do Sul como contexto da pesquisa

Caxias do Sul apresenta, no início de sua história, as fases de desmatamento, assentamento de imigrantes e agricultura de subsistência, vindo assim a se transformar em um centro de produção agrícola e de comércio potente entre a região dos Campos de Cima da Serra, do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Nos estudos desenvolvidos por Herédia (2003, p. 72), esse progresso deu certa autonomia a Caxias do Sul ante as cidades próximas e também fortaleceu a rede de seu comércio, assegurando sua expansão econômica, decorrente de seu desenvolvimento urbano, artesanal e agrícola. Por isso, podemos afirmar que “a propriedade da terra, o trabalho livre, a fertilidade do solo, as oportunidades encontradas foram aspectos fundamentais da colonização como ocupação marcada por características distintas das demais regiões do Brasil” (HERÉDIA, 2004, p. 45). Havia, igualmente, organização do local e isso era observado na transformação do produto agrícola em produto comercializável, uma vez que Caxias do Sul era formada por agricultores e também por muitos imigrantes que realizavam vários trabalhos artesanais. No decorrer dos anos, os agricultores se fixaram na zona rural e os artesãos passaram a residir na cidade. Podemos dizer que o surgimento das primeiras indústrias é marcado pela vocação artesanal do imigrante, pela dedicação ao trabalho como um elemento de grande importância para o desenvolvimento pessoal e social. Olhando para a história de Caxias do Sul, desde suas origens,

o trabalho, enquanto uma virtude étnica, é algo muitas vezes naturalizado, essencializado e associado ao “sangue”, fazendo com que os indivíduos acreditem que os herdariam por natureza. Contudo, ao se trabalhar com esta literatura e se conviver com os descendentes de italianos, o que se observa é que o trabalho é algo ensinado desde a mais tenra infância, ou seja, é um valor apreciado e, por isto, ensinado, fazendo parte do *habitus* grupal. Ele pode ser compreendido como uma herança (simbólica) do ponto de vista das sagas familiares, ou seja, como um legado a ser transmitido entre gerações, mas não como algo que seja vivido sem conflitos (ZANINI; SANTOS, 2009, p. 192).

Desde a sua origem, Caxias do Sul foi crescendo do centro urbano para a periferia, multiplicando os condomínios. A cidade foi transformada “em vitrine de emprego” desde o advento do trem ligando-a a Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, em 1910. A fundação das primeiras fábricas atraiu levas de migrantes trabalhadores. “Hoje, embora não existam dados oficiais, estima-se que seis em cada 10 moradores de Caxias tenham nascido em outro município. A onda migratória mais recente vem das regiões da Campanha e Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul” (OUTRA, 2009, p. 3).

Conforme o Ministério do Trabalho e Emprego (2007), Caxias do Sul ficou em “16ª posição entre as 50 cidades brasileiras que mais abriram vagas no mercado de trabalho formal. Foram 11.670 novas vagas” (FLORES, et al., 2008). Podemos assegurar que, a maioria dessas é na área da metalurgia.

Para oportunizar a migrantes a inserção nesse mercado de trabalho, o Centro de Atendimento ao Migrante, conforme dados preliminares de seu acervo, de 1997 até 2009, cadastrou um total de 2.685 migrantes. Em parceria com o gestor público do Município realiza cursos profissionais: Leitura e Interpretação de Desenho (LID) e Metrologia Dimensional, Empreendedorismo e Informática, dentro do programa de Enfrentamento à Pobreza e das políticas do Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Ações como essas são realizadas porque o contingente de pessoas migrantes com baixa escolaridade e precária qualificação profissional atinge altos índices em nosso país. O desemprego aumenta na medida em que se exige qualificação profissional, especialmente em ramos especializados como o pólo metal-mecânico, setor tão expressivo em Caxias do Sul. A migração em cidades como Caxias do Sul cresce diariamente, deixando a pessoa desocupada, porque a tecnologia³⁰ sempre mais avançada substitui a mão de obra.

³⁰ Ora, cada máquina e sua tecnologia representa hoje a substituição de muitos trabalhadores, ela equivale a muitos operários trabalhando ao mesmo tempo. Para competir com ela, onde isso é possível, o trabalhador tem que se contentar com um salário que já não seja medido por suas necessidades e as necessidades de sua família (MARTINS, 2003, p. 149.).

2.2.4.1 As entrevistas e a experiência do campo

Dentre os migrantes entrevistados, foi interessante observar empatia estabelecida com eles. Praticamente, todos insistiram para retornarmos as suas casas, pois queriam contar mais sobre suas vidas. Sentiram-se privilegiados em poder falar de suas trajetórias de migrantes.

Na ida a campo, em um dos encontros, por exemplo, Leonardo nos sensibilizou com sua narrativa. Durante a entrevista, comoveu-se e chorou ao recordar momentos tristes vividos com sua família, a morte do pai, anos antes de migrar a Caxias do Sul. Nessas situações, é preciso silenciar, acolher a dor, respirar profundamente e aguardar o entrevistado retornar à sala, uma vez que ele pediu licença para se ausentar. São situações inusitadas. É importante as entendermos como parte do processo. Também é importante destacar a necessidade de estabelecer redes, novas amizades, frente às dificuldades de estabelecer e de cultivar relações sociais.

Quando, por telefone, agendamos nosso primeiro encontro para entrevistar Ester, esta se alegrou e disse: “vou fazer *grostoli*³¹ que aprendi fazer aqui na Serra, para acolher você em minha casa.” E, de fato, Ester descendente de espanhóis, parece já ter se aculturado, assimilando o que é da cultura de uma região de italianos, servindo saborosos *grostolis* feitos por ela horas antes de nossa chegada. Nesse gesto de acolhida, percebemos que o princípio da hospitalidade é certamente um valor que Ester traz de sua cultura de migrante como algo importante que ela reproduz na sociedade receptora.

Nos encontros com os migrantes entrevistados, percebemos também a importância e a necessidade de estabelecer vínculos, ou seja, de uma comunicação, que vai além do interesse científico, por considerar o outro com toda a reverência e acolhida que lhe é de direito enquanto cidadão. Podemos dizer que os migrantes valorizam novas amizades, têm necessidade de que aconteça a tão sonhada integração no lugar de chegada, querem se sentir pertença onde estão dando continuidade à trajetória individual. Desejam participar da comunidade, da igreja, de algum grupo, porque se sentem parte desse lugar que acreditam possa lhes oferecer melhores condições de vida, um trabalho mais rentável e, conseqüentemente, uma integração mais consistente no lugar onde residem.

Assim como Marta, os demais entrevistados se mostraram interessados em contar sua trajetória de migração. Esse fato foi importante, em primeiro lugar, porque foi possível entrevistar migrantes internos que muito contribuíram com seus depoimentos, contando suas

³¹ *Grostoli* é uma receita típica italiana. No sul do Brasil é também conhecida como “cueca virada”.

trajetórias de migração. A maioria dos 10 entrevistados já migrou mais de uma vez. Em segundo lugar, porque foi possível acolher suas histórias com suas dores e alegrias, sucessos e fracassos, dificuldades enfrentadas, conquistas e a necessidade de inclusão. Percebemos que nem sempre é fácil separar a trajetória migratória da de vida, porque as duas estão imbricadas, mas tentamos conduzir os entrevistados para esse entendimento e foi interessante notar que se sentiram importantes, valorizados. De certa forma, foi um exercício de cidadania emancipatória, porque durante as sessões de entrevistas, eles eram os sujeitos de suas andanças e notava-se, em suas fisionomias, que aquele momento de falar de si se constituía em uma experiência de acolhida, de aceitação que, notamos em alguns chegados mais recentemente, ainda não haviam experienciado.

Nossa ida a campo foi motivada pelo forte anseio de conhecer os processos migratórios pelos quais passaram nossos entrevistados e saber de seus sentimentos de migrantes, seus relatos com as esperanças, os conflitos, as marcas, as perdas, as saudades dos que ficaram. Saber dos sonhos que os movem, dos processos de mediação que ocorrem nas apropriações e usos de mídias nas trajetórias de migração e em seu cotidiano de migrantes e por que migraram e através de que ou de quem empreenderam seus projetos de migração.

Os entrevistados falaram sobre os usos e não usos de mídias para conseguir trabalho; da importância das redes sociocomunicacionais de familiares, parentes e amigos; sobre o consumo de telenovela como entretenimento, como forma de conhecer a realidade; sobre os usos do rádio, do jornal, do celular, da carta, do e-mail, da Internet e também se os meios de comunicação são ou não importantes em suas trajetórias e em seus cotidianos de migrantes.

Podemos assegurar que, esse ter estado, sem pressa, com os sujeitos migrantes, participando mais profundamente de suas vidas, foi de um significado peculiar, visto termos presentes, na pesquisadora os princípios da acolhida, do respeito, da ética e da abertura ao totalmente outro. Em alguns momentos, a conversa era tão espontânea que, embora sempre tenhamos participado ativamente com questões para motivar o diálogo, acreditávamos estar, exclusivamente, realizando nosso trabalho de Irmã Missionária Scalabriniana, mas tendo consciência de sermos responsáveis pela pesquisa e que aquele momento se apresentava como algo surpreendentemente novo, inusitado. Uma das migrantes, estabelecida em Caxias do Sul, em 2008, assim se expressou: “Eu estava muito precisando abrir meu coração para alguém, porque estava me sentindo tão sozinha, sem ninguém pra conversar, sem uma amiga por perto. Foi uma luz porque preencheu um pouco o vazio de amizade que eu estava sentindo.”

Também fomos a campo com muitas expectativas, muitos anseios, mas abertos à novidade que o outro tem a nos oferecer quando, com confiança e na gratuidade de quem

acredita ter algo a ensinar a partir de sua vivência, permite-nos conhecer a trajetória de migrante e as apropriações e usos de mídias nesse percurso e no cotidiano da sociedade de acolhida. Mais uma vez a questão do trabalho aparece como elemento importante no itinerário migratório.

Ressaltamos que todas as entrevistas ultrapassaram o tempo de duas horas, somando as duas sessões. Sobre o local onde transcorreram, cabe informar que sete delas foram realizadas nas residências dos entrevistados e três no local de trabalho, nos intervalos de almoço e descanso, contando com a não interrupção das entrevistas. Nas entrevistas realizadas nas casas dos migrantes, fomos convidada para um saboroso café, e alguns insistiram para que permanecesse para o jantar. Isso revela também a relação de confiança estabelecida entre ambas as partes.

Destacamos como importante o papel da pesquisadora no auxílio aos sujeitos entrevistados a compartilhar sua vida, “a entregar um pouco da riqueza dessa mina de ouro que é a sua experiência humana vivida” (JACQUES MARRE, 1991, p. 107). Dessa forma, consideramos o sujeito migrante a partir de seu cotidiano nos diferentes aspectos da própria vida, sempre respeitando sua liberdade para contar sobre sua trajetória de migração, para compreender mais profundamente a forma de viver, a visão de mundo, os motivos e as razões que o levaram a apostar num projeto migratório.

A partir da fala dos sujeitos migrantes entrevistados, as razões que os motivaram a empreender um projeto migratório não foram apenas as de caráter econômico. Observamos que, embora o que mais conta na hora da decisão de migrar seja a busca por melhores oportunidades no mercado de trabalho formal urbano, é forte também a esperança de que encontrarão o que almejam, enfim que irão realizar seus projetos de vida e o sonho de conseguir a casa própria para viver de forma mais digna. “Sem querer descer a tais níveis de profundidade, acredita-se que, ao nível da reconstrução dos valores, conflitos, arquétipos, há conteúdos que merecem uma atenção especial para a reconstrução e compreensão de trajetórias próprias de determinados grupos sociais” (JACQUES MARRE, 1991, p. 215). Por isso, ressaltamos que a categoria trabalho é um eixo importante, mas não determinante, tendo em vista a questão da problemática e dos critérios de definição da amostra.

2.2.5 Caracterização dos Entrevistados

No quadro a seguir apresentamos uma síntese da caracterização dos 10 sujeitos migrantes entrevistados em Caxias do Sul: Anastácio, Moisés, Eva, Débora, Vitória, Marta, Ester, Leonardo, Maria e Miguel³². Na caracterização, informamos as variáveis: idade, lugar de nascimento, escolaridade, o motivo da migração, ano em que migrou para Caxias do Sul e ocupação profissional. Destacamos, como dado relevante que, das 10 pessoas entrevistadas, quatro estão desempregadas.

Caracterização dos entrevistados						
Nome	Idade	Lugar de nascimento	Escolaridade	Motivo da migração	Migração a Caxias do Sul	Ocupação profissional atual
1. Moisés	53 anos	Bagé, RS	Ensino médio	Trabalho	2005	Radialista
2. Eva	42 anos	Ibiraiaras, RS	5ª série EF	Trabalho e pais	1983	Serviços gerais
3. Débora	38 anos	Novo Hamburgo, RS	Pós-graduação	Trabalho melhor	2009	Assistente social
4. Anastácio	36 anos	Braço do Norte, SC	Mestrado	Trabalho missionário	2007	Diretor/professor
5. Vitória	25 anos	Rivera, Uruguai	Ensino médio	Trabalha	2008	Desempregada
6. Marta	32 anos	Itaqui, RS	Ensino médio	Trabalho	2008	Desempregada
7. Leonardo	56 anos	Getúlio Vargas, RS	5ª série EF	Trabalho	1972	Empresário
8. Maria	33 anos	Foz do Iguaçu, PR	8ª série EF	Trabalho	2009	Desempregada
9. Ester	53 anos	Barreiras, Ba	Graduação	Doença/trabalho	2003	Desempregada
10. Miguel	26 anos	Braço do Norte, SC	Ensino médio	Trabalho	–	Empresário/mestre de obras

Quadro 4 - Caracterização dos entrevistados

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Moisés, 53 anos, nascido em Bagé, morador em Caxias do Sul há quatro anos e quatro meses. Descendente de portugueses e espanhóis, inicialmente, veio sozinho, depois buscou o filho e a esposa. Apresenta vários elementos característicos da migração do fronteiro. Criou a sede do grupo “Os fronteiros” para reunir os migrantes da fronteira com o objetivo de

³² Sobre o migrante Miguel, como já referimos, ele foi incluído nesta pesquisa por escolhermos o critério de uma amostra diversificada. Além da experiência de migração interna, ele também migrou para Portugal. Esse migrante, portanto, não reside em Caxias do Sul, mas na cidade de Braço do Norte, SC. Recordamos que os nomes são fictícios, por questões éticas, para preservar a identidade dos nossos entrevistados.

cultivar as próprias tradições. É radialista e sonha em cursar faculdade de jornalismo para ampliar seus conhecimentos. Reconhece não ser suficiente a prática e toda a experiência consolidada na atividade em rádio. **Ainda não conseguiu emprego com carteira assinada. Trabalha em uma rádio AM, uma vez por semana, e busca patrocinadores para o programa**³³. Agora surgiu uma oportunidade na TV nos mesmos moldes. Ele diz que “abraça” a nova oportunidade, porque pretende permanecer na cidade com a família. O filho trabalha na rádio onde ele paga pra trabalhar e cursa faculdade na área de informática. A esposa trabalha em uma fábrica de plásticos. O comentário que se pode fazer sobre esse homem é que ele tem forte senso de justiça, espírito crítico e um discurso marcado por um tom de coragem e de esperança que o move para a prática da solidariedade. Uma das marcas dessa trajetória de migração é a fome.

Eva, 42 anos, nascida em Ibiraiáras, moradora de Caxias do Sul, conheceu a cidade aos 12 anos de idade. Identifica-se fortemente com os costumes rurais e procura cultivá-los. Embora resida há 27 anos na cidade, o gosto pelo rural, pelo campo, ganha espaço em sua narrativa. De origem camponesa, ela se autodenomina descendente de “brasileiros”, porque “era assim que os outros chamavam a gente lá no sítio”. Eva tem descendência lusa. Possui a 5ª série do ensino fundamental e começou a trabalhar desde os 12 anos de idade. Os pais migraram para Caxias do Sul depois de aposentados a convite de um familiar para ter mais facilidade no acesso à saúde, visto que o pai era idoso e doente. Hoje os dois já são falecidos. Eva migrou para acompanhar os pais e para trabalhar. Tem dois filhos, um do primeiro casamento e o outro do segundo. A migrante convive com o companheiro com o qual teve o último filho. Sobre os filhos, fala do gosto que eles têm pela vida e pelos costumes do campo. Isso aparece como uma das marcas da memória, em sua narrativa. **Trabalha em uma empresa na área de serviços gerais durante o dia e lamenta o fato de não poder ouvir a rádio Viva, no local de trabalho.** Comentário: Uma palavra que pode caracterizar essa mulher migrante é a simplicidade de quem veio do campo e conserva valores do meio rural, no ambiente urbano.

Débora, 38 anos, nasceu na cidade de Novo Hamburgo, RS. O motivo da migração a Caxias do Sul foi a oportunidade de um trabalho mais condizente. Há oito meses reside em um apartamento alugado no centro da cidade. Descendente de portugueses, **migrou para sete cidades no Estado do Rio Grande do Sul e, na maioria das vezes, em função do trabalho.**

³³ Na apresentação da síntese dos 10 sujeitos migrantes entrevistados em Caxias do Sul (Anastácio, Moisés, Eva, Débora, Vitória, Marta, Ester, Leonardo, Maria e Miguel), a pesquisadora usou negrito para destacar a experiência do trabalho e da migração em suas trajetórias migratórias.

Possui graduação em assistência social e Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Humano. Aos sábados, domingos e feriados vai a Vera Cruz, RS, onde possui residência própria e uma empresa de consultoria em projetos de gestão e desenvolvimento humano de Responsabilidade Social. Das mídias o que mais consome atualmente é a internet e a usa principalmente para buscar fatos e novidades que possam ser úteis na área da assistência social, principalmente, experiências e oportunidades relativas a projetos socio-cultural-educativo-ambiental-artísticos. Comentário: Em Débora, vemos um olhar sensível às necessidades das pessoas em situação de vulnerabilidade, talvez porque ela mesma sabe o que significa batalhar desde cedo para superar a miséria sócio-econômica.

Anastácio, 36 anos, nasceu em Braço do Norte, SC. Há cerca de dois anos, mora em Caxias do Sul, RS. De origem camponesa e descendente de imigrantes portugueses, por conta disso se denomina de origem brasileira, participou de 22 mudanças nos primeiros 10 anos de vida com seus pais, que migravam por causa do trabalho, e somando com suas 10 mudanças, em vista do trabalho missionário, são 32 ao todo e, certamente, não vai parar de migrar pela opção de vida assumida como consagrado. **A migração é constitutiva de sua identidade, porque Anastácio não viveu sem migrar. É migrante filho de migrante.** Narra a história de migração da família, do pai, de um irmão que viveu uma experiência de migração transnacional. Fala sobre as dificuldades, as diferenças, as riquezas da migração como a autonomia, além de ter vivenciado uma ampliação e diversificação no mapa de consumo e uso de mídias durante a migração. Comentário: De Anastácio, sob um olhar mais subjetivo, observamos que a fé em Deus e princípios éticos norteiam seu projeto de vida. Como mestre em Teologia, dedica parte de seu cotidiano ao estudo, à escrita e à formação de jovens e lideranças.

Vitória, 25 anos, nasceu em Rivera, Uruguai. De origem camponesa e descendente de espanhóis. Mora em Caixas do Sul há um ano e quatro meses. **O marido migrou primeiro e conseguiu emprego através de um parente.** Está concluindo o ensino médio pelo projeto EJA (Educação de Jovens e Adultos). Mora com o marido e um filho com menos de dois anos de idade, em um porão insalubre alugado. Sonha em ter a casa própria e por isso se inscreveu no programa Caxias Minha Casa, da Prefeitura Municipal em parceria com a Caixa Econômica Federal. Participa da comunidade-igreja e foi atendida pelo Centro de Atendimento ao Migrante. Através dele, fez um curso para trabalhar em restaurantes, cozinha industrial e na higiene e manipulação de alimentos, mas, **ainda está desempregada.** Comentário: Vitória é uma mulher otimista, inspira-se em modelos de mulheres batalhadoras que venceram na vida. Deixa-se levar pela esperança de conseguir, em breve, melhorar sua

condição de vida, inserindo-se no mercado de trabalho. As mídias mais usadas, em seu cotidiano de migrante, são o rádio e a televisão.

Marta, 32 anos, nasceu em Itaqui, RS. Migrou acompanhando o marido há um ano e três meses, para trabalhar e melhorar de vida. Possui o Ensino Médio completo. Em fevereiro de 2009, visitou a família e trouxe consigo uma irmã necessitada de cuidados com a saúde. Sonha em trazer toda a família para Caxias do Sul para que possam ter melhores condições de vida. Está desempregada, mas inscrita para fazer um curso de Leitura e Interpretação de Desenho (LID) e Metrologia Dimensional, no Centro de Atendimento ao Migrante. A profissão que mais almeja é ter seu próprio salão de beleza. Mora de aluguel em um porão úmido e frio com o marido e a irmã. Inscreveu-se no programa Caxias Minha Casa, da Prefeitura em parceria com a Caixa Econômica Federal, para realizar o sonho de ter a casa própria. **Uma das marcas dessa trajetória de migração é a fome. Marta é uma migrante que faz uso de uma variedade de mídias para conseguir trabalho, dentre elas, a rádio Viva, o jornal Pioneiro e o celular da Vivo.** No lugar de origem, usava a televisão e principalmente os noticiários para se informar sobre o mercado de trabalho nas metalúrgicas de Caxias do Sul. Confessa supor fosse mais fácil conseguir trabalho, mas percebe que “é preciso vir bem equipada”.

Leonardo, 56 anos, nasceu em Getúlio Vargas, RS. De origem camponesa e descendente de imigrantes italianos. Quando criança acompanhou os pais nas mudanças realizadas na região e quando jovem migrou a Caxias do Sul, RS, para trabalhar e ter condições de vida melhores para si e para sua mãe e irmãs. Há 35 anos mora na cidade. Coursou até a 5ª série do ensino fundamental. Inicialmente, migrou **sozinho e, depois de seis meses trabalhando em uma metalúrgica, retornou para buscar a mãe (viúva) e as irmãs.** No depoimento de Leonardo, vemos a importância das redes sociocomunicacionais de parente e amigos, visto que, por ele, mais de 30 famílias migraram para Caxias do Sul. Há cerca de 10 anos, possui casa própria e uma empresa de transporte escolar com uma frota de 10 ônibus. É cristão católico e está se preparando para compromisso em movimento leigo religioso. As mídias mais usadas em seu cotidiano são o rádio e a televisão. Por excesso de trabalho, entrou em depressão profunda. Hoje continua em tratamento e é acompanhado por psiquiatra e psicólogo.

Maria, 33 anos, nasceu em Foz do Iguaçu, PR. Mora em Caxias do Sul há menos de um ano. Possui o ensino fundamental completo. Nunca trabalhou com carteira assinada, apenas como diarista na cidade de nascimento e um mês, como experiência, em uma livraria no centro de Caxias do Sul. Está desempregada e mora de aluguel com o marido e dois filhos,

mas sonha em ter a casa própria. Por isso, se inscreveu na Secretaria de Habitação, no programa “Caxias Minha Casa”, Projeto da Prefeitura em parceria com a Caixa Econômica Federal. Maria diz experimentar certa solidão por não participar como, na cidade de origem, semanalmente, de grupos de oração e da missa dominical. Em seu depoimento percebemos que **as redes sociocomunicacionais de familiares aparecem com força e contribuíram para a inserção do marido no mercado de trabalho em uma empresa do ramo metal mecânico.** É forte o sentimento religioso que a mantém esperançosa de tempos mais favoráveis. Transmite os bons valores vividos para os filhos. Percebe muitas diferenças nas pessoas da cidade e certo fechamento: “as pessoas daqui trabalham muito”. Em seu cotidiano de migrante, usa mais o rádio e a televisão, mas afirma que a Palavra de Deus é mais importante para a vivência.

Ester, 53 anos, nasceu em Barreiras, BA. De origem urbana e descendente de imigrantes portugueses e espanhóis, acompanhou os pais desde criança nas migrações empreendidas para diversos estados do Brasil: Mato Grosso, Distrito Federal, Rio de Janeiro, São Paulo. Depois de casada também migrou para os estados do Paraná e Rio Grande do Sul. É possível afirmar que a migração é constitutiva de sua identidade, porque ela não viveu sem migrar. É migrante filha de migrantes e há sete anos reside em Caxias do Sul, RS. Possui casa própria. O motivo da migração foi a doença de um familiar. Já trabalhou em empresas do ramo metal-mecânico em Caxias do Sul e conta da exploração sofrida no trabalho. **Atualmente está desempregada. A idade dificulta a inclusão no mercado de trabalho.** Com graduação em Química Industrial, em São Paulo, SP, e com uma vasta experiência profissional, Ester é uma migrante consciente da riqueza cultural oportunizada pelo migrar e conhecer outras realidades, outros modos de vida, outros valores e costumes. Participa, semanalmente, de celebrações na Igreja Católica, mas prefere não se engajar em movimentos eclesiais. Sobre os meios de comunicação, consome várias mídias e demonstra espírito crítico em relação às informações.

Miguel, 26 anos, nasceu em Braço do Norte, SC, e nessa cidade reside com a esposa e o filho com menos de um ano de idade. É o único migrante da amostra não residente em Caxias do Sul, RS. É, também, o único com experiência da migração transnacional, Portugal. Retornado ao Brasil, estabeleceu-se na cidade de Criciúma, no estado de Santa Catarina. Meses após, trabalhou na região de Garopaba a Passo de Torres como representante de vendas no setor de vestuários. Miguel sempre migrou em vista de melhores oportunidades de trabalho e o desejo de bem-estar. Foi entrevistado em sua casa, em Braço do Norte, SC. Um dos principais motivos da migração a Portugal foi a informação de que o salário era bem superior

ao recebido no Brasil. motivação segunda, o sonho de juntar uma soma significativa de dinheiro, retornar ao país de origem e mostrar aos seus familiares que havia conseguido vencer. Para empreender um projeto migratório, revela a existência de uma rede envolvendo agências de viagem que orientam o migrante. Essa migração foi portadora de um grande aprendizado para Miguel que repensou os valores nos quais acredita e reviu a ordem que esses devem ocupar em sua vida. Disse ter aprendido que o dinheiro não é tudo na vida. **Atualmente, reside na cidade onde nasceu e ali possui casa própria e trabalha como mestre de obras, com carteira assinada.** Ainda jovem, está decidido a não mais migrar. Foi uma experiência, em certo aspecto, de sofrimento e de discriminação. Começou a trabalhar aos 12 anos de idade e, em função disso, o tempo dedicado aos estudos era escasso. Com muito esforço conseguiu concluir o ensino médio, cursando o supletivo à noite. Participa de missas semanalmente na Igreja Católica com a esposa e o filho. Em sua trajetória de migrante, usou de forma mais expressiva a televisão para ligação ao país de origem e família.

Após a apresentação dos 10 sujeitos migrantes, no quadro a seguir organizamos algumas informações a respeito dos entrevistados como faixa etária, descendência e origem.

Idades dos entrevistados/descendência/origem			
Nome	Idade	Descendência	Origem
Moisés	53 anos	Portugueses	Urbana
Eva	42 anos	Portugueses ³⁴	Rural
Débora	38 anos	Portugueses	Urbana
Anastácio	36 anos	Portugueses	Rural
Vitória	25 anos	Espanhóis	Rural
Marta	32 anos	Portugueses	Rural
Leonardo	56 anos	Italianos	Rural
Maria	33 anos	Português	Urbana
Ester	53 anos	Portugueses/espanhóis	Urbana
Miguel	26 anos	Portugueses	Rural

Quadro 5 - Faixa etária – descendência – origem

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Desse quadro destacamos, em especial, a descendência dos migrantes, pois nos chamou atenção que dos 10 entrevistados, oito são descendentes de portugueses, um de espanhóis e um de italianos. Quanto à origem, quatro são de origem urbana e seis de origem

³⁴ A entrevistada Eva se autodenomina “brasileira”.

rural. Em relação à faixa etária, foi um critério de escolha para a amostra, tendo em vista a diversidade também nesse aspecto.

Nos próximos capítulos, serão apresentados de forma mais detalhada a construção do objeto de estudo através do referencial teórico e o processo de desenvolvimento da pesquisa.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, serão tratados os conceitos de migração, trabalho, recepção midiática, mediações a partir dos pressupostos teóricos de autores como Jesús Martín-Barbero, Guillermo Orozco Gómez, Denise Cogo, Antony Giddens, José de Sousa Martins, Michel De Certeau e Boaventura de Sousa Santos, buscando, dessa forma, atender aos objetivos da pesquisa.

3.1 MIGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA, TRABALHO E CIDADANIA

A migração contemporânea “parece estar andando em ritmo acelerado como parte do processo de integração global.”³⁵ Desse ponto de vista, Giddens afirma que “as teorias de ‘expulsão e atração’ da migração foram criticadas por oferecerem explicações excessivamente simplistas para um processo complexo e multifacetado.”³⁶ Essa afirmação é aplicada principalmente à migração transnacional. Porém, aqui direcionamos nossa discussão às migrações internas, ou seja, regionais.

Analisando as migrações como “processo complexo e multifacetado”, consideramos importante apresentar alguns dados sobre a migração em nível de Brasil. No fim da década de 60, o país deixa de ser essencialmente agrícola, e, com o êxodo rural, a população urbana chega a 55,92%. A mudança foi ocasionada pela mecanização no campo, principalmente nas atividades de plantio e colheita. Isto contribuiu para a expulsão de grandes contingentes de trabalhadores rurais que passaram a migrar, de certa forma, esperançosos e motivados pela “atração exercida pelas cidades como lugares que oferecem melhores condições de vida, com mais acesso à saúde, à educação e a empregos.” (CONHECIMENTOS..., 2000).

³⁵ “Os padrões de migração mundiais podem ser vistos como um reflexo dos laços econômicos, políticos e culturais que estão em rápida mudança entre os países [...] A imigração, o movimento de pessoas que entram em um país para fixar residência, e a emigração, o processo pelo qual pessoas deixam um país para residirem em outro, combinam-se para gerar padrões de migração global que ligam os países de origem aos países de destino. Os movimentos migratórios somam-se à diversidade étnica e cultural em muitas sociedades, auxiliando a moldar as dinâmicas demográficas, econômica e social.” (GIDDENS, 2005, p. 215.)

³⁶ “Em lugar de aceitarem essas teorias, os estudiosos de migração estão observando mais os padrões de migração global como “sistemas” produzidos por meio de interações entre processos de macro e de microníveis. Embora essa idéia possa soar complicada, é, na verdade, bastante simples. Os fatores de macronível referem-se a questões essenciais, como a situação política de uma área, as leis e as regulações que controlam a imigração e a emigração, ou as mudanças na economia internacional. Os fatores de micronível, por outro lado, dizem respeito aos recursos, ao conhecimento e às interpretações que as próprias populações migrantes possuem.” (GIDDENS, 2005, p. 215.)

Em relação à migração, a Constituição Federal Brasileira de 1988 assegura que migrar é direito de todo cidadão, mas, na realidade, a problemática migratória envolve discussões em torno das condições em que acontecem os processos de mobilidade humana. A migração ocorre de forma espontânea, porém, muitas vezes, de modo forçado revelando que, por trás do ato de migrar, estão interesses políticos, econômicos visando o lucro em detrimento dos direitos humanos. Embora o fluxo migratório tenha declinado a partir da década de 90, a região metropolitana de São Paulo é, ainda, a maior receptora de migrantes do Brasil.

Na década de 40, o movimento migratório no Estado representava 24,9% da população que aí vivia; na década de 70, alcançou 42,4%. Nos anos 80, [...] os migrantes foram responsáveis por apenas 9% do crescimento ocorrido. O saldo migratório no Estado de São Paulo decresceu de 3 milhões de pessoas, na década de 70, para 586 mil, de 1980 a 1991 (VALIM, 1996, p. 20).

Sobre a migração interna, na história do Brasil, segundo Valim (1996), constata-se, inicialmente, o fenômeno migratório das culturas indígenas. Com a invasão dos colonizadores portugueses, os deslocamentos indígenas forçados. Trazidos da África como escravos, os imigrantes negros acompanharam os ciclos econômicos, trabalhando no cultivo da cana-de-açúcar, do café e na extração de ouro. O Brasil, depois da abolição da escravatura, em 1888, recebeu o terceiro grande fluxo de migrantes: os europeus contratados para trabalhar nas lavouras de café e, mais tarde, incorporados ao trabalho no ramo industrial.

Do que vimos até aqui, as migrações internas são fundamentais para compreender a estrutura da sociedade brasileira. Durante o ciclo do café e da borracha, ou nos anos 50, Valim (1996) acredita que os fluxos migratórios foram motivados pela oferta de trabalho aos nordestinos, por exemplo. Na fase de industrialização do país, São Paulo recebeu intenso fluxo de migrantes de Estados do Nordeste. Essa acentuada migração provocou o inchamento das periferias das cidades grandes e médias.

Em uma análise dos dados do Censo Demográfico do IBGE de 1991, observamos uma mudança de direção dos fluxos migratórios dos grandes centros urbanos para as cidades pequenas e médias. Essa mudança do rumo da migração é decorrência de fatores como a crise de 1980, que abateu o país, aumentando o número de desempregados e empobrecendo a população. Um dos fatores foi o esvaziamento do campo, ocasionado pelo êxodo intenso nas décadas anteriores e pela crise financeira que interrompeu o incentivo agrícola conferido aos latifundiários. Esses fatores são responsáveis pela diminuição de fluxos migratórios para os grandes centros urbanos.

Na busca por melhores condições de vida, muitas pessoas pertencentes à classe média se mudaram para condomínios criados em municípios em volta das capitais. Dessa forma, acentuaram-se as desigualdades sociais no Brasil, o que colaborou para o desenvolvimento das cidades de médio porte, ou seja, ao conjunto dos centros urbanos que não são capitais e também não são metropolitanas.

De acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 1991, as cidades médias têm uma população entre 100 e 500 mil habitantes. Os dados desse Censo informam que, entre 1970 e 1996, as cidades médias cresceram mais do que os grandes centros urbanos do país. Grande parte desse crescimento aconteceu devido ao intenso fluxo migratório, elemento importante no “boom” de cidades como Caxias do Sul, exemplo desse fenômeno, por ser economicamente próspera e por representar o terceiro PIB do Estado, superada somente por Porto Alegre e Canoas. Assim, o município de Caxias do Sul se torna atrativo para as migrações: “Eu vim pra Caxias por causa do trabalho, pra melhorar a vida, porque ele trabalhava num depósito de bebida e ganhava pouquinho e eu só de faxina e ganhava pouco também.”³⁷

Cidade média de forte expressão, Caxias do Sul representa um importante pólo industrial extremamente desenvolvido. Ligado ao parque industrial, há o desenvolvimento da Universidade de Caxias do Sul e de várias Faculdades que contribuem no aperfeiçoamento profissional pela qualificação da mão de obra. A imagem de Caxias do Sul, como cidade próspera, que oferece muitas oportunidades de emprego chega até os migrantes do interior do Estado do Rio Grande de Sul e de outros Estados do Brasil através da mídia e das redes sociocomunicacionais de familiares, parentes, amigos e conhecidos desempenham um papel relevante no momento de empreender um projeto migratório. Nesse sentido, podemos dizer que

a consolidação desses novos cenários tem possibilitado igualmente o crescimento das migrações intra-regionais em regiões como Nordeste e Sul. Após duas décadas de intensa evasão de suas populações, essas regiões registraram redução da emigração ao mesmo tempo em que, tanto suas áreas metropolitanas quanto o interior, se convertem em pólos de migração e retorno (COGO, 2006, p. 27).

A pesquisadora Denise Cogo (2006) observa que, durante a década de 90, houve um destaque para as reconfigurações nas pautas de migrações internas entre Estados e Municípios

³⁷ Marta, 32 anos, nascida em Itaqui, RS, moradora de Caxias do Sul.

do Brasil com uma diminuição das migrações inter-regionais. Em meados da década de 1990, os Estados do Amapá, Tocantins, Goiás e Distrito Federal se afirmaram como novos pólos de migração. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no “levantamento de 1999, cerca de 54% das pessoas residentes na região Centro-Oeste não eram nascidas nos municípios em que estavam vivendo na ocasião e mais de um terço não era originária de nenhum dos Estados que a compõem” (CONHECIMENTOS...,2000). No panorama das migrações internas, cerca de 20 milhões de pessoas migraram entre as grandes regiões do Brasil no ano 2007, conforme a Síntese de Indicadores Sociais 2008, divulgada pelo IBGE.

A distribuição da população por Grandes Regiões de residência atual segundo o lugar de nascimento, em 2007, mantém as mesmas tendências verificadas no início da década de 1990, revelando certa estabilidade dos movimentos migratórios brasileiros. Centro-Oeste tem em sua composição o menor número de população natural (69,7%) e, conseqüentemente, o maior de migrantes (30,3%), sendo que, desses, 22,8% são provenientes das regiões Nordeste e Sudeste. Cabe ressaltar que Roraima e Distrito Federal são os dois estados onde encontram-se os menores percentuais de população natural, acarretando um maior número de migrantes na composição de suas populações residentes. Em 2007, o total acumulado de migrantes segundo as grandes regiões foi da ordem de 19,7 milhões de pessoas. O grupo de maior peso no contingente de emigrantes brasileiros foi o de nordestinos, com 10,5 milhões (53,5% do total de emigrantes). O Sudeste continua a ser o maior pólo de atração consolidado dos emigrantes nordestinos, uma vez que 66,7% se dirigiram para esta região. Verificou-se, também, que das 692 mil pessoas que vieram de países estrangeiros 71,6% tiveram como destino a região Sudeste (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2008).

Sobre a migração, tomamos aqui a compreensão oferecida pela pesquisadora brasileira, Ana Valim (1996), quando se propõe a comentar que, paralelo a um contexto de intensas transformações desencadeadas pela globalização, o fenômeno migratório apresenta características de evento permanente. No estudo realizado pela autora, entendemos que “o intenso fluxo migratório para as cidades provocou não apenas o crescimento das grandes metrópoles e das capitais dos Estados, mas também o ‘inchamento’ dos municípios periféricos, ou das cidades-dormitórios, que apresentaram taxas de crescimento superiores às da própria capital” (VALIM, 1996, p. 16). O Brasil apresenta crescimento econômico e nesse sentido é estimado e tido como um país moderno. Mas a modernidade deve ser questionada quando há indicadores sociais que mostram alto índice de pessoas desempregadas, de analfabetismo, de falta de habitação, de precariedade da saúde, e, em meio a tudo isso,

encontra-se uma multidão de pessoas envolvidas num processo de migrações que se repetem sucessivamente.

Pensando sobre a importância de apresentarmos dados mais atuais sobre as tendências da migração interna, observamos que o Sul já não é uma região de expulsão, mas de acolhida de importantes porcentagens de pessoas oriundas de outras regiões ou cidades, principalmente dos

Estados de Santa Catarina (16,4%) e Paraná (18%). O Rio Grande do Sul tem características diferentes e peculiares, pois é a Unidade da Federação com menor número de não naturais (4,4%) e, ao mesmo tempo, registra uma boa mobilidade inter-municipal (40%), embora inferior aos demais estados da região. Merece um destaque o Estado de Santa Catarina que, entre 2004 e 2005, viu aumentar o número de não naturais da Unidade da Federação de 14,4% (832 mil pessoas) para 16,4% (961 mil) (MILESI, 2008).

Podemos dizer que “cerca de 200 milhões de pessoas ou 2,8% da população mundial é constituída, atualmente, por migrantes” (WENDEN, 2005 apud COGO, 2007, p. 65). E, sem incorrer no erro de exagerar, é possível admitir que centenas de milhares desses seres humanos que peregrinam por esse mundo o fazem acreditando na existência, quem sabe, de uma cidadania universal onde o cidadão, exigindo seus direitos e cumprindo seus deveres, encontra seu espaço de expressão e coabite em harmonia.

Em uma pesquisa do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, Marinucci afirma que mais de 200 milhões de seres humanos vivem fora do país de origem e são nomeados “migrantes internacionais”. Há milhões de pessoas morando fora da cidade natal, no próprio país. Esses são os “migrantes internos”. Outros milhões de seres humanos trabalham fora do lugar em que residem. Esses são os “migrantes laborais temporários ou sazonais”. O pesquisador constata que há milhões de pessoas que, embora permanecendo no lugar de origem, vivenciam o “fato migratório” por viverem com ausência cotidiana de familiares que migraram. Enfim, vivemos num mundo em mobilidade, num mundo onde os deslocamentos geográficos se tornam, cada vez mais, normais, habituais.

Nesse sentido é necessário pensar como migrante não apenas quem migra, mas o conjunto da unidade social de referência do migrante que se desloca. Mesmo que uma parte da família fique no lugar de origem e apenas outra parte se desloque para o lugar de destino. No entanto, todos padecem as conseqüências da migração, embora não sejam estatisticamente migrantes. Todos vivem os dias à espera do ausente. Muitas vezes, a migração é migração familiar. Nesse sentido, mesmo filhos que nascem no local de destino, e que tecnicamente não são migrantes, também são

vítimas da migração e vivem plenamente o modo de vida transitório e inconcluso da migração, embora nas estatísticas não apareçam como migrantes. É possível que estejamos em face de uma nova categoria de população: o de vítimas da migração insuficientemente ou patologicamente assimiladas pelas sociedades de destinos (MARTINS, 2003, p. 145).

Nos últimos anos, observamos um contexto social de intensa e desordenada mobilidade humana. Por sua vez, a economia mundial está cada vez mais dependente dos trabalhadores migrantes que colaboram de forma significativa com habilidades, conhecimentos especializados e mão de obra para o crescimento das cidades de recepção. Numa perspectiva dos direitos humanos, o migrante passa a ser mão de obra barata e, por isso, bem aceita em determinados setores da economia de países desenvolvidos, sendo considerado concorrente desleal dos trabalhadores autóctones.

Embora honestos, os esforços para conter a maré da “migração econômica” não são e provavelmente não podem ser 100% exitosos. A miséria prolongada cria milhões de desesperados e, na era da fronteira global e do crime globalizado, dificilmente se poderia esperar que faltassem “empresas” ávidas por ganhar um trocado ou alguns milhões em cima desse desespero. Daí a segunda consequência formidável da grande transformação atual: milhões de migrantes vagando pelas estradas antes trilhadas pela “população excedente” descarregada pelas estufas da modernidade – só que desta vez na direção oposta, e sem ajuda dos exércitos de conquistadores, mercadores e missionários. A dimensão plena dessa consequência e suas repercussões ainda estão para ser reveladas e entendidas em todas as suas muitas ramificações (BAUMAN, 2007, p. 40-41).

Mesmo que haja empenho para conter a “migração econômica”, segundo Milesi (2001), os movimentos migratórios tendem a continuar intensos e crescentes. A migração é resultado de uma sociedade fragmentada por volumosas desigualdades materiais e sociais. Para a pesquisadora das migrações contemporâneas e dos processos midiáticos, Denise Cogo (2002), os processos migratórios são, muitas vezes, caracterizados pela fragmentação e dispersão que adquirem na cadeia global. O pesquisador Martins (2003) afirma termos a tendência de ver a realidade migratória como “um problema social” e quando olhamos para a migração, dessa forma, nós a “definimos de fora para dentro.” Na opinião do autor, isso acontece porque

o nosso ponto de vista é um ponto de vista estranho em relação à realidade do próprio migrante e do próprio “excluído”, entre aspas, porque muitas pessoas que migraram, migraram porque decidiram migrar; migraram porque migrar era a

melhor alternativa. Isso não quer dizer que seja a correta alternativa, mas era a melhor alternativa no julgamento do migrante (MARTINS, 2003, p. 128).

Para pensar nos processos migratórios e nas transformações vividas na contemporaneidade, Lipovetsky pondera que a mobilidade e a autonomia têm um preço alto porque vêm acompanhadas de fortes sentimentos de depressão, de ansiedade e de diversas inquietações psicopatológicas comportamentais. “A figura dominante do individualismo democrático foi, durante algum tempo, a euforia de liberação; agora, cada vez mais, é a dificuldade de viver, a insegurança, o medo ligado não somente ao terrorismo, mas a qualquer coisa: alimentação, relações, idade, trabalho, aposentadoria” (LIPOVETSKY, 2004, p. 21).

Os sujeitos migrantes que desafiam a discutir sobre o tema migração hoje e também a debater sobre a sociedade que queremos, sobre o conceito de globalização a partir de novas interpretações.

Os estudos sobre a globalização apontam para a mobilidade crescente de bens, pessoas e símbolos, à escala mundial, sobretudo como consequência dos modernos meios de comunicação. A globalização, por um lado, conduz à homogeneidade, mas, por outro, também se verifica heterogeneidade. [...] Enquanto alguns autores acentuam a crescente Tolerância à diferença, a maior possibilidade de escolha e o aumento da hibridação das identidades, existem outros que indicam que a globalização também conduz a reações étnicas e nacionalistas que extremam a diferença (VERMEULEN, 2001, p. 14).

Se a globalização se utilizasse de alicerces sociais e políticos direcionados ao humano, quem sabe, essas teorias apresentariam outros resultados. Como observamos em um documento da Organização Internacional de Migrações (OIM): “o movimento de pessoas dentro e através de fronteiras se efetua com vistas a satisfazer os desafios socioeconômicos que a globalização traz consigo e que fazem com que a busca de trabalho propicie a maioria dos movimentos observados neste século” (CRISE..., 2008). Embora essa constatação seja verídica e muitas pessoas migram coagidas pela crise econômico-financeira, há outras razões que propiciam e desencadeiam os processos migratórios contemporâneos.

Sobre a globalização, é possível pensar que ao invés de criar novos postos de trabalho, extingue-os e, assim, força os trabalhadores ao deslocamento em busca de oportunidades para viver de forma mais honrada. Tomam essa decisão, porque, acreditam ser mais promissor. Nesse processo, a migração apresenta-se como um fato globalizado e como um fenômeno complexo e contraditório. Percebemos isso no relato a seguir:

Indesejados e necessários, nós, imigrantes, fazemos parte da lógica da mobilidade forçada, imposta pelo capital que exclui, descarta, atrai, inclui precariamente, explora, massifica e reprime. [...] Nós, migrantes, somos seres humanos que não somente vemos violados nossos direitos, como também vemos postergados nossos sonhos e ameaçados nossos laços familiares, base fundamental para o desenvolvimento de todo ser humano (AHUMADA, 2008, p. 203).

A partir dessa colocação, é possível entender que a precarização do trabalho e a extinção de algumas formas, como assinala Santos (1997), desencadeiam a migração forçada, pois os migrantes, em sua maioria, são submetidos a trabalhos inferiores. Por isso, situar os processos migratórios contemporâneos em nível local, considerando o sistema que está em seu entorno, torna-se condição preponderante para a sua compreensão. Nos estudos de Martins vemos que a dinâmica das

migrações internas se apóia nos mesmos fatores das imigrações: desemprego, subemprego, falta de oportunidades de trabalho, excedentes populacionais crescentes, pobreza crescente associada à competição pelas oportunidades de emprego cada vez mais raras ou cada vez piores, expectativas crescentes de consumo, dificuldades para compatibilizar trabalho e nível de vida (MARTINS, 2003, p. 140).

Essa discussão proposta pelo pesquisador Martins nos leva a ter o cuidado para não afirmar no plano teórico certa essencialização do conceito de migrante pelo aspecto econômico, pois, o sujeito migrante é um ser humano plural. Ao migrar, carrega consigo muitas outras motivações que alimentam seu projeto de migração como as subjetivas que são fundamentais quando no empreender um projeto migratório: a fé, a esperança e a força de superação dos obstáculos reais e/ou simbólicos.

Na contemporaneidade, não podemos falar em migração sem falar de etnicidade. Tomamos aqui o conceito de Giddens (2005, p. 206) quando diz que etnicidade se refere “às práticas e às visões culturais de determinada comunidade de pessoas que se distinguem de outras.” Para o autor, na etnicidade não há nada de inato, pois ela “é um fenômeno puramente social, produzido e reproduzido ao longo do tempo.”³⁸ Dessa forma, embora a etnicidade seja mantida dentro da tradição, ela é adaptável a circunstâncias inconstantes e é variável.

³⁸ “Através da socialização, os jovens assimilam os estilos de vida, as normas e as crenças de suas comunidades [...] a etnicidade não é estática nem imutável, mas, sim, variável e adaptável a circunstâncias inconstantes.” (GIDDENS, 2005, p. 206.)

Podemos dizer que, através da socialização, os sujeitos migrantes assimilam as normas, crenças e estilos de vida de suas comunidades, porque a etnicidade oferece uma linha de continuidade com o passado, através da prática das tradições culturais e, assim, normalmente, mantidas vivas.

Situar a problemática migratória na história, conhecendo o sistema que está em seu entorno, torna-se condição necessária para a sua compreensão. Isso é importante para pensar em problemas como a violação dos direitos de trabalhadores migrantes. Em nível de Brasil, o economista brasileiro Celso Furtado (1983) apresenta um caminho pautado em reflexões e possibilidades de crescimento, considerando as riquezas das diferentes culturas e identidades numa sociedade onde a cidadania é possível.

A noção de cidadão e de cidadania remonta à polis grega que “nasceu, todavia, com dimensão de exclusão social e de manutenção da hierarquização social” (SCHERER-WARREN, 1999, p. 59). Na Grécia antiga, a democracia era restrita aos homens e, portanto, só não eram considerados cidadãos os escravos, as mulheres e as crianças e também não participantes da vida política. Em nossos dias, podemos dizer, nos apropriando do conhecimento de Martins (2003), que

a cidade não oferece a muitos, alternativas de vida; perde seu poder de ressocializar a partir de valores e relações sociais que estejam referidos à cidadania, à consciência cidadã dos direitos, à grande cultura, à religião, etc., àquilo, enfim, que representa a efetiva emancipação das pessoas em relação a necessidades que reduzem ou bloqueiam o alcance da consciência dos direitos (MARTINS, 2003, p. 148).

A discussão sobre cidadania permite reconhecer que, segundo Hall (2003), grande parte dos imigrantes está concentrada “na extremidade inferior do espectro social de privação, caracterizada por altos níveis relativos de pobreza, desemprego e insucesso educacional” (HALL, 2003, p. 64). Nesse sentido, trazemos aqui uma reflexão sobre cultura e cidadania pelo campo da comunicação, fazendo-nos crer que as sociedades multiculturais remontam ao passado, porque

bem antes da expansão européia (a partir do século quinze) – e com crescente intensidade desde então – a migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnicas ou culturalmente “mistas”. [...] As pessoas têm se mudado por várias razões – desastres naturais, alterações ecológicas e climáticas, guerras, conquistas, exploração do trabalho, colonização, escravidão, semi-escravidão, repressão política, guerra civil e subdesenvolvimento econômico (HALL, 2003, p. 55).

Ao pensar nessa questão de exclusão, entendemos que muitos migrantes podem vivenciar uma crise de identidade não encontrando espaço para exercer sua cidadania e, vivenciar a experiência de rejeição e fragmentação. É a identidade que define o horizonte ético da própria vida e, de certa forma, também o que é importante e o que não tem relevância. Sem o respeito à identidade, sofremos na saúde e na própria inteireza do ser que se torna vulnerável pela situação que o assola na perspectiva de uma expulsão da sociedade que escolheu, embora tantas vezes não tenha tido outra opção de escolha, para viver com justiça e dignidade.

Em Santos (2005), compreendemos a ênfase do sistema de exclusão e de desigualdade afetando principalmente migrantes e mulheres. De acordo com o autor, os direitos de cidadania foram conquistados pelas mulheres e estas foram ingressando no mercado de trabalho. Saíram de um sistema de exclusão, mas entraram em um sistema de desigualdade. Apesar de terem sido integradas no mercado de trabalho, o salário da mulher permanece inferior ao dos homens. Na teoria de Santos (2007), encontra-se um comentário pertinente, estabelecendo relação entre trabalho, cidadania e inclusão:

o trabalho é atualmente um recurso global sem que haja um mercado global de trabalho. Esse é para mim o fator sociológico que está por trás desse intercâmbio cada vez maior entre o sistema de desigualdade e o sistema de exclusão, porque essa discrepância permite, de fato, que o trabalho deixe de ser um fator de cidadania e inclusão (ainda que subordinada) e possa existir com a mais total exclusão. Por outro lado, o segundo fator ao qual também não temos dado importância – devemos reconstruir a teoria por meio dele – é que há formas híbridas que se identificam com elementos de desigualdade e de exclusão: as duas mais importantes para nós são o racismo e o sexismo (SANTOS, 2007, p. 64).

Nos estudos de Martín-Barbero (1997), o trabalho passa por uma intensa compressão e até a supressão da conexão societária de espaço e de tempo entre o trabalhador e a empresa. Isso acaba prejudicando de forma profunda o equilíbrio psíquico do trabalhador, porque deixa de ser um campo central de comunicação social, do próprio prestígio social. O trabalho perde a capacidade de ser um espaço fundamental de significação da vida particular e do significado da existência.

Para pensar sobre a questão das mudanças ocorridas no mercado de trabalho, valemos das contribuições de Santos (2005) fazendo-nos compreender que o “trabalho seguro” está cada vez mais precário e com essa diminuição, a integração, que ele garante, também

diminui. Da mesma forma, Antunes (2000, p. 49) assegura que “o mais brutal resultado dessas transformações é a expressão, sem precedentes na era moderna, do *desemprego estrutural* [grifo do autor], que atinge o mundo em escala global.”

Na proposição de Antunes (2000) entendemos algumas importantes conseqüências das mutações no processo de produção e como essas transformações afetam o mundo do trabalho. Algumas das decorrências são o grande aumento da mão de obra feminina, abastecendo o espaço do subcontratado, do terceirizado e do precarizado; trabalhadores jovens e velhos (em média com 45 anos de idade) excluídos do mercado de trabalho; utilização do trabalho dos migrantes sob condições desumanas e criminosas.

Na perspectiva da discussão sobre a questão do trabalho, vemos a importância de relacionar a proposição de Negri e Hardt (2005) quando afirmam serem muitas as reclamações contra a atual ordem global e as queixas, não apenas, contra a miséria, a fome, as desigualdades e as tiranias políticas e econômicas, mas também contra a corrupção da vida no seu todo.

3.1.1 Migração e trabalho construídos na mídia local: Correio Riograndense (histórico) e ZH (contemporâneo)

Algumas leituras revelam que, em períodos históricos, a mão de obra de trabalhadores migrantes era necessária. A mídia impressa brasileira colaborou na construção da imagem do imigrante italiano e alemão, do final do século XIX e início do século XX de forma enaltecida. O imigrante europeu era apresentado como o trabalhador incansável que contribuiu para o progresso e desenvolvimento da sociedade. Uma das mídias impressas que enalteciam o imigrante europeu era o jornal *Correio Riograndense*, dos freis capuchinhos, em Caxias do Sul, RS, fundado em 1909. Desde o início, esse jornal se posicionou como o porta-voz do imigrante³⁹ europeu e seus descendentes, exaltando o trabalho braçal e o trabalhador, sobretudo, do meio rural. O trabalho aparece, de um lado, como sacrifício: mãos sujas de terra e calejadas pelos pesados serviços. De outro, no exemplo de Jesus Cristo, modelo de

³⁹ Pensando em outras direções da migração, podemos dizer que “o surgimento e consolidação de novos pólos de atração tem possibilitado que um número cada vez maior de migrantes se mova apenas entre estados da própria região de origem, caracterizando assim os movimentos migratórios intra-regionais. Aumentando em todo o país, a migração intra-regional tem maior destaque no Nordeste e no Sul, regiões marcadas por um forte movimento de evasão nas últimas décadas e que hoje, com o crescimento econômico de suas cidades, metropolitanas e do interior, passaram a reter suas populações, além de atraírem de volta os que haviam migrado para outras regiões, tornando-se pólos de migração de retorno” (CONHECIMENTOS..., 2000).

trabalhador, pois trabalhou até os trinta anos de idade na oficina do pai adotivo, São José, conforme ensina a Bíblia Sagrada (RECH, 2005), o trabalho é valor e dignidade.

Aos imigrantes europeus e seus descendentes, atribuiu-se a filosofia do *lavoro* (trabalho, em italiano) (RECH, 2005). O trabalho, atividade de sobrevivência, na experiência cotidiana das famílias italianas e alemãs, é transformado em valor ético, impulsionando comportamentos individuais e coletivos, que identificam as comunidades onde estão inseridos como região italiana do trabalho. Numa perspectiva mais crítica dessa realidade, também construída pela mídia, compreendemos que os imigrantes europeus eram trabalhadores necessários. O Brasil precisava então de mão de obra em substituição a dos escravos libertos.

Focando a migração contemporânea, em nível interno, podemos dizer que o avanço tecnológico, aplicado aos meios de comunicação social e às facilidades de transporte, faz da migração, em busca de trabalho, uma alternativa para o migrante que alimenta a esperança de viver em melhores condições fora de seu habitat de origem. A concepção de meios de comunicação foi adotada para pensar processos de acontecimentos de interação entre diversidades. Dessa forma, o termo diversidade pode ser aplicado à migração, pois esta se constitui em variedade, sobretudo onde o fluxo de migrantes é intenso e os migrantes de várias etnias.

Podemos alargar um pouco mais a discussão articulando com as migrações contemporâneas que estão cada vez mais presentes nas agendas dos governos, da sociedade civil, das igrejas, dos movimentos sociais e, também, na pauta da mídia. A importância desse tema não está apenas no crescente e intenso aumento do número de migrantes, mas sobretudo pelo seu conteúdo e significado político e pelo desafio que as migrações se constituem na contemporaneidade.

Referimos o jornal Zero Hora (ZH) como exemplo de mídia local que atua na construção de sentido da migração contemporânea vinculada ao trabalho. Buscamos através de material selecionado, extraído do jornal Zero Hora, na série⁴⁰ publicada nos dias 11, 12, 13 e 14 de janeiro de 2009, analisar, ainda que de forma sucinta, como as migrações contemporâneas estão sendo construídas na mídia impressa. Referimos aqui o livro de Denise Cogo que apresenta um relato importante sobre o tratamento dado às migrações contemporâneas a partir de uma análise empírica nos jornais Folha de S. Paulo, Zero Hora e na revista Veja. “Exemplo desse tratamento é a criminalização que marca a construção midiática dessas migrações em que, a partir de nomeações como ilegais, clandestinos,

⁴⁰ As reportagens foram assinadas por Itamar Melo e Sílvia Lisboa.

irregulares, refugiados, deportados, os migrantes são alvo de uma semantização negativa e “policialesca” que inclui intolerância, violência, desemprego, isolamento, preconceito [...]” (COGO, 2006, p. 38). Conforme a autora, essa “criminalização” faz com que os migrantes, mesmo ocupando posição de sujeitos, na maioria dos casos, aparecem como “experimentadores” dos atos de outras pessoas como, por exemplo, as autoridades.

Na opinião de Cogo (2006), o caráter de criminalização atinente às migrações contemporâneas se contrapõe ao “tom celebrativo e de enaltecimento que assume o tratamento midiático das chamadas migrações históricas, envolvendo a trajetória de italianos e alemães no sul do Brasil, no século XIX e no início do século XX.” Dessa forma, entendemos que o “contraste entre as modalidades de tematização em torno das quais se constroem midiaticamente ambas as tipologias migratórias é outro indicador de como vai se configurando a matriz do regional que faz referência à Europa e à União Européia no processo de midiatização” (COGO, 2006, p. 121).

Observamos, ainda que a existência das redes sociocomunicacionais na chamada central da capa do jornal Zero Hora, mostrando por que a migração de habitantes de cidades como Santana do Livramento diminui a população, em famílias como a dos Severo⁴¹, por exemplo, permaneceu na cidade de origem apenas as matriarcas. Essa chamada tem como título “A migração das famílias move o Rio Grande” (*Zero Hora*, Porto Alegre, 11 de janeiro de 2009, capa). Nas páginas 33 a 36, temos informações sobre o fenômeno maciço da migração contemporânea. “A estimativa é de que a Campanha e a Fronteira Oeste tenham expulsado 63 mil pessoas entre 2000 e 2007.” Com o título “O Rio Grande se move” (*Zero Hora*, Porto Alegre, de 11 de janeiro de 2009, p. 33) a reportagem assinada por Itamar Melo e Sílvia Lisboa destaca que

idades industrializadas – como Caxias, Passo Fundo e Erechim – viraram sorvedouros da população que foge de centenas de municípios em franco declínio. Os gaúchos estão se concentrando em uns poucos núcleos com oferta farta de emprego urbano – e a novidade é que eles não são mais apenas da Região Metropolitana (LISBOA, 2009, p. 33).

⁴¹ A fotografia da família Severo está estampada na capa do ZH do dia 11 de janeiro de 2009. Mesmo considerando a importância do discurso fotográfico, conforme Sousa (2004), no conjunto do jornal e a relevância da análise de imagens, neste trabalho não temos o objetivo de nos deter neste aspecto. Entendemos também que “uma fotografia é um recorte de tempo e espaço, que ao ser colocada em um papel, adquire novos sentidos para além da cena. É real e, ao mesmo tempo, abstrata, pois capta um momento que se eterniza”

Destacamos, do texto acima, uma passagem que apresenta certa ambigüidade, como, no caso, a que diz: “oferta farta de emprego urbano”. Essa afirmação é incoerente com as proposições dos autores pesquisados e, no mínimo, incompatível com a realidade. O que se observa não é a “oferta farta de emprego urbano”, mas o aumento do desemprego.

Na seqüência, a reportagem apresenta histórias de pessoas, migrando de cidades como Rosário do Sul, Santana do Livramento, São Gabriel, Cachoeira do Sul e Salto, no Uruguai, para conseguir um trabalho na Serra que, conforme a reportagem, continua sendo um dos principais pólos de atração de trabalhadores migrantes. “Noite após noite, a linha da empresa São João deixa Santana do Livramento e recolhe pelo caminho levas de migrantes que, como Rodrigo, trocam a falta de perspectivas no sul do Estado pelas promessas de emprego farto na Serra.” (*Zero Hora*, Porto Alegre, 11 de janeiro de 2009, p. 34) Nessa reportagem, na página 35, com o título “Expresso migração”, são apresentadas breves histórias de vida de pessoas migrantes e/ou que participam do processo migratório de seus familiares viajando no ônibus da empresa São João. Diariamente, partem de Santana do Livramento para Caxias do Sul, trazendo pessoas empobrecidas da região do Pampa. Há quatro anos, a empresa faz este roteiro e, desde então, estima já ter transportado seis mil pessoas. O ZH fez uma dessas viagens e observou que “dos 13 passageiros, seis trocaram o Pampa pela Serra, seis visitariam parentes que foram embora e o último era um migrante frustrado, organizando o retorno à terra natal.”

Nos exemplos acima, é possível pensar que os processos migratórios contemporâneos são construídos na mídia de forma “empobrecida”. Observamos que há os migrantes bem sucedidos e os que não conseguiram trabalho. Por outro lado, também percebemos que as migrações internas aparecem na mídia de forma menos criminalizadora do que se observa, por exemplo, no tratamento dado às migrações transnacionais. Porém, sobre a migração se reforçam certos imaginários sobre o trabalho. Isso foi notado em pesquisa⁴² sobre as migrações contemporâneas e leituras focadas nesse tema.

⁴² Em uma pesquisa realizada para construir um artigo para a disciplina: Mídias, Identidades Culturais e Cidadania, no primeiro semestre de 2008, com o professor Dr. Alberto Efendy Maldonado G. de La Torre, foram reunidos 11 títulos de matérias *online* para tentar entender como a mídia atua no tratamento dado aos imigrantes em relação à “Diretiva de Retorno”, que visava à expulsão de imigrantes aos países de origem. Percebemos que a abordagem transita entre a criminalização por parte de algumas fontes e revolta por parte de outras fontes que se posicionam contrárias à diretiva. Essa constatação assinala a construção midiática das migrações internacionais. Os títulos de algumas das matérias que foram mapeados na Internet demonstram de um lado certa “criminalização” dos imigrantes e de outro, uma “penalização” e uma indignação por parte de autoridades da América Latina: O sinal que a Europa dá aos imigrantes é a prisão e a expulsão. (*Jornal Esquerda.net*.25/7/2008); Limpeza étnica na Europa fascista. (*Correio Cidadania*. 2/7/2008); Os sinos estão dobrando. (*Correio da Cidadania*.23/6/2008); Países sul-americanos criticam a nova lei de imigração da União Européia. (*Globo online*. 19/6/2008); Governo brasileiro “lamenta” nova lei européia de imigração. (*Jornal*

Um trabalho importante, evidenciando quanto os meios de comunicação associam as migrações contemporâneas ao crime está na obra *Migraciones transnacionales y medios de comunicación: relatos desde Barcelona y Porto Alegre* coordenado pelas pesquisadoras Cogo, Gutiérrez e Huertas (2008). Esse estudo revela dados de pesquisas, realizadas em diferentes países, que associam os processos migratórios contemporâneos à delinquência.

Muitos trabalhadores migrantes partem movidos pela esperança, embora, na maioria dos casos, marcados pela insegurança, pois o contexto sócio-econômico atual apresenta incertezas em relação à inserção no mercado de trabalho. Isso pode ser observado na reportagem especial sob o título “A luta pelo emprego: opções para salvar vagas” (*Zero Hora*, Porto Alegre, 15 de janeiro de 2009, p. 4-5). A reportagem apresenta alternativas para evitar demissões de trabalhadores. Uma das opções é a “redução da jornada associada à diminuição do salário, uso de banco de horas, suspensão temporária do contrato de trabalho e férias e licenças remuneradas”.

Diante dessa realidade, os trabalhadores temem as demissões e sofrem quando se torna real. A reportagem do ZH, Porto Alegre, 15 de janeiro de 2009, p. 5, apresenta a situação de uma funcionária de uma empresa metal-mecânica de Caxias do Sul, Maria Moreira de Almeida, 43 anos, trabalhando há 23 anos no setor e, pela primeira vez, desempregada. Mesmo percebendo o aumento de novos funcionários substituindo os mais antigos, não pensava em ser demitida. No mesmo dia de sua demissão, mais de 20 funcionários, da mesma empresa, foram dispensados. Diz o jornal em uma passagem: “A caxiense afirma que se na época da demissão, tivesse a opção de aceitar algumas flexibilizações dos direitos trabalhistas, como redução de horas de trabalho e salário, em troca de permanecer no emprego, concordaria sem hesitar” (ZH, Porto Alegre, 15 de janeiro de 2009, p. 5). Essa situação vivenciada por Maria Moreira de Almeida pode ser confrontada com uma matéria do Jornal Pioneiro, Caixas do Sul, dias 10 e 11 de janeiro de 2009 (sábado e domingo), p. 18, informando que “as demissões em massa são vistas como pouco prováveis, porém não se descartam dispensas pontuais, que devem afetar especialmente os temporários e os contratos de experiência ou de empregados com menos de um ano de contrato.”

No segundo dia da série de reportagens “O Rio Grande se move (2)” “sobre a transformação populacional que o Estado atravessa com a diminuição da maioria das cidades,

FOLHA ONLINE, 18/6/2008); Na Presidência da UE, França quer restringir imigração. (BBC Brasil.1/7/2008.); Regras de imigração na UE são mais generosas que na América Latina, diz Barroso. (BBC Brasil.4/7/2008); União Européia aprova lei contra imigrantes ilegais. (Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão. Edição do dia 18/06/2008); Diretiva de Retorno: um novo holocausto. (Portal Missionário da Igreja Católica do Brasil.23/6/2008).

ZH mostra como os pequenos municípios estão ficando ainda menores, pela migração.” (*Zero Hora*, Porto Alegre, de 12 de janeiro de 2009, p. 32). A reportagem intitulada “Cidades que encolhem” mostra que municípios pequenos, como Barra do Rio Azul, RS, são incapazes de segurar seus jovens que partem da roça para procurar emprego em cidades industriais como Erechim. Na mesma reportagem, na página 33, ZH informa um resumo dos temas da série: Dia 11: “O Pampa migra para a Serra”; Dia 12: “Os pequenos cada vez menores”; Dia 13: “Quem cresce e quem definha”; Dia 14: “Capital vira cidade dormitório”.

Os títulos das reportagens da série “o Rio Grande se move”, apresentadas a seguir, sugerem o destaque para a reflexão sobre o contexto atual, onde se inserem os migrantes que, embora, em algumas reportagens ocupem a atitude de cidadãos, em outras, aparecem como “peso” ou “ameaça” para a sociedade receptora.

O pampa se esvazia (*Zero Hora*, Porto Alegre, 11 de janeiro de 2009, p.34)
 Expresso migração (*Zero Hora*, Porto Alegre, 11 de janeiro de 2009, p.35)
 Cidades que encolhem (*Zero Hora*, Porto Alegre, 12 de janeiro de 2009, p.32)
 A vida de quem fica (*Zero Hora*, Porto Alegre, 12 de janeiro de 2009, p.33)
 Economia que suga gente e que expulsa gente (*Zero Hora*, Porto Alegre, 13 de janeiro de 2009, p.36 e 37)
 Capital-dormitório para 93 mil (*Zero Hora*, Porto Alegre, 14 de janeiro de 2009, p.4)
 A luta pelo emprego: opções para salvar vagas (*Zero Hora*, Porto Alegre, 15 de janeiro de 2009, p.4)

Uma das causas da migração interna, em nível de Rio Grande do Sul e de Brasil, está diretamente ligada ao desemprego e à falta de políticas de incentivo à agricultura familiar, por exemplo, ou à ausência de políticas voltadas à geração de trabalho na cidade de origem. Podemos entender melhor essa realidade estampada no título da reportagem “Economia que suga gente e que expulsa gente” (*Zero Hora*, Porto Alegre, 13 de janeiro de 2009, p.36). Nesse terceiro dia da série de reportagens, observamos que as transformações populacionais redesenham o “rosto” do Estado do Rio Grande do Sul, e a economia servindo de motor para a expansão e diminuição de municípios.

Muitas das histórias de sucesso foram protagonizadas por migrantes. Elói Brendler, 45 anos, deixou a propriedade agrícola da família em Áurea para fazer o Ensino Médio e não voltou mais. Em 1993, abriu com a mulher e as irmãs uma fábrica de lingerie que empregava duas pessoas. Entre 2000 e hoje, a indústria explodiu de 35 para 635 funcionários, tornando-se a maior do setor do Estado e fornecendo para grandes redes de lojas. A maior parte dos funcionários é de migrantes como Brendler (*ZERO HORA*, Porto Alegre, 13 de janeiro de 2009, p. 36).

Na continuidade do texto acima, a reportagem também apresenta informações sobre o fechamento do curtume Arthur Lange, em Turuçu, RS, um dos maiores do Estado. Há cerca de um ano, deixou mais de 500 trabalhadores desempregados. Sem perspectiva de sobrevivência, a migração se configura como uma solução para o problema do desemprego.

Com 22 anos, Teomar Fonseca trocou Pelotas por Turuçu por causa de um emprego no Lange. Depois de uma vida dentro da empresa, contempla a necessidade de migrar de novo – desta vez aos 49 anos. o vencimento do seguro-desemprego neste mês obrigou Fonseca a marcar sua partida de Turuçu. No domingo, ele foi a Roca Sales, onde encontrou emprego. Quando se estabelecer no novo endereço, vai chamar a mulher, Rosemere, também desempregada do curtume, e os dois filhos (*ZERO HORA*, Porto Alegre, 13 de janeiro de 2009, p. 37).

No quarto e último dia da série de reportagens “o Rio Grande se move (final)”, de acordo com estimativa elaborada pela Metroplan, 93 mil moradores de Porto Alegre viajam diariamente para trabalhar e estudar nos 31 municípios da Região Metropolitana e alguns trabalhadores migram para cidades do interior. É o caso de Moacir Valentim de Souza, 60 anos, que deixou a capital quando a empresa Tintas Renner, em que trabalhava, transferiu-se de Porto Alegre para Gravataí. Durante dois anos, viajava entre uma cidade e outra. Depois desse tempo, decidiu mudar-se com a mulher e os filhos e se instalou em um condomínio próximo a Gravataí, construindo uma residência de 600 metros quadrados e não pretende se mudar de lugar nem se for para trabalhar em outro município (*ZERO HORA*, Porto Alegre, 14 de janeiro de 2009, p. 4). Essa reportagem destaca que a capital gaúcha, habituada a ser o destino para onde afluíam diariamente trabalhadores de muitos municípios do entorno, hoje é fornecedora de mão de obra. Nesse sentido, os talentos da metrópole migram para cidades do interior, atraídos por melhores propostas de empregos. É o caso de Silvio Calegaro, 45 anos, morador de Porto Alegre, com anos de experiência em empresas de grande porte. “Recebeu proposta para assumir uma diretoria na Comil, uma das maiores fabricantes de ônibus do país. O emprego era em Erechim, cidade que não conhecia. Aceitou o desafio e mudou com a família. Hoje é o diretor-superintendente da companhia, que tem 80% dos cargos de gestão ocupados por profissionais de fora” (*ZERO HORA*, Porto Alegre, 14 de janeiro de 2009, p. 5). Aqui podemos dizer que a discussão apresentada pela mídia parece ser uma das motivadoras de processos migratórios vinculados a questões econômicas, ou seja, a mídia colabora na

construção de um imaginário de apresentação de cidades do interior com melhores propostas de empregos. Isso pode contribuir no sentido de atrair migrantes, por exemplo, para cidades como Erechim, Caxias do Sul e Passo Fundo.

3.2 RECEPÇÃO, SENTIDOS/USOS MUDIÁTICOS E MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Para falar em recepção, é preciso entender que as leituras assim como os receptores são heterogêneos, e os interesses e a produção de sentido variam diante de um mesmo produto midiático. O receptor contará continuamente com o processo de mediação ao fazer uso de uma mídia, porque não existe um sem o outro. Em Martín-Barbero, a recepção é o lugar relacional “dos conflitos que articulam a cultura, das mestiçagens que a tecem, das anacronias que a sustentam e, por último, do modo como trabalham a hegemonia e as resistências que mobiliza” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 240).

Orozco Gomez (2003) com sua longa experiência, cerca de 20 anos de investigação empírica sobre a recepção televisiva, segue sendo uma referência para entender não apenas os sujeitos sociais contemporâneos, mas também muitos dos processos socioculturais, políticos e econômicos presentes na sociedade. O autor diz que os Estudos de Recepção (ER) “siguen siendo una opción para entender no sólo a los sujetos sociales contemporâneos en las interacciones varias que entablan con los medios y tecnologias de información, sino también mucho de los procesos socioculturales, políticos y económicos mayores de los cuales participan” (OROZCO GOMEZ, 2003, p. 3). Os estudos de recepção preocupam-se com as características socioculturais dos receptores. Por isso, o foco desloca-se para as práticas sociais e culturais mais ampliadas, onde estão integrados.

Entendemos que a recepção não é um processo que se reduz às esferas psicológica e cotidiana. Embora se ancore nesses campos, ela é intensamente cultural e política. Por isso os processos de recepção precisam ser vistos como parte complementar das práticas culturais que articulam processos subjetivos e objetivos, em micro processo, ou seja, em lugar próximo controlado pela pessoa e sujeito, e também em macro que se refere à estrutura social que foge a esse domínio. Nessa perspectiva, as pesquisadoras Lopes, Borelli e Resende (2002) afirmam que

a recepção é, então, um contexto complexo, multidimensional, em que as pessoas vivem o seu cotidiano. Ao mesmo tempo, ao viverem este cotidiano inscrevem-se em relações de poder estruturais e históricas, as quais extrapolam suas práticas cotidianas. Este é o conjunto de pressupostos teóricos que informam uma teoria compreensiva dos estudos de recepção. Essa é, ao nosso ver, a contribuição distintiva da teoria latino-americana das mediações (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 32).

Nesse âmbito, compreendemos que a recepção é um fenômeno complexo, em que o produtor e o produto não são onipotentes e nem o receptor é apenas um depositário de mensagens, porque a comunicação sugere um pacto entre as partes envolvidas no campo midiático. Daí a importância de valorizar as experiências comunicacionais dos receptores e os posicionamentos frente aos produtos midiáticos, além de perceber que as mudanças de atitudes diante dos bens simbólicos são implicadas pelas mediações (MARTÍN-BARBERO, 1987).

Em suas pesquisas, Martín-Barbero (1997) fala do surgimento de uma tendência secreta para avançar “sem mapa”, ou a partir de um mapa que sirva para interrogar a “dominação, produção e trabalho – mas a partir do outro lado: as brechas, o consumo e o prazer. Um mapa que não sirva para a fuga, e sim para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 288). Para o autor, o sentido é produzido pelas mediações. Essa proposição esclarece que a recepção, devido às mediações, que são muitas e variam conforme mudam os receptores, não se constitui em uma relação direta entre o produtor e o emissor.

Múltiplas mediações entram em jogo: cotidiano, identidades culturais étnicas, de gênero, memória coletiva. Nesse sentido, fazemos uso do conceito de Martín-Barbero (1987, p. 49), que diz: “desde el que es posible percibir y comprender la interacción entre el espacio de la producción y el de la recepción: que lo que se produce en la televisión no responde únicamente a requerimientos del sistema industrial y a estrategias comerciales sino también a exigencias que vienen de la trama cultural y los modos de ver”

Sobre a mediação, García Canclini (1999, p. 76), diz “que a hegemonia cultural não se realiza mediante ações verticais, onde os dominadores capturariam os receptores: entre uns e outros se reconhecem mediadores como a família, o bairro e o grupo de trabalho.” Daí a importância de denominar o campo do que chamamos de *mediações* que “é constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida [...]” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 262). No que se refere à *mediação individual*, entendemos que a mesma insurge do ser humano como indivíduo

cognitivo e emotivo e ao mesmo tempo de suas experiências como sujeito social integrante de uma cultura. Incluem-se no âmbito dessa mediação, experiências identitárias relacionadas ao gênero, à geração, à etnicidade, dentre outras, que concorrem para os processos de interação dos televidentes com os meios de comunicação (COGO, 2008).

Podemos assegurar que, num contexto de sociedades com acelerado subdesenvolvimento e rápida modernização tecnológica, a comunicação assume as contradições e os bloqueios em que os sujeitos sociais e as novas identidades culturais estão situados. “Assim, o eixo do debate deve se deslocar dos meios às mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 270).

Martín-Barbero (1997, p. 290) discute sobre a importância de construir uma análise mais integral do consumo pelos vários segmentos, para compreendê-lo como um "conjunto de processos de apropriação de produtos". O autor também propõe pensar a produção, a recepção, o meio e a mensagem como um processo contínuo, ou seja, como mediações, para compreender o intercâmbio entre produção e recepção. É importante ressaltar que a mediação agrega cultura e comunicação na processualidade do cotidiano, onde a cultura é vivida em sua dinamicidade comunicativa. Assim, a mediação pode ser entendida como o pano de fundo onde as manifestações comunicacionais dão ritmo às tramas culturais. Sobre os estudos de recepção, o pesquisador Orozco Gomez (2003, p.12) sustenta que a

recepción es sinónimo de interacción, las interacciones con los referentes mediatizados en la vida toda se han multiplicado y se reestructuran a su vez en múltiples convergencias. Esta opulenta oferta con la que los sujetos sociales interactuamos constituye un escenario casi virgen para la exploración y entendimiento. Los ER son, desde este desafío, una posibilidad de surcar estratégicamente ese vasto escenario. Una posibilidad que parte del sujeto mismo, situado y mediado en sus varias interacciones con su entorno cada vez más mediatizado desde visualidades y ciberespacios en plena evolución.

Notamos que muitas práticas cotidianas são do tipo tático⁴³ e que, nas sociedades, se “multiplicam com o esfarelamento das estabilidades locais como se, não estando mais fixadas por uma comunidade circunscrita, saíssem de órbita e se tornassem errantes, e assimilassem

⁴³ “Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição.” (DE CERTEAU, 1994, p. 47).

os consumidores a imigrantes”, conforme De Certeau (1994, p.47), num sistema excessivamente amplo, para ser o deles, e com malhas abusivamente apertadas, para que pudessem resistir-lhe.

Seja como for, o consumidor não poderia ser identificado ou qualificado conforme os produtos jornalísticos ou comerciais que assimila: entre ele (que deles se serve) e esses produtos (indícios da “ordem” que lhe é imposta), existe o distanciamento mais ou menos grande do uso que faz deles (DE CERTEAU, 1994, p. 95).

Dessa forma, entendemos que, elementos como realizar, inserir-se numa rede relacional, apropriar-se, situar-se no tempo, fazem do uso, “um nó de circunstâncias, uma nodosidade inseparável do ‘contexto’, do qual abstratamente se distingue” (DE CERTEAU, 1994, p. 96). O ato de falar, por exemplo, “é um uso da língua e uma operação sobre ela. Pode-se tentar aplicar o seu modelo a muitas operações não lingüísticas, tomando como hipótese que todos esses usos dependem do consumo” (DE CERTEAU, 1994, p. 97).

Sobre o consumo, De Certeau (1994) afirma que diante de uma produção expansionista, racionalizada, espetacular, centralizada e barulhenta, se posta uma produção qualificada como “consumo”, de tipo completamente distinto. Tem como característica suas espertezas, seu esfarelamento em consonância, sem murmúrio infatigável, em resumo, “uma quase-invisibilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios (onde teria o seu lugar?) mas por uma arte de utilizar aqueles que lhe são impostos” (DE CERTEAU, 1994, p. 94).

Sob essa perspectiva dos estudos de recepção, Orozco Gómez (2003) considera serem muitos os referenciais de mediação provenientes de outras fontes, sejam de forma direta ou indireta. Nesse sentido, admitimos haver referentes culturais de gênero, raça, etnia, lugar de procedência ou de residência, de classe e de idade. “Se asume también que hay otras fuentes referenciales que tienen que ver con las historias personales de los sujetos sociales, Sus experiencias y apropiaciones vitales y sus destrezas y capacidades” (OROZCO GOMÉZ, 2003, p. 7).

A obra *Migraciones transnacionales y medios de comunicación: relatos desde Barcelona y Porto Alegre*, organizada por Cogo, Gutierrez e Huertas (2008), traz o resultado de uma pesquisa nascida da necessidade de investigar a existência de uma relação entre os meios de comunicação e os processos migratórios. São analisadas as relações dos migrantes com os meios de comunicação e a forma como usam esses meios em seus projetos de

migração e de vida. Os meios de comunicação sempre tiveram uma função importante como geradores de opinião pública, sendo que o material por eles oferecido se constitui em representação da realidade social. De fato, no que se refere às migrações, os meios também agem criando e distribuindo uma ideia que incide “en los ejes que determinan las políticas de integración de las instituciones responsables” (COGO; GUTIERREZ; HUERTAS, 2008, p. 10). Esses eixos são comprovados na forma como os meios associam os processos migratórios contemporâneos com a delinquência, como demonstram inúmeras pesquisas fundamentadas na análise de conteúdo e dos discursos midiáticos em muitos países.

Desse estudo desenvolvido em Barcelona e em Porto Alegre, um dos poucos que focam a recepção, destacamos alguns aspectos das interações dos migrantes com os meios, observando o que eles usam e como se veem tratados na mídia ou como percebem os outros migrantes construídos na mídia. Dos 140 entrevistados, 41 em Porto Alegre e 43 na cidade de Barcelona, totalizando 84, fazem referência a alguma lembrança articulada com o tratamento midiático dado às migrações. É curioso que 66 dos entrevistados fazem alusão a um imaginário negativo relacionando o migrante à delinquência, dos quais 43 entrevistados em Barcelona, segundo ilustram os testemunhos extraídos da obra.

Generalmente son problemas. Creo que la figura del inmigrante aparece en Barcelona cuando hay que mencionar, cuando cabe señalar o contar algún problema, algún incidente que tuvo: son los ilegales, *pateras*, pisos tomados e interviene el ayuntamiento y tal. Siempre cuando suceden cosas generalmente negativas [...] entonces existe cierto temor al inmigrante. [Sebastián, 28 años, Barcelona, nacido no Perú.]

No sé, es complicado, siempre es esta cosa, ellos no muestran la parte positiva de la cosa, siempre la negativa: ecuatoriano mató a una mujer a puñaladas. Un moro atacó. Un uruguayo fue encontrado traficando. [Norberto, Barcelona, 53 años, nacido em Uruguay.]

Los medios si muestran al inmigrante. La mayoría de las veces relacionadas con problemas o algo que ocurre, violencia o algo así y busca de trabajo, permiso, más problemas. [Carla, Barcelona, 32 años, nacida en Italia.]

Por ejemplo, en la RBS [Red Brasil Sur de Comunicaciones, afiliada al sistema Globo de Televisión en el estado de Río Grande del Sur] apareció el argentino que mató la familia, a parte esto, no aparece. Si un argentino ayuda a un uruguayo, esto no es noticia, o si un argentino cerró un negocio con una pequeña empresa brasileña, tampoco es noticia. [Lorenzo, Porto Alegre, 40 años, nacido en Perú.] [...] (COGO; GUTIERREZ; HUERTAS, 2008, p. 113).

Muitos dos entrevistados rejeitam explicitamente o tratamento midiático dado aos migrantes nos meios de comunicação. Esse dado nos faz pensar que há um processo de

permanente tensão na recepção midiática envolvendo o produtor que cria o produto, o meio transmissor e o receptor que consome mediado pelo cotidiano, porque é nele que ocorre a recepção. É no contexto onde está inserido, em meio a tensões e conflitos, que o sujeito se confronta consigo mesmo e tem alguma possibilidade de expressar suas ânsias e frustrações.

Na constituição da identidade cultural do sujeito, a recepção midiática se converte em um eixo fundamental. “Por otra parte, la propia condición de migrante es inevitablemente generadora de modalidades particulares de consumo y usos mediáticos” (COGO et al., 2008, p. 11). E nesse sentido, comprovamos também como os migrantes moldam sua memória com base na seleção de conteúdos gerados pelos meios de comunicação. “Pero lo más curioso fue comprobar como entrelazaban en sus discursos las vivencias reales, experimentadas en su propio entorno cotidiano, con lo que podríamos llamar das vivencias midiáticas, dándoles a ambas la misma consideración.” (COGO; GUTIERREZ; HUERTAS, 2008, p. 110).

Dessa forma, as pesquisadoras Cogo; Gutierrez e Huertas (2008) se dedicam à análise da opinião que os migrantes entrevistados têm sobre o tratamento dado ao tema da migração pela mídia. Essa questão foi aplicada a partir de três perspectivas. A primeira, sobre o tratamento que os meios de comunicação dão, atualmente, ao fenômeno das migrações transnacionais e, principalmente, ao migrante como pessoa, aos cidadãos e a seu país de nascimento. A segunda se fundamenta na memória dos migrantes sobre algum produto midiático que tratou do tema em questão: uma notícia, uma fotografia no jornal. Por fim, o entrevistado tem a possibilidade de fazer propostas concretas e dar sugestões, que gostaria, aos meios de comunicação para que a temática das migrações contemporâneas fosse trabalhada de forma mais aproximada da realidade. O estudo discute que os entrevistados, em seu conjunto, não se autorreconhecem nos meios de comunicação quando associam a migração à pobreza.

Foram levantados, entre os migrantes entrevistados, inúmeras sugestões, aos meios de comunicação, como abordar a questão dos processos migratórios. Uma merece destaque. É a que propõe tratar das migrações de modo mais humanizado, além do econômico, mostrando o cotidiano do migrante com a família, com os amigos, no trabalho, na comunidade, na perspectiva de afirmar que sua diversidade cultural se constitui em benefício para o contexto no qual está buscando se inserir.

Mostraría los distintos tipos de inmigración que hay, los distintos motivos de las distintas realidades de inmigración. Cómo la inmigración del 76 fue una inmigración política, fundamentalmente: cómo la inmigración de los 80... bueno, los distintos

tipos de inmigración y las características que tuvo. Cómo fue que, de algún modo, el argentinito medio que fue llegando a España... Fue muy distinto, de acuerdo a las distintas oleadas de llegada, ¿no? Y cómo esas distintas oleadas se fueran integrando o no, eso me parece interesantísimo. [Hilario, Barcelona, 55 años, nacido en Argentina.]

Yo enseñaría el cotidiano del migrante, el día a día. Para los que abrieron las puertas y para los que siguen en la lucha. [...] lo que hace, los horarios, cuándo despierta, cómo él se alimenta, adónde viaja, si está teniendo problemas. Los progresos, el día a día de las personas. [Óscar, Porto Alegre, 38 años, nacido en Perú.]

Yo trataría de los aspectos positivos. Todo lo relacionado con los aspectos positivos de los inmigrantes [...] El valor de las personas, de los inmigrantes que vienen aquí a tratar de superarse, a trabajar, a estudiar y, con gran sacrificio, a salir adelante. [Fernando, Barcelona, 48 años, nacido en Ecuador.] [...] (COGO; GUTIERREZ; HUERTAS, 2008, p. 125).

Com base no foco da temática desta pesquisa, centrada nos processos migratórios contemporâneos, observamos que os discursos midiáticos, na opinião dos migrantes entrevistados, são tendenciosos e trabalham na construção de uma imagem negativa dos que migram.

A partir dos estudos de Denise Cogo (2009), observamos que os esforços dos pesquisadores da recepção visam buscar o entendimento de como os meios de comunicação de massa se constituem, de forma crescente, nos principais “mediadores das interações coletivas”. Esse esforço também pode ser observado na pesquisa de Leal (1986) que procura reconstruir através da telenovela como uma mensagem veiculada na televisão, neste caso, na novela das oito, é recebida, entendida e reelaborada por dois grupos: um pertencente à classe popular e outro, à classe dominante, com 10 famílias de cada, estruturados de forma distinta. A pesquisadora apresenta em sua obra “A Leitura Social das Novelas das Oito”, o empírico ricamente detalhado desde os sujeitos, o espaço geográfico, a vila, as casas e o lugar das coisas na casa. Na perspectiva da recepção, Leal (1986) comenta que

o aparelho de televisão, a imagem da novela das oito, o domínio da informação em detalhes sobre as estórias das novelas, são referentes importantes e parte de um sistema de significados que tem sentido e existência nas condições de sua recepção, nas vidas e vivências dos indivíduos que a captam e a captam exatamente porque aquela mensagem consegue utilizar símbolos que lhes dizem respeito (LEAL, 1986, p. 41).

Aqui queremos verificar possibilidades de reapropriação dos produtos massivos, de produção de outros sentidos, diferentes daqueles imprimidos na produção. Nesse ponto de

vista, o consumidor está inscrito nas relações de poder, porém não é um ator indiferente. De Certeau (1994) diz que as “maneiras de fazer” formam as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do ambiente preparado pelas técnicas da produção sócio-cultural. Assim se instaura outra produção, fabricada em um espaço que é do outro, com informações que a ordem influente lhe impõe. Esta produção se faz notar na forma de usar os produtos, na apropriação. Nessa perspectiva, De Certeau (1994, p. 45) comenta:

a cultura articula conflitos e volta e meia legítima, desloca ou controla a razão do mais forte. Ela se desenvolve no elemento de tensões, e muitas vezes de violências, a quem fornece equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários. As táticas de consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas.

Para apresentar essas práticas cotidianas que produzem sem lucrar, ou seja, sem conter o tempo, se estabelece um ponto de partida por ser o foco exorbitado da cultura atual e de seu consumo, neste caso: a leitura. “Da televisão ao jornal, da publicidade a todas as epifanias mercadológicas, a nossa sociedade canceriza a vista, mede toda a realidade por sua capacidade de mostrar ou de se mostrar e transforma as comunicações em viagens do olhar” (DE CERTEAU, 1994, p. 48). Nessa lógica, trazemos Lipovetsky (2004) que discute sobre a urgente necessidade de fazer acontecer a mobilização das inteligências, para formar e qualificar os seres humanos e para regular o mercado em desenvolvimento. O autor diz também que é necessário inventar novos aparelhos de solidariedade. Assim, compreendemos a importância do midiático no econômico aliado à ética. Lipovetsky também diz que se a ética tem de agora em diante um espaço no mundo econômico e consegue se afirmar é porque apela ao midiático, pois uma mensagem de teor ético seria vã sem audiência e, ao mesmo tempo, inútil sem uma ligação com o social.

No caminho desse entendimento, parece adequada a proposição de Santos (1997) afirmando que tanto as condições de existência como as formas de refletir foram superficializadas pela sociedade de consumo, pela cultura de massas e pela revolução da informação e da comunicação.

4 RECEPÇÃO MIDIÁTICA, USOS DE MÍDIAS E SENTIDOS DO TRABALHO ENTRE MIGRANTES NO SUL DO BRASIL

Neste capítulo da análise empírica⁴⁴, propomos, inicialmente, discutir sobre os sentidos da experiência migratória e, em seguida, a religiosidade como elo para se vincular à sociedade para onde migram. Trabalhamos a respeito dos sentidos sobre as redes sociocomunicacionais na migração; sentidos sobre o trabalho; além da relação entre migração e trabalho na perspectiva do direito à cidadania. Abordamos o tema das “diferenças” na trajetória migratória com ênfase nos elementos italianidade e trabalho; e, também, sobre a matriz cultural européia e a construção de Caxias do Sul como cidade do trabalho. Trazemos a discussão referente aos usos de mídias pelos migrantes a partir de um mapa desses usos. Analisamos os usos de mídias antes da migração com a presença privilegiada do rádio e da televisão; na migração para o trabalho e o consumo plural de mídias na migração. Apresentamos também elementos importantes sobre os usos da mídia na busca de trabalho no lugar de migração e relacionados à própria mídia como espaço de trabalho.

4.1 SENTIDOS SOBRE A EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA

Aqui trabalharemos os sentidos mais gerais dados pelos migrantes a suas experiências migratórias ou levam para as experiências migratórias.

Na entrevista com Ester, foi possível observar que a migração lhe permite perceber as diferenças culturais e refletir sobre a “cidadania emancipatória”. Além disso, reforça a vivência dos valores nos quais acredita. Em sua narrativa, Ester diz que a migração também trouxe o aprendizado sobre o cuidado a se ter com o meio ambiente, com a vida do planeta, por isso ela separa o lixo orgânico do seletivo, mas confessa que fica indignada com a falta de consciência dessa prática no meio onde reside.

Em relação aos sentidos da trajetória de migração transnacional, o migrante Miguel fala do medo de ser deportado, da fome como marca dessa migração e do aprendizado para vida de que o dinheiro não é o valor mais importante. A família e os amigos devem ocupar um lugar central na hierarquia dos valores. Miguel, em sua narrativa longa, detalhada e fiel de sua

⁴⁴ Neste capítulo da análise empírica, destacaremos as narrativas dos sujeitos entrevistados em itálico, para distingui-las das citações de autores.

vivência, parece ir reconstruindo, na memória, um horizonte de esperança. Hoje, mais maduro, entende que a experiência vivida em outro país contribuiu em seu processo de crescimento integrado. Entende que a ambição pelo dinheiro, pela ascensão social não são capazes de oferecer ao ser humano a verdadeira paz de espírito.

Quanto aos sentidos da migração transnacional, na narrativa do migrante Miguel se retrata um processo de repensar a hierarquia de valores sobre os quais sua vida está sendo construída. Em momentos de solidão e longe da terra natal, percebe que os meios de comunicação, como o telefone, não dão conta de “matar a saudade” da família.

Eu arrisquei assim...abandonei a minha família, os irmãos, todos os amigos, festas, a minha juventude por causa do dinheiro. Só pra trabalhar e ganhar dinheiro. Só pra isso. Eu me dediquei só a trabalhar e ganhar dinheiro. E quando eu estava lá ganhando dinheiro e trabalhando eu chegava do serviço e ficava parado pensando, assim sozinho... Às vezes eu queria dialogar com um amigo, conversar...cansado,refletir assim sobre a vida, a gente sente falta de refletir com alguém sobre a vida da gente, as coisas da gente e não tem ninguém. Ai tu pega liga o telefone, conversa, mas tem que ser rapidinho... é diferente do que ter o contato pessoal. A gente conversa pelo telefone, mas é diferente. Não é assim olho no olho, passando os problemas. [Miguel, 26 anos, nascido em Braço do Norte, SC, migrou para Portugal]

Com base na narrativa de Miguel, queremos refletir, ainda que de forma embrionária, sobre essa realidade, na qual estão representados milhares de migrantes, sofrendo uma ruptura existencial, quando deixam afetos no lugar de origem: a família, os parentes, os amigos. São forçados a abandonar muitos elementos culturais, costumes, tradição e acabam, muitas vezes, se transformando em um ser dividido, nostálgico, vulnerável e fragmentado.

O migrante, quando sofre essa ruptura afetiva e não consegue estabelecer novas relações interpessoais, entra em um estado de frustração, de depressão, de impotência e, em certas circunstâncias, exposto à exploração por parte de outros migrantes. Em sua narrativa, Miguel conta ter emprestado dinheiro a “um colega brasileiro”, com quem trabalhava em Portugal, sendo difícil reaver o valor.

Podemos dizer que migrar com o corpo é uma experiência, mas migrar com os sentimentos, com o coração, com tudo o que comporta a dimensão psíquica. É um processo lento de integração na comunidade receptora. Nesse processo, o migrante Miguel vivencia a experiência da rejeição, da discriminação: “a gente saía num grupinho de amigo. Alguns se esquivavam. A gente era quase um *dalit* como na novela Caminho das Índias. Eu queria

vencer, mas eu cheguei à conclusão que o dinheiro não é tudo, que têm outras coisas que têm bem mais valor”.

4.1.1 A religiosidade como elo para se vincular à sociedade para onde migra

Destacamos o papel da religiosidade que é uma das categorias que aparece como experiência subjetiva e cultural na trajetória de migração dos 10 sujeitos migrantes entrevistados. Falam da centralidade que Deus ocupa em suas vidas e de como se unem a ele para agradecer pelo trabalho que conseguiram e/ou das orações e dos pedidos que fazem para ingressar no mercado de trabalho. Por exemplo, Marta conta que está fazendo uma novena a Santo Expedido, o santo das causas impossíveis para conseguir trabalho.

Nos relatos obtidos sobre a trajetória de migração, é comum também encontrar referências que aproximam essa com os valores de família, de honestidade, de amizade, de solidariedade. Mas o que aparece com força na fala de todos os entrevistados é a religiosidade como elo para se vincular à sociedade para onde migraram, ou seja, para Caxias do Sul. Essa parece ser uma estrela que guia esses sujeitos itinerantes para alcançar a meta, para realizar o sonho tão esperado de conseguir um trabalho, de viver dignamente, de colaborar na construção de uma sociedade mais equitativa. O sonho de ser cidadão, de viver com dignidade e de ser feliz. Nessa perspectiva, formulam e expressam opiniões sobre essa realidade por eles vivida. Falam das dificuldades superadas, das conquistas alcançadas. Partilham com alegria os princípios e valores que norteiam suas vidas.

A partir dos dados levantados nesta pesquisa de campo, observamos também que os recém chegados na cidade de Caxias do Sul empenham esforços para que aconteça a integração, abraçando as oportunidades que surgem, submetendo-se, em certas ocasiões, à exploração no mercado de trabalho. Eles se empenham para participar da comunidade-igreja, através de associações como a que foi criada pelo migrante Moisés, para reunir os fronteiriços e manter viva a tradição que expressavam em seu lugar de origem. No caso do migrante Anastácio, percebemos a participação na vida social que acontece na assessoria de retiros espirituais, de grupos de jovens e de movimentos eclesiais. A migrante Eva também participa da vida eclesial como zeladora da capelinha de Nossa Senhora, visitando as famílias que a recebem e colaborando com a equipe de liturgia, na comunidade-igreja onde está inserida, como mostra o seu depoimento:

Quando as crianças eram pequenas eu fui catequista. Agora sou zeladora da capelinha na minha rua. Levo o jornal o Mensageiro pras famílias. Faço visitas. Todo sábado tem missa. Eu ajudo nos cantos, minha irmã ajuda na liturgia. A gente ta sempre ali porque a gente gosta. Eu deixo meu filho com meu marido e vou pra lá ajudar eles na igreja. A gente ajuda quando tem festa, quando tem janta. A gente faz bastante janta e sempre ajuda a servir. Meu pai e minha mãe eram muito católicos (já faleceram). Todos os meus irmãos participam muito na igreja. Eles são da diretoria e participam mais que eu. Mas é muito bom. A gente sempre foi católico. [Eva, 42 anos, nascida em Ibiraiáras, moradora de Caxias do Sul.]

Em outro depoimento, percebemos que os pais de Anastácio também concentravam esforços educando os filhos para o princípio da oração em família, inclusive na hora das refeições, mas especialmente à noite antes de dormir. Essas orações ensinadas pelos pais marcaram profundamente a vida de fé de Anastácio:

Depois das preces pedíamos a bênção aos pais: – ‘Bênção, pai!’ ‘Deus te abençoe!’ ‘Bênção, mãe!’ ‘Deus te abençoe!’’. Eles diziam esse “Deus te abençoe” com tanta fé no coração, com tanto amor e carinho e tanta vivacidade de espírito que a gente tinha certeza de estar dormindo com a bênção de Deus.” Não houve uma única noite que Anastácio lembre de os pais terem negado a bênção e jamais deixaram de dizer: “Deus te abençoe”. “O contrário era mais comum, ou seja, deixar de pedir a bênção por esquecimento – mas os pais nos lembravam da oração.

Na fala de Anastácio, notamos que a vivência da fé em Jesus Cristo aciona marcas da memória e está presente no centro de seu cotidiano de migrante: “em minha vida, Deus ocupa o primeiro lugar.”

Na narrativa de Vitória, vemos que o elemento religiosidade aparece com força quando fala sobre o valor da oração em família, antes de sair para o trabalho: “eu e meu esposo, de manhã, quando a gente levanta, antes de ir para a rotina, nós falamos com Deus.”

Nos discursos dos entrevistados, a fé em Deus aparece como a fonte segura que conduz seus filhos para a “terra prometida”. Percebemos, no entanto, que o ingresso nesse espaço tão desejado vem acompanhado de dor, sofrimento, fome, desemprego e que, apesar dos infortúnios, desencadeia tantos outros movimentos migratórios na ânsia de alcançar o objetivo de uma vida mais digna com a inserção no mercado do trabalho, com a realização de sonhos que trazem na bagagem do coração. Percebemos isso no relato recolhido do migrante Moisés:

Como Deus deve ficar feliz por tudo o que Ele nos dá e tu chegar à tua oração, na tua prece em si e tu dizer: obrigado por tudo, meu Deus. Pela água, pelos amigos, pelo sol, pelo vento. E as pessoas não agradecem. Elas só querem pedir. Tem um

momento na tua vida que tu conseguiste os teus objetivos. Então, tu tens que agradecer: obrigada, meu Deus pelo alimento que tu me dás, pelos amigos e pela família que eu tenho. Eu sou um cara feliz, porque eu tenho uma grande esposa e um grande filho.

Como já consideramos, alguns elementos coincidem na fala dos migrantes entrevistados como a virtude da fé em Deus. Essa aparece como a bússola que guia esses sujeitos itinerantes para alcançarem a meta, para realizarem o sonho tão esperado de ter uma casa própria, um lar, um trabalho, de colocar a vida a serviço de uma causa nobre. O sonho de viver com dignidade e de ser feliz aparece articulado à religiosidade, que identificamos nas narrativas como um traço cultural, através do qual são percebidas algumas práticas religiosas no cotidiano. Assim, vemos o aspecto transcendental operando suas mediações na construção de sentido sobre a migração e o trabalho:

Nós costumamos rezar no quarto com a bíblia aberta, sempre. Eu e meu esposo de manhã quando a gente levanta, antes de ir para a rotina, nós falamos com Deus, lemos a Bíblia, fazemos a oração do Pai Nosso, falamos com Deus do jeito da gente. Depois cada um se saúda e vai fazer suas tarefas e na volta, a gente agradece por estar juntos de volta. [Vitória, 25 anos, nascida em Rivera, Uruguai moradora de Caxias do Sul.]

Eu gosto de rezar os salmos na Bíblia. Eles são bem bons, bem confortantes. Eu gosto do salmo 91 sobre a Proteção do Altíssimo. É tudo o que a gente precisa. Por enquanto está tudo muito difícil pelo fato de eu não estar nem participando de um grupo religioso, coisa assim, que no caso lá eu tinha bastante. Quando eu me sentia mal lá eu ia pra igreja e pronto, eu ficava bem. Toda a semana eu participava. Toda a sexta era o grupo de oração e no domingo eu ia pra missa e aqui está assim, mas eu vou conseguir sim, com certeza. Eu preciso disso, nossa. [Maria, 33 anos, nascida em Foz do Iguaçu, moradora de Caxias do Sul.]

Às vezes eu vou à missa. Agora fiquei sabendo que aqui perto, no salão, tem a catequese. Eles fazem a missa, mas a gente está por fora, mas eu vou lá para o CAM pra me informar. Mas eu tenho muitos livros que as mães me dão. Eu gosto de ler. Eu tenho tudo do lado da minha cama. Eu estou fazendo a novena do Santo Expedito pra conseguir emprego. Eu tenho um CD de oração que a gente comprou. A gente se ajoelha no chão, a gente chora, a gente se abraça, porque é bom e ela melhorou muito com isso. Eu preciso disso e as pessoas ao meu redor também precisam. [Marta, 32 anos, nascida em Itaquí, moradora de Caxias do Sul.]

O padre Dirceu conversou comigo uma vez e disse que ia me dar uma bênção, que eu estava precisando de uma bênção. Ele me levou na salinha dele e me pediu pra eu contar um pouco da minha história. Daí a pouco ele me pediu para tirar os pés de onde eu estava e ficou tudo molhado. Eu estava com os calçados nos pés. Eu tinha molhado o assoalho que era de tábuas. Ele me disse: você viu, está suando. Eu não estava suando. Eu não sei explicar. Eu só sei que aquilo me botou lá em cima, fui falando, descarregando, botei pra fora tudo o que não prestava. Depois ele me deu uma bênção. [Leonardo, 56 anos, nascido em Getúlio Vargas, morador de Caxias do Sul.]

A gente tem Deus, tem uma formação cristã bastante forte hoje, mas até consolidar levou tempo. [Ester, 53 anos, nascida em Barreiras, moradora de Caxias do Sul.]

No mínimo duas vezes por mês eu ia à missa. Os jovens achavam meio cafona. No domingo de manhã tinha quase só idosos, velhinhos. Daí eu ia, mas sempre sozinho. Tinha poucos amigos, era difícil de fazer amigos, porque não saía. Não tinha amizades. O que eu queria era trabalhar, ganhar um dinheiro e voltar. [Miguel, 26 anos, nascido em Braço do Norte, migrou para Portugal.]

É importante considerar que, nos depoimentos dos entrevistados, observamos o elemento religiosidade acionando marcas da memória e permitindo reconsiderá-las e conectá-las ao cotidiano de migrante. Trazemos aqui a narrativa de Maria que, em uma escala de valores ascendentes, afirma que a religiosidade ocupa o primeiro lugar em sua vida: “o rádio e a televisão pra mim são importantes, mas eu acho que a gente deveria procurar mais Deus, eu acho que nós estamos precisando mais do que televisão, na verdade, da Palavra de Deus. Pelo fato de nós ficarmos mais em casa é que a gente fica mais na televisão, mas a gente precisa procurar mais Deus.” Em suas considerações, fica claro, ainda, a importância de educar os filhos para colocar a “oração em primeiro lugar”, porque, em seu entendimento, “as outras coisas vêm depois”. Maria expressa o contentamento de ver seus ensinamentos sendo internalizados pela filha adolescente: “a Carolzinha faz as oraçõezinhas dela e eu as minhas. Eu a incentivo a ler, porque precisa. Ela é tão querida, hoje em dia é tão difícil ter uma mocinha assim que seja quietinha igual a ela, ela é bem quietinha.” Percebemos, durante a entrevista, que Maria vai construindo sua reflexão sobre a própria realidade quando questiona o consumo do meio, televisão, percebendo que precisa ser ressituaado.

No depoimento de Maria, notamos também que a força que a sustenta para não “desanimar desse lugar” é a fé que deposita em Deus: “no jornal eu nunca procurei emprego, porque tem que comprar o jornal, mas eu fui às agências que têm lá pelo centro e deixei bastante currículos. Eu estou pedindo bastante a Deus pra não fazer eu me desanimar desse lugar, pra ele me ajudar a continuar pelo meu marido, pelos meus filhos, pra não haver separação, porque ele é um ótimo marido e trabalhador.”

A partir disso, podemos dizer que os entrevistados formulam e expressam opiniões sobre essa realidade por eles vivida e ajudam a perceber o migrante como sujeito responsável e consciente de sua história, que enfrenta dificuldades, mas têm princípios e valores que norteiam a própria vida.

4.2 SENTIDOS SOBRE AS REDES SOCIOCOMUNICACIONAIS NA MIGRAÇÃO

Nos pressupostos de Aguiar (2006), entendemos a importância de conceituar as redes sociais para, dessa forma, relacioná-las às redes migratórias para depois trabalhar os dados empíricos. A partir dessa autora, vemos que as “redes sociais são, antes de qualquer coisa, relações entre pessoas, estejam elas interagindo em causa própria, em defesa de outrem ou em nome de uma organização” (AGUIAR, 2006, p. 12). Seguindo o pensamento da autora, podemos citar como exemplo de redes sociais, as redes migratórias que têm uma função específica: antecedem a migração e são ajustadas ao ato de migrar. No ponto de vista de Aguiar (2006, p. 14) “as interações de indivíduos em suas relações cotidianas – familiares, comunitárias, em círculos de amizades, trabalho, estudo, militância etc – caracterizam as redes sociais informais, que surgem sob as demandas das subjetividades, das necessidades e das identidades.

Na investigação de Aguiar (2006), temos hoje que a atuação em rede é uma forma importante para manifestar os interesses coletivos na complexidade da vida cotidiana em diferentes realidades sociais. Essa realidade tornou-se mais evidente com a visibilidade da globalização econômica que se apresenta em uma fase de dilatação do capitalismo neoliberal.

Neste subitem iremos abordar o tema “sentidos sobre as redes sociocomunicacionais na migração para o trabalho”. Podemos nos questionar: o que os migrantes dizem sobre as redes de familiares, parentes, amigos, conhecidos para conseguir ingressar no mercado de trabalho formal urbano? Inicialmente, as redes aparecem com força e importância e geralmente incluem o homem em algum trabalho na área metal-mecânica e também recebem o apoio inicial da moradia. Porém, os migrantes entrevistados não deixam de se esforçar para viver de forma autônoma a partir do salário recebido mensalmente. Em Goza (2003) temos um estudo que apresenta a importância das redes sociais especialmente nos movimentos migratórios.

Estes estudos têm revelado numerosas características dignas de nota sobre a importância de tais associações no processo migratório, em ambos os níveis, nacional e internacional. Muitas destas qualidades são agora amplamente aceitas como *accurate descriptors*. Por exemplo, é quase universalmente que estas estruturas sociais têm o potencial de ligar membros de comunidades de origem com residentes anteriores que agora estão em outras localidades, como outros municípios ou países [...]. Da mesma forma, estudos de vários países estabeleceram a importância das redes para providenciar informações gerais, apoio financeiro para facilitar a mudança, assistência com despesas e acomodação iniciais, assegurar

emprego, encontrar habitação, apoio psicológico e a manutenção dos laços com a distante comunidade de origem [...]. Esta literatura emergente também revela que as redes sociais são dinâmicas e que constantemente envolvem relações sociais que organizam e direcionam o fluxo de informação, emprego e produtos entre comunidades emissoras e receptoras de migrantes, já que elas simultaneamente reduzem riscos e custos econômicos e psicológicos associados à migração [...] (GOZA, 2003, p. 264).

Entendemos que o papel primordial das redes sociais migratórias é minimizar os riscos presentes na migração sobretudo em deslocamentos internacionais. Miguel comenta sobre o papel das redes na migração transnacional, de agências de turismo, de amigos e de pessoas que já migraram para outro país e que estão trabalhando e de empregadores que têm interesse em mão de obra estrangeira e da trajetória de migração transnacional em busca de um trabalho mais rentável, e sobre a fome como marca dessa trajetória e do medo de ser deportado. Tudo isso, a partir de sua migração transnacional para Portugal:

Entrar em Portugal é mais fácil que entrar nos Estados Unidos, mas não é tão fácil. Ainda tinha o risco de ser deportado. Fui à agência de viagem e eles começaram a informar que um voo direto a Lisboa corria um risco maior, porque passava por uma entrevista, mesmo assim eles queriam visto. Aí se fizesse uma escala na Espanha ou na França aí eles não faziam entrevista. Aí quando o voo chegava a Lisboa da Espanha ou da França a gente não passa por entrevista, saía direto do aeroporto. Isso é jogada das agências de viagem que informavam a gente e facilitava. Aí eu corri atrás pra ver o preço da passagem, tinha que levar uma quantia em dinheiro uns 900 dólares porque a passagem era válida pra 6, 7 dias só. O que acontece? A gente chega lá numa agência deles e pede pra adiar a volta pro Brasil. Tudo isso a gente é informado quando vai. É tudo pensado. A gente está indo como turista pra seis dias tem que ter a quantia de dinheiro e se for pra 30 dias tem que ter mais. Juntei todo o meu dinheirinho pra essa viagem.

Nessa perspectiva, Leonardo afirma que as redes de parentes, amigos e vizinhos são fundamentais para se reinserir no mercado de trabalho urbano. Para ele, os meios de comunicação não ajudaram a conseguir emprego, talvez também por que não tenha recorrido a eles nessa busca.

Notamos que a presença de redes de familiares, parentes e amigos no local de chegada é um suporte que ameniza os impactos e os sofrimentos do migrante no processo de inserção e na inclusão no mercado de trabalho e na integração na sociedade de chegada. Percebemos isso nas falas das migrantes Vitória e Marta.

Sempre estou olhando, se tem algum evento, a gente tem que estar antenado nas notícias que acontecem. Mas agora eu já não estou olhando tanto o jornal para procurar emprego, porque estou tendo uma chance com o estágio que fiz no restaurante popular. As gurias gostaram muito de mim, eu sinto de verdade. Elas disseram assim para mim: nossa, eu acho que vamos te contratar, uma mão abre outra, e você vai ficar contratada. Elas mesmas chegam e me dizem que gostariam que eu fosse colega de trabalho delas. [Vitória, 25 anos, nascida em Rivera, Uruguai moradora de Caxias do Sul.]

Eu vim pra Caxias por que tinha uma tia que morava aqui e ela me dizia que eu era bem expansiva, conversava e que eu iria me dar bem aqui na indústria, no trabalho, mas aqui não consta só o segundo grau, tem que ter vários cursos. Aos poucos a gente vai fazendo. O meu marido conseguiu um trabalho na Duoline (eles fazem lonas de freio) de noite, mas ele não tem estudo. Tem a 5ª série. Não foi fácil ele conseguir o trabalho. [Marta, 32 anos, nascida em Itaquí, moradora de Caxias do Sul.]

Vemos nessas declarações certa conexão entre as mídias e as redes. Ambas são acionadas na trajetória de migração pelos sujeitos entrevistados principalmente no período de inserção, como já foi referido. Seguindo essa análise, notamos que a teoria de Gutiérrez e Maldonado (2008, p.129) ensina que, nos processos contemporâneos de migração, os discursos midiáticos se ajustam aos relatos das redes sociais de parentes, amigos, conhecidos, vizinhos, e que são fundamentais para a pessoa como apoio logístico e emocional.

Na narrativa de Anastácio, percebemos que a família migrante, em suas andanças em busca de melhor qualidade de vida e de trabalho, não descuida dos valores de honestidade, de família, de fé, de respeito, de amor, de convivência, de amizade, e cujos vínculos afetivos construídos são cultivados ultrapassando as barreiras das distâncias geográficas: “Então, qual é a riqueza? Ter encontrado pessoas que não eram da família, estranhos, totalmente diferentes, com um coração enorme, com um coração bom. Alguém que 20 anos depois continuamos mantendo amizade. Então, o vínculo afetivo construído nesse espaço de migração se perpetuou e ainda hoje se mantém amizade.” As redes aparecem como fundamentais, principalmente no início da migração. Notamos isso nos relatos de Vitória, Leonardo e Ester, a seguir.

Ficamos sabendo que tinha emprego em Caxias pelo primo do meu marido, que é filho do irmão do pai dele e estava aqui há mais tempo. Hoje em dia eles trabalham juntos, na mesma empresa, na Trinchês. [Vitória, 25 anos, nascida em Rivera, Uruguai moradora de Caxias do Sul.]

Voltei buscar duas irmãs que tinham ficado lá: a minha irmã casada mais velha, com três filhos, e outra que o namorado não deixou vir pra cá. Coloquei todo mundo na minha casa. Eu trouxe mais de 30 famílias só da minha região e diversas estão morando aqui no bairro. Na época tinha firmas como a Eberle que era só dar

o nome que a firma chamava pra trabalhar. [Leonardo, 56 anos, nascido em Getúlio Vargas, morador de Caxias do Sul.]

Aqui com meu marido foi bom, ele se formou aqui, depois foi para São Paulo. Tanto que o emprego bom que ele tem hoje é por conta de amigos de quando ele fazia o SENAI. Ele estudou junto com estes amigos na metalúrgica. [Ester, 53 anos, nascida em Barreiras, moradora de Caxias do Sul.]

Uma das categorias que aparecem com força é a que se refere às redes sociocomunicacionais de familiares, parentes, amigos e vizinhos como fundamental no apoio à migração principalmente para inserção no mercado de trabalho e no processo de integração no local de chegada.

4.3 SENTIDOS SOBRE O TRABALHO

Como referimos anteriormente, a análise dos dados empíricos contribuiu para percebermos a importância do *trabalho* nos projetos migratórios: migrar em função dos pais, e do marido por causa do trabalho, empreender um projeto migratório para trabalhar em um país da Europa; lutar para conseguir emprego em Caxias do Sul, sofrer fome na trajetória de migração, estes e outros projetos sugerem a necessidade de trabalho, de migrar para viver de forma mais digna. Motivados, na maioria das vezes, em função do trabalho, usam os noticiários no lugar de origem para se informarem sobre o mercado de trabalho nas metalúrgicas de Caxias do Sul e a migração se dá, então, através de redes sociocomunicacionais de familiares para a obtenção de trabalho.

Passamos agora à categoria temática *trabalho* que consideramos ser importante a partir do material empírico e propomos pensá-la como algo que possibilite, além do ganhão e da supressão das necessidades elementares para a sobrevivência, experiências de vida, como nos falou a migrante Vitória em seu depoimento: *“Eu me sinto satisfeita quando eu posso, por exemplo, do meu trabalho ir comprar uma roupa que eu gosto, um calçado, pagar uma conta, comprar algo para meu filho. Isso nossa, é uma terapia de cura, a gente se sente bem legal, isso é um sonho.”* Vemos que essa realidade se apresenta ainda como um sonho para Vitória, que percebe o grande desafio que é conseguir um emprego em cidades como Caxias do Sul, onde a profissionalização e qualificação profissional, por si sós, não são garantia de emprego estável.

Com base nas entrevistas transcritas, percebemos que há pistas interessantes para entender o mundo do trabalho na perspectiva da migração contemporânea, tendo presente os migrantes entrevistados e suas trajetórias de vida migratória. Aqui entendemos a importância de articular os pressupostos teóricos com o material empírico, tendo em vista uma melhor compreensão sobre a incidência – na forma de pensar da maioria dos migrantes entrevistados – de que há trabalho em Caxias e que só não trabalha quem não quer. Esse dado nos pareceu intrigante, pois que, dos 10 sujeitos entrevistados, como observamos no quadro a seguir, quatro estão desempregados. Em relação ao quadro, no qual apresentamos informações dos entrevistados sobre suas ocupações profissionais, cursos e escolaridade, observa-se que, das seis mulheres migrantes entrevistadas, quatro estão desempregadas.

Ocupação profissional/cursos/escolaridade			
Nome	Ocupação profissional	Cursos/profissões	Escolaridade/grau
Moises	Radialista e apresentador de TV	Curso de Radialista - estágio na rádio Gaúcha, em Porto Alegre, RS	Ensino Médio completo
Eva	Serviços gerais	-	5ª série
Débora	Assistente social	Serviço Social – Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Humano	Pós-Graduação
Anastácio	Professor – Diretor – Teólogo	Licenciatura Plena em Filosofia e Teologia e Mestrado em Teologia	Mestre em Teologia
Vitória	Desempregada No lugar de origem trabalhou de diarista e babá	Curso básico em Informática Curso técnico de Cozinha Escola – cozinha industrial	Está concluindo o Ensino Médio
Marta	Desempregada No lugar de origem trabalho de diarista	Leitura e Interpretação de Desenho (LID) e Metrologia Dimensional (Obs.: fez o curso no CAM após a entrevista)	Ensino Médio completo
Leonardo	Empresário no ramo de transporte escolar	Motorista, metalúrgico, vendedor	5ª série
Maria	Desempregada No lugar de origem trabalho de diarista	Curso de operadora de caixa de supermercado Diarista	Ensino Fundamental completo
Ester	Desempregada Trabalhou em várias empresas, em outros Estados, na função de supervisora, gerente e responsável técnica	Graduada em Química Industrial	Graduação
Miguel	Mestre-de-obras	Empresário, motorista, pedreiro e mestre-de-obras	Ensino Médio completo

Quadro 6 - Ocupação profissional/cursos/escolaridade

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Os sujeitos migrantes entrevistados revelam a importância que o trabalho ocupa em suas vidas, qual a situação atual, o desejo de trabalhar, o que realmente gostariam de fazer, quais os sentidos e apropriações que fazem do trabalho, entre outros elementos presentes nas falas. Percebe-se, por exemplo, que a migrante Vitória, que reside em Caxias do Sul há mais de um ano, ainda não conseguiu inserir-se no mercado de trabalho formal.

Fiz o curso de cozinha escola, pra gente trabalhar em restaurantes de cozinha industrial, na higiene e na manipulação de alimentos. Eu gosto, aprendi muitas coisas que eu não tinha nem noção. E achei muito bom, porque não é nenhum sacrifício, algo muito bom, porque a gente está em aprendizado, com coisas novas, com pessoas experientes, que já têm experiência de cozinha. E como tenho meu lar, meu filho, meu esposo eu preciso também aprender para fazer comida em casa. Quem sabe um dia precisem de mim para trabalhar, assim eu consiga meu emprego, precisem de mim pra cozinhar, pra preparar salada, alguma coisa ao menos eu já sei como se prepara. [Vitória, 24 anos, nascida em Rivera, Uruguai, moradora de Caxias do Sul]

Aqui vemos a importância de trazer as contribuições de Santos (2005) sobre o trabalho quando assegura que a transformação nesse setor está se manifestando, ainda que de forma diferente, em grau diferente e com consequências diferentes, em todas as partes do mundo. Nessa perspectiva, a evolução tecnológica está criando uma nova e rígida segmentação dos mercados de trabalho em nível mundial, contemplando uma pequena parcela de empregos altamente qualificados, bem remunerados, sendo que a maioria dos empregos encontram-se na faixa dos pouco qualificados, mal remunerados e sem garantia de direitos. De acordo com Santos (2005), muitas qualificações, aptidões, saberes e, praticamente, todas as profissões desaparecem. Com esse desaparecimento de profissões, grupos inteiros de trabalhadores são lançados à inutilidade social e se percebem impossibilitados de uma nova integração no mercado de trabalho.

Vemos que o trabalho como um discurso dos migrantes que residem em Caxias do Sul há 30 anos, 7 anos, 4 anos, 2 anos ou menos de um ano ajuda a criar representações e reforça o trabalho como um valor de grande importância, através do qual um sujeito ascende socialmente e sobrevive. Observamos isso nas narrativas da amostra entrevistada e pensamos que essa realidade contemporânea é vivida por migrantes nacionais e internacionais.

Seguindo a proposição de Santos (2007), os trabalhadores se afastam de uma desumana condição de desigualdade para ingressar em um cruel sistema de exclusão. No mundo do trabalho globalizado e mais segmentado, a qualificação profissional deixa de ser garantia do grau de rentabilidade e segurança. Vemos isso, também, a partir do discurso da

migrante Ester, formada em química industrial e com uma vasta experiência nessa área, atualmente com 53 anos de idade, que fala da dificuldade de reingressar no mercado de trabalho formal urbano e acredita que essa dificuldade esteja relacionada à sua idade. A seguir apresentamos o discurso de Ester sobre a experiência de exploração, quando trabalhou em uma empresa do pólo metal-mecânico.

Montei toda a empresa que tinha 25 anos e fazia todo o produto dela com chave de fenda. Eu já tinha montado várias empresas em São Paulo, aquilo aí era velho pra mim, era muito arcaico. A gente tem que melhorar isso. Deixei a empresa perfeita, só que, o problema maior de Caxias é que, nós que trabalhamos dependemos de ter um bom salário. Quando temos uma responsabilidade, a gente tem que ter certo padrão de vida e isso não acontecia. Ele me dava um dinheiro por fora. Um dia ele estava de bom humor, que tinha dado tudo certo, aí dava bem legal, outras vezes não. Ele me registrava na carteira como assistente administrativa, nem como supervisora e me dava R\$ 560,00. Era eu quem cuidava de toda a parte de compras da empresa, contratava e descontratava as pessoas. Entrava no trabalho 7 horas e 15 minutos e saía às 9 horas da noite e não podia dizer que não podia ficar naquele dia. [Ester, 53 anos, Barreiras, BA, moradora de Caxias do Sul]

A partir do relato de Ester que, diante da situação de exploração vivida no trabalho, sentiu-se coagida a sair do emprego, apresentamos a argumentação de Santos (1997) que afirma que as diversas relações salariais e a divisão em segmentos dos mercados de trabalho têm produzido crescente fragmentação e heterogeneização do trabalhador.

De acordo com Santos (2005), ocorre a passagem do sistema de exclusão para o sistema de desigualdade. O autor exemplifica essa passagem com o caso dos imigrantes e das mulheres. Esse sistema de exclusão não absorve os migrantes no mercado de trabalho formal urbano. Na medida em que os direitos de cidadania foram sendo conferidos às mulheres e essas, aos poucos, entraram no mundo do trabalho, fizeram a passagem do sistema de exclusão ao sistema de desigualdade.

A partir da análise do material empírico, vemos que, para aqueles que não conseguem se inserir no mercado de trabalho, a alternativa é buscar outras estratégias para sobreviver. Por isso a esperança de conseguir um trabalho fixo e seguro ou de realizar o sonho de ter a profissão desejada muitas vezes é algo inatingível no processo migratório, mas, mesmo assim, a vida é alavancada pela força da fé e por valores que cultivam da cultura de origem. O migrante Moisés, que mora em Caxias do Sul há mais de quatro anos, é radialista, mas ainda não conseguiu um trabalho formal em sua área de atuação. Semanalmente, ele produz e apresenta um programa de uma hora em uma rádio AM, mas, para que isso aconteça, Moisés

precisa buscar patrocinadores. No relato abaixo, vemos a dificuldade que Moisés enfrenta em seu cotidiano de migrante:

Pago o espaço pra eu trabalhar, pra poder sustentar minha família. A minha vida, por semana, eu tenho que matar três leões por semana e eu nem posso matar tanto leão assim por causa do IBAMA. Mas é uma dificuldade. Primeiro porque eu tenho que bater de porta em porta e tenho que aguentar muito não no rosto, na cara, mas nunca pensei em desistir. Claro que às vezes a dificuldade é tanta que parece que no fim do túnel tu não vai ver uma luz. Então, aquela pessoa que tem fé, ela não desiste. Quando pensa que não tem a luz no final do túnel, ela se agarra em Deus e a força vem. [Moisés, 53 anos, nascido em Bagé, morador de Caxias do Sul.]

Nessa lógica, o trabalho começa a definir, de forma intensa, as realidades de exclusão e, dessa forma, acontece uma inversão, ou seja, o trabalho se torna mais informal, segmentado, precário, e a relação social, mais flexibilizada. Isso faz com que o trabalho se transforme em incerteza e não garantia contra as vulnerabilidades sociais. “A precariedade do emprego e do trabalho transforma os direitos trabalhistas, econômicos e sociais, derivados da relação salarial e centro das políticas redistributivas do estado-providência, em um espelhismo” (SANTOS, 2005, p. 212). Nesse sentido, o trabalho deixa de ser um mecanismo eficaz de relação no sistema de desigualdade e se converte em um mecanismo de reinserção dos trabalhadores no sistema de exclusão.

Visando a uma melhor compreensão das metamorfoses no interior do mundo do trabalho, trazemos a reflexão de Antunes (2000) que faz um retrospecto histórico das mudanças mais cruciais ocorridas nesse espaço depois da década de 1970, quando houve uma crise estrutural do capital que afetou a economia capitalista. Essa crise, segundo o autor, fez com que o capital delineasse um amplo processo de reestruturação para recuperar o ciclo de produção do capital, afetando de forma intensa o mundo do trabalho. O desemprego estrutural mundial, na época, atingia em torno de um bilhão de trabalhadores. Isso corresponde a um terço da população que trabalha.

Na pesquisa de Leal (1986), observamos que atualmente são inúmeras as mudanças ocasionadas no mercado de trabalho e as consequências para os trabalhadores. Com o objetivo de abrandar essa situação, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) apresenta como proposta o Trabalho Decente definido como “um trabalho adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, sem discriminação e capaz de garantir uma vida digna aos trabalhadores e trabalhadoras. É trabalho digno” (PORTAL DO TRABALHO DECENTE, 2006).

Nos relatos de Ester, revelam-se conflitos em relação ao mercado de trabalho formal urbano em cidades como Caxias do Sul, e algumas questões lhe causam estranheza: “*o poder de compra está na mão de quem trabalha, se o comércio fecha na hora do almoço e no sábado, em qual horário o trabalhador pode comprar?*” O depoimento indica a capacidade de olhar para a realidade com olhar crítico e de reconhecer matrizes culturais vinculadas ao trabalho que operam no mundo da recepção.

Trazemos aqui a narrativa de Eva que refere vantagens em ter mudado de vida, de atividade. Observamos certa satisfação com a mudança de atividade derivada da migração, ou seja, passando de um trabalho rural para um trabalho urbano, embora permaneça com trabalho braçal em serviços gerais, há oito anos. Com seu salário, Eva colabora no orçamento da família, mas são outros os valores prioritários em sua vida: “Trabalho desde os 15 anos em Caxias. O trabalho é muito importante, mas em primeiro lugar vem a família, os filhos. Tem que trabalhar um pouco pra ajudar. Senão só ele [o marido] não dá conta de sustentar a família. Graças a Deus tenho um emprego fixo.” Nesse sentido, podemos também pensar que

de fato, a mobilização de homens e mulheres reclama, antes de tudo, uma nova filosofia de gestão, um novo contrato social nas empresas, que permita ampliar a responsabilidade real dos homens em todos os níveis da vida da organização. Sem mudança efetiva, que possibilite as condições de reconhecimento, de interação, de formação, de responsabilidade, a administração ética reduz-se, na melhor das hipóteses, a um conjunto de fórmulas de boa intenção; no pior dos casos, à manipulação (LIPOVETSKY, 2004, p. 56).

Aos poucos, vamos percebendo a importância que o trabalho ocupa na vida de Leonardo, descendente de italianos, que migrou a Caxias do Sul na década de 70, quando a oferta de trabalho era abundante como mostra seu depoimento que diz: “*Eles tinham interesse, porque tu vinhas pra trabalhar*” e as indústrias da cidade tinham necessidade de mão de obra. Esse migrante estava acostumado, em sua cidade de origem, a enfrentar a exploração no trabalho, sendo pago com um salário mínimo e “*trabalhando o dia inteiro*”. Mas, quando soube, por meio de um tio, (irmão da mãe) que trabalhava na Agrale, em Caxias do Sul, de que nessa cidade se “*ganhava bem*”, empreendeu um projeto migratório pensando em sua própria dignidade e na de sua família:

Eu queria trabalhar, mas só sabia lavrar terra, plantar milho, empacotar farinha. E limpar chiqueiro é o que eu mais sabia. Eu dizia que tinha que trabalhar porque tinha que buscar minha mãe e as minhas irmãs. Como tu vinhas de fora e querias

trabalhar e não estavas interessado no valor... Então, eles tinham interesse por que tu vinhas pra trabalhar. Fazia 15 dias que eu estava trabalhando e todos estavam recebendo e me chamaram lá na mesa pra eu ir receber, mas eu não entendia, porque não tinha trabalhado um mês. Fui lá e assinei a folha e tinha 300 e poucos reais. Não é possível, tem alguma coisa errada, eu pensei. Fui reclamar com meu chefe, porque eu ganhava 180 contos, quando eu trabalhava na cooperativa, mas ele me disse: está certo porque você está ganhando 700 e... não lembro mais, teria que olhar na carteira. Aí sim, comecei a ser gente, comecei a me sentir gente. [Leonardo, 56 anos, nascido em Getúlio Vargas, morador de Caxias do Sul.]

O depoimento de Leonardo indica a capacidade do migrante, que começa a exercer a própria cidadania, através da valorização no mercado de trabalho, com a sua inclusão em uma empresa de grande porte, e sendo mais bem remunerado. Esse reconhecimento aciona a sua memória e permite expressar-se: “*Aí sim, comecei a ser gente, comecei a me sentir gente.*”

Quando consideramos a situação da migrante Marta e do marido com relação a uma empresa [frigorífico de Garibaldi, RS], na qual trabalhavam quando da migração a Caxias do Sul, vemos a existência de um estereótipo pejorativo em torno das “*pessoas de fora*”. Ela relembra o episódio e o sofrimento que os acompanhou, e que, de alguma forma, reelaboraram como marcas recentes da memória. “*Lá em Garibaldi, a empresa exigiu, porque somos pessoas de fora, ir ao Fórum e pedir uma folha corrida, pra firma ver se a gente tinha alguma coisa na polícia, se a gente roubou e essas coisas assim, pra ver se a pessoa é justa.*”

Revisando a narrativa de Leonardo, deparamos também com as marcas da memória que o fazem reviver o sofrimento de ter sido explorado no trabalho, revelando que um dos sentidos atribuídos ao trabalho era a exploração: “*Trabalhava em média, 20h por dia*”, *durante cinco anos, mas depois “começaram a aparecer os problemas de não dormir*”. Ao revisitar esses traços da memória, vemos que ele expressa sentimentos de culpa e de revolta pelo fato da exploração no trabalho ter começado em sua cidade de origem, desde a infância. Ele ainda carrega as dores emocionais e o sofrimento acumulado, procurando reelaborá-los, em seu cotidiano, com esperança, a partir do êxito que vive atualmente como empresário do ramo de transporte escolar.

Eu pegava na firma às 6 e meia da manhã e ia até às 4 e meia da tarde, aí batia o cartão de saída e já batia o da hora extra e tocava até meia-noite, 1 hora, 3 horas da manhã, porque em pouco tempo dentro da Agrale eu subi muito rápido. Eu não tinha estudo, só que tinha vontade e eu queria fazer. Meu negócio era fazer o trabalho e os outros queriam fazer as horas. Eu não estava mais preocupado em ir pra casa. Fazer o que em casa? Eu não chegava dormir na máquina, mas eu dormia no banheiro. Eu pegava um banquinho e ia pro banheiro dormir, mas eu dizia pro colega da máquina cuidar quando o responsável percebia que não estava na máquina e me chamar na quarta porta do banheiro. Eu colocava o banquinho lá

dentro, sentava e dormia uma meia-hora, acordava e já me jogava água na cabeça pra acordar e ia pra máquina a mil. Foi aonde eu estraguei a minha saúde, porque eu tomava remédio pra não dormir. O Doutor [o nome foi omitido por questões éticas], médico da Agrale, me dava o remédio pra não me dar sono. [Leonardo, 56 anos, nascido em Getúlio Vargas, morador de Caxias do Sul.]

Aqui vemos que, aos poucos, Leonardo precisa reiniciar sua vida em Caxias do Sul, buscando a reinserção no mercado de trabalho, mas, antes disso, ele percebe a urgência de curar a depressão profunda que fez com que perdesse o emprego na empresa onde trabalhou arduamente durante cinco anos. Na memória de Leonardo, na época em que viveu todo esse drama, o melhor remédio para tamanho sofrimento psíquico parecia ser a morte. Estava decidido a não mais viver. A alegria de estar em companhia da jovem mulher e dos dois filhos e o prazer pela vida já não participavam de seu cotidiano. Ele conta que “fugia” das pessoas, ficava isolado, trancado dentro de casa, ou deitado na cama com o travesseiro sobre a cabeça porque ouvia o ruído das máquinas da metalúrgica constantemente e pensava que sua cabeça ia “explodir”.

Podemos dizer que Leonardo foi incluído na amostra por estar do outro lado, ou seja, porque após uma trajetória de mais de 30 anos no mercado de trabalho em Caxias do Sul, enfrentando muitas dificuldades, ele conseguiu ascender profissionalmente, apesar de ter estudado apenas até a 5ª série do Ensino Fundamental. Hoje ele comemora o fato de ser empresário do ramo de transportes escolares, em Caxias do Sul. Essa ascensão é encarada como uma grande conquista e como bênção de Deus. A partir de toda essa trajetória, com muitos altos e baixos, Leonardo parece se realizar como ser humano toda vez que ajuda um migrante no processo de inserção na sociedade de chegada, e ele mesmo se empenha para conseguir trabalho para os migrantes que chegam a seu bairro.

Com base nessa discussão, podemos nos questionar: Por que não temos a história contada e divulgada a partir dessas vivências de migrantes que conseguiram “vencer” e hoje são solidários com outros que buscam, com desejo profundo, viver dignamente? Como afirma a pesquisadora Chauí (1981), só temos a história contada pela classe dominante. Em uma perspectiva ideológica, a autora ensina que

a ideologia não tem história, mas fabrica histórias imaginárias que nada mais são do que uma forma de legitimar a dominação da classe dominante, compreende-se por que a história ideológica (aquela que aprendemos na escola e nos livros) seja sempre uma história narrada do ponto de vista do vencedor ou dos poderosos. Não possuímos a história dos escravos, nem a dos servos, nem a dos trabalhadores vencidos – não só suas ações não são registradas pelo historiador, mas os

dominantes também não permitem que restem vestígios (documentos, monumentos) dessa história. Por isso, os dominados aparecem nos textos dos historiadores sempre a partir do modo como eram vistos e compreendidos pelos próprios vencedores (CHAUI, 1981, p. 92).

No atual contexto social marcado pelo desemprego estrutural, os migrantes se submetem à exploração no trabalho com longas jornadas e acabam sucumbindo. Nas entrevistas, notamos que essa situação desumana, que os migrantes vivenciam, é desencadeadora de doenças emocionais como a depressão grave. Há também casos graves de doenças e óbitos decorrentes do excesso de trabalho. Observamos isso no editorial “Morrer de trabalho” escrito por Ramonet (2003), no qual divulga uma pesquisa da Organização Internacional do Trabalho (OIT), onde há uma denúncia, afirmando que 5 mil pessoas morrem por dia no trabalho. Ramonet (2003) escreve que “anualmente, 270 milhões de assalariados são vítimas de acidentes de trabalho e 160 milhões contraem doenças profissionais no mundo inteiro. O estudo revela que o número de trabalhadores mortos no exercício de sua profissão passa de dois milhões por ano.” A realidade mostra que os trabalhadores migrantes, ao ingressar no lugar de destino, são, tantas vezes, submetidos a longas jornadas de trabalho e/ou trabalhos escravos, podendo resultar na própria morte ou em casos de depressão profunda como já referimos.

Com o objetivo de aprofundar temas relacionados com a defesa dos direitos trabalhistas das pessoas migrantes e de seus familiares, um dos *workshops* do Seminário⁴⁵ Migrações Internacionais e Direitos Humanos apresentava informações da Organização Internacional do Trabalho, dizendo que

mais de 12 milhões de pessoas são exploradas no trabalho em todo o mundo anualmente. Mais de 1 milhão estão em situação de exploração sexual e quase 8 milhões em outras formas de exploração econômica, que podem ocorrer em meio urbano ou rural nas mais diversas atividades. É importante ressaltar que, desse total, 2.4 milhões de pessoas foram vítimas de tráfico, cujas rotas são similares às de migração regular ou irregular. Sabe-se que a vulnerabilidade aumenta quando as vítimas de exploração no trabalho encontram-se fora do seu local de origem, situação em que se verifica um alto grau de desrespeito aos direitos humanos fundamentais. Diante da grande variação de causas e modalidades de exploração econômica, percebe-se que a solução passa pela reflexão sobre os vários fatores que contribuem para a perpetuação dessa grave violação de direitos humanos, tais como: fatores principais que interagem para configuração da exploração econômica nas suas diversas modalidades; relação entre migração e tráfico de pessoas; fatores culturais que incidem na exploração econômica; possibilidades de prevenção [...] (MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E DIREITOS HUMANOS, 2008).

⁴⁵ Seminário Migrações Internacionais e Direitos Humanos, 8 a 10 de maio de 2008, em Brasília, DF, do qual a pesquisadora participou.

Pensando na problemática apontada pela OIT, em que milhares de pessoas são exploradas no trabalho em nível mundial, é importante ter presente a “convenção internacional sobre a proteção dos direitos de todos os trabalhadores migrantes e de seus familiares”. Esse documento, aprovado aos 18 de dezembro de 1990 na Assembléia Geral das Nações Unidas (ONU), define os direitos dos trabalhadores migrantes e de suas famílias, independente de estarem trabalhando ou não. A partir disso, observamos que a migração transnacional de mão de obra que se produz em nível internacional também acontece em nível interno. Muitos migrantes internos costumam preencher os vazios do mercado de trabalho, assumindo empregos rejeitados pelos trabalhadores locais, tais como agricultura, construção civil, mineração ou serviços de baixa remuneração e qualificação profissional limitada ou específica, como trabalhos domésticos e cuidado de anciãos e crianças, entre outros.

Em uma análise mais detalhada, Antunes (2000) articula elementos mais gerais sobre o que acontece no mundo econômico e mostra que as mutações, no mundo do trabalho, criaram uma classe trabalhadora mais fragmentada, heterogênea e complexa, na qual estão homens e mulheres, muitos deles migrantes, trabalhando no mercado formal e informal com contratos estáveis e precários, enquadrados como os qualificados e os desqualificados.

Estou procurando trabalho, mas por enquanto é só na entrevista. Está difícil. Eles pedem muita experiência na carteira, de um ano, dois anos e a gente não tem. Fica difícil. Eu trabalhei na livraria do Maneco aqui em Caxias. Foi só um mês. Fiz também uma experiência de cuidar de dois idosos no hospital Pompéia durante 10 dias e depois eles me dispensaram, porque a senhora foi para uma clínica especializada e o senhor ganhou alta do hospital. Mas uma hora vai aparecer um trabalho. Eu deixei currículo em bastante agência, fiz cadastros. [Maria, 33anos, nascida em Foz do Iguaçu, PR, moradora de Caxias do Sul]

Entendemos a partir do relato de Maria que a busca por um trabalho formal aparece como primeira motivação da trajetória migratória para Caxias do Sul. A partir das entrevistas de emprego já feitas na cidade, a migrante percebe que a falta de qualificação e a baixa escolaridade aparecem como obstáculos nesse processo de inclusão no mercado de trabalho formal. É interessante trazer aqui uma discussão que apareceu nas entrevistas de que, no lugar de origem, a maioria dos migrantes conhece Caxias do Sul como o lugar das boas oportunidades de emprego.

Na entrevista com Maria, vemos que aparecem com ênfase, em sua fala, as questões relativas ao desemprego, à dificuldade para ingressar no mercado de trabalho formal urbano como já referimos. Essa situação, na qual vive hoje a migrante, é causadora de angústia,

desânimo e desolação. Ela se percebe só e distante da maioria de seus familiares que moram na sua cidade de origem, Foz do Iguaçu, PR.

Aqui trazemos questões sobre a trajetória de migração de Ester como migrante qualificada na área da indústria química e da exploração no mercado de trabalho, quando migrou a Caxias do Sul, atrelada à depressão em grau elevado: “entrava no trabalho 7 horas e 15 minutos e saía às 9 horas da noite e não podia dizer que não podia ficar naquele dia.”

Notamos que a maioria dos entrevistados começou a trabalhar a partir dos 12 anos de idade, que é o tempo da vida, o tempo de ser criança. Três deles deixaram de estudar para trabalhar e só começaram a estudar à noite, após um dia de trabalho, quando completaram 14 anos de idade. A partir da vida dos migrantes entrevistados, vemos o quanto o trabalho estava relacionado ao mundo familiar, e como eles vêm para uma cidade, onde as coisas são regulamentadas por leis, conformando um outro ambiente: industrial e tecnológico. É uma ruptura com a cultura rural, onde funcionava o parentesco.

Percebemos a importância de algumas das falas dos entrevistados sobre a questão do trabalho desde a infância, no ambiente rural e no meio urbano, a partir dos 12 anos de idade quando ainda não existia o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Débora fala sobre a experiência de trabalho ainda na infância e das sucessivas migrações para ascender profissionalmente.

Foi o primeiro lugar que consegui emprego dos 12 até os 18 anos na fábrica de calçados, onde trabalhavam minhas tias. Aí comecei cortando fios na esteira, depois aprendi a costurar. Aí comecei a incomodar a minha chefe para ela me dar uma oportunidade. Por 3 anos eu fiquei como serviços gerais, depois comecei a costurar. Fiquei muito tempo como costureira, depois surgiu uma oportunidade na loja. Fui ao departamento de pessoal pedir demissão com todos os direitos, estava num processo de recessão. Eram 40 funcionários que estavam sendo demitidos e eu estava incluída e eu não podia perder meus direitos. [Débora, 38 anos, Novo Hamburgo, RS, moradora de Caxias do Sul]

Vemos igualmente nos relatos de Anastácio, Débora, Eva, Miguel, Ester e Leonardo, a experiência do trabalho na infância articulado à migração. A seguir, apresentamos o relato da migrante Ester sobre essa vivência.

Aos 12 anos comecei a trabalhar. Em todo o lugar tem pessoas boas e ruins, não que em São Paulo não tenha. Em todo o lugar tem o drogado, tem o ladrão, tem o assassino. Em regra geral a classe média em São Paulo é assim, quando chega um primo, um irmão, um parente e diz que precisa trabalhar, todo mundo se empenha e quer ajudar. [Ester, 53 anos, Barreiras, BA, moradora de Caxias do Sul]

Consideramos importante o que Leonardo fala das marcas da memória sobre a inclusão no mercado de trabalho formal urbano, vinculada ao exercício da cidadania: “aí sim, comecei a ser gente, comecei a me sentir gente.” Leonardo deixa transparecer em seu discurso o significado profundo de trabalhar e receber um bom salário em uma empresa do ramo metalúrgico. Isso aconteceu na década de setenta quando a oferta de trabalho era grande e havia, de fato, necessidade de mão de obra.

Os migrantes entrevistados também falaram dos sentidos sobre o trabalho e sobre a crise econômica, do medo de perder o emprego e também da fome como experiência do tempo de não trabalho. Na narrativa de Marta, vemos essas dificuldades enfrentadas na sociedade de acolhida:

Quando a gente chegou, se não fosse o restaurante comunitário, a gente ia passar mais fome. A gente passou fome, eu não vou negar. Era o único recurso. E a janta era na empresa. Quando era sábado e domingo a gente comprava pão e café. E eu tinha um rabicho, um rabo quente, e eu esquentava água na xícara e era o que a gente comia no final de semana. O pão com o café. [Marta, 32 anos, nascido em Itaqui, RS, moradora de Caxias do Sul]

Diante da realidade da crise econômica global contemporânea que atinge o sistema vigente e desperta sentimentos de medo e de insegurança nos trabalhadores, observamos o processo de globalização e de reestruturação produtiva, representando um intenso golpe na economia em diferentes esferas da sociedade. Percebemos também que políticas restritivas, definidas por organismos internacionais, vêm sendo sistematicamente desmembradas, instalando um processo de desregulação na sociedade. Isso tudo parece evidenciar-se no depoimento de Maria.

Sobre a crise do trabalho, a gente ficou com bastante medo que ele até poderia perder o trabalho, mas graças a Deus, está indo bem. Eu fico preocupada e quero ajudar a família, colocar a minha filha num cursinho, que ele sozinho é difícil e aqui os cursos são caros, lá são mais baratos. Ela tem bastante interesse, tadinha, em fazer o curso de informática, mas agora fica complicado. [Maria, 33anos, nascida em Foz do Iguaçu, PR, moradora de Caxias do Sul]

Nesse contexto, é o mercado que assume a função principal na relação com os diversos atores sociais. “É no mercado que temos acesso aos bens necessários à vida e é o

mercado que realiza o milagre da coordenação da divisão social do trabalho para que haja esses bens para os que vão ao mercado” (SUNG, 1992, p. 96). São muitas as experiências que levam os migrantes a temer o desemprego na sociedade de acolhida. Pensando nessa realidade na qual se encontram muitos migrantes, é possível afirmar, a partir de Negri e Hardt (2005, p. 437), que

estamos assistindo ao declínio das divisões anteriormente inamovíveis que separavam os trabalhadores agrícolas dos industriais, as classes operárias dos pobres, e assim por diante. Em vez disso, cada vez mais as condições comuns do trabalho em todos os setores conferem nova importância ao conhecimento, à informação, às relações afetivas, à cooperação e à comunicação. Embora cada forma de trabalho continue sendo singular – o trabalho agrícola permanece ligado ao solo, assim como o trabalho industrial continua ligado à máquina –, todos desenvolvem a despeito disto bases comuns, que hoje tendem a ser a condição de toda produção econômica; e esta produção por sua vez produz o comum – relações comuns, conhecimentos comuns, e assim por diante.

Embora não tenha conseguido um trabalho formal em Caxias do Sul, Marta acredita que a crise econômica é passageira, pois observa que no bairro, onde reside, muitos migrantes da fronteira retornaram para seus lugares de origem e, para ela, essa é uma oportunidade que se apresenta como possibilidade iminente de conseguir um emprego. Por isso, quando foi entrevistada, ela contou que já estava inscrita no CAM para fazer um curso de Leitura e Interpretação de Desenho (LID) e Metrologia Dimensional, que é pré-requisito para trabalhar em uma metalúrgica.

Eu gosto daqui e aqui tem oportunidade de trabalho, mas tem que vir equipada, com uma força onde pode ficar, sabe? Aí eles não precisam pagar aluguel, só ajudam alguma coisa na alimentação, na luz e na água. Tem frigorífico, tem bastante coisa e a crise está passando e quando começar abrir de novo as vagas, vai chover emprego, porque a maioria do pessoal da fronteira, com a crise, aproveitou o acerto e se mandou pra terra deles. [Marta, 32 anos, nascido em Itaquí, RS, moradora de Caxias do Sul]

A fome é uma das marcas da migração em busca de trabalho. Vemos isso nos depoimentos de Moisés e de Miguel que sofreram fome na sociedade de acolhida. No caso da migrante Vitória, a fome não foi uma realidade que ela vivenciou, porque recebeu alimentos do Centro de Atendimento ao Migrante.

Aí eu ia atravessando a rua, mas tava mal, mal, mal, mal mesmo. Era fome mesmo. Não sei se não tinha glicose no corpo. Por isso que eu te digo: existe Deus. Deus me olhou. Eu estava mal, mal, atravessando a rua com um mormaço, eu me achava no fundo do poço. Eu daí conversei com Deus. O que Tu fizeste comigo? Me tiraste da minha terra, do convívio dos meus amigos, dos meus parentes pra me deixar nessa situação. O que tu queres comigo? Somente Deus pode me responder. Será que Deus tá me testando a minha fé? [Moisés, 53 anos, nascido em Bagé, RS, morador de Caxias do Sul]

Eu fiquei comendo pão com água durante dois meses, por que tinha que guardar o dinheiro da passagem de volta. Depois eu fui me tranquilizando, melhorei um pouquinho e a minha comida no almoço era arroz com bife. Eu sentia falta de feijão como comia aqui. Lá eles comem grão de bico. Aí eu cozinhava arroz com grão de bico. Eu não podia comer muita carne porque era cara. Um quilo de carne era 6, 6 e cinquenta euros, dava quase 18 reais e aqui não era 3 reais ao quilo. [Miguel, 26 anos, nascido em Braço do Norte, SC, migrou para Portugal]

Ester, Eva, Maria e Marta em suas entrevistas falam sobre a crise econômica. Eva fala que o marido tem medo de perder o emprego, e também falam sobre como ingressava no mercado de trabalho, quando estava desempregada.

Migração e trabalho sempre andaram juntos, no sentido de a busca de trabalho ser atribuída como principal causa da migração, considerando-se os riscos que isso implica, em termos de uma visão excessivamente economicista da migração. Podemos citar alguns exemplos dessa visão economicista da migração contemporânea: a remessa de migrantes como uma fonte econômica importante de recursos; a chamada “fuga de cérebros” como um dos traços das migrações relacionados ao trabalho; os estigmas dos migrantes que tiram trabalho da população autóctone; a culpabilização do migrante em épocas de crise econômica, como a atual, por estarem tirando postos de trabalho dos autóctones, além de outros exemplos que poderíamos elencar aqui.

4.3.1 Sentidos sobre a relação migração e trabalho: direito à cidadania

Percebemos que a imagem de Caxias do Sul, como cidade que oferece boas oportunidades de emprego, chega até aos migrantes internos de diferentes regiões do Brasil através da mídia e, principalmente, da divulgação da Festa Nacional da Uva, que ocorre de dois em dois anos. Isso foi observado como um elemento importante na fala de praticamente todos os sujeitos migrantes entrevistados, quando falavam das motivações que os levaram a migrar.

Sobre os sentidos da experiência migratória, podemos dizer que as questões relacionadas à situação econômica do lugar de origem aparecem como desencadeadoras de várias trajetórias de migração e, em alguns casos, são o motivo principal. O que os sujeitos migrantes entrevistados dizem sobre o processo migratório permite visualizar os múltiplos motivos ou sentidos da migração, por exemplo, acompanhar a família, melhores condições de vida, busca de trabalho. E, a partir disso, percebemos a importância de enfatizar qual a força específica do trabalho nessa motivação. Apresentamos a seguir a organização de um quadro com os principais motivos da migração a Caxias do Sul e, também, o número de vezes que cada entrevistado já migrou.

Motivos da migração			
Nome	Idade	Motivo da migração a Caxias do Sul	Quantas vezes migrou
<i>Moises</i>	53 anos	Trabalho	4 vezes
<i>Eva</i>	42 anos	Trabalho/reagrupamento familiar	5 vezes
<i>Débora</i>	38 anos	Trabalho	7 vezes
<i>Anastácio</i>	36 anos	Trabalho missionário	22 vezes com os pais e 10 por opção
<i>Vitória</i>	25 anos	Trabalho/reagrupamento familiar	2 vezes
<i>Marta</i>	32 anos	Trabalho	1 vez
<i>Leonardo</i>	56 anos	Trabalho	6 vezes
<i>Maria</i>	33 anos	Trabalho/reagrupamento familiar	1 vez
<i>Ester</i>	53 anos	Trabalho/doença de familiar	6 vezes
<i>Miguel</i> ⁴⁶	26 anos	Trabalho	5 vezes

Quadro 7 - Motivos da migração
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Nessa passagem do texto, retomamos a discussão sobre as tendências da migração contemporânea, em que o trabalho assume centralidade. Isso foi observado a partir da leitura do material empírico, quando percebemos como a mídia se articula ao trabalho e à migração. Podemos nos questionar: qual o lugar do trabalho nos motivos para migrar? Sem a pretensão de encontrar respostas prontas, mas buscando demarcar tendências, vemos que o trabalho aparece como motivação e que, geralmente, ele vem acompanhado de outras motivações como o acesso à saúde e à educação.

Considerando a importância de refletirmos sobre as especificidades localizadas no material empírico, destacamos a narrativa de Anastácio, que praticamente viveu migrando. Por isso podemos dizer que a migração é marca característica de sua identidade, não é um acontecimento ou um período independente de sua vida. Quando criança, Anastácio acompanhou os pais que migravam por causa do trabalho e para melhorar de vida. Quando

⁴⁶ Lembramos que Miguel é o único migrante da amostra que não migrou para Caxias do Sul, mas para um país da Europa, Portugal.

perguntamos a Anastácio: quem é o migrante para você? Ele responde: *“Quem é o migrante? É uma pessoa que está num ambiente e vai pra outra terra, pra outro ambiente e faz uma experiência com pessoas diferentes.”*

Por sua vez, Ester, em seu discurso, fala sobre a trajetória de migração e trabalho em função dos pais, e também sobre a experiência pessoal como trabalhadora qualificada em química industrial: *“Minha carteira [profissional de trabalho] é toda assinada como supervisora, como gerente, como responsável técnica em várias empresas.”* Para Ester, a experiência da migração é vista como oportunidade de crescimento e, nesse sentido, ela diz que esta não é a “última migração”, porque ainda pretende “migrar bastante”. A migrante também afirma: *“Eu não sou da rotina, a rotina me incomoda. A liberdade do migrante é essa: a insatisfação. Eu posso dizer, muita gente tem patrimônio maior que o meu, tem poder aquisitivo, mas não tem a vivência que eu tenho, não tem a riqueza que eu adquiri ao longo de toda a minha migração.”*

Na mesma perspectiva, a entrevistada Ester comenta sobre sua experiência migratória, destacando o “lado bom, que é o conhecimento da cultura” por parte de quem migra e, também, fala das perdas. Em sua narrativa, Ester deixa transparecer seu desejo de continuar migrando, quando diz que “escolheria morar em Goiânia ou Curitiba”.

O peso da migração é isso. Se estivesse em São Paulo, que é o meu chão de fábrica, onde me formei, fiz grupo de amigos profissionais que hoje estão todos bem, aposentados, eu estaria bem melhor. Sendo migrante tem um lado bom, que é o conhecimento da cultura, do ritmo de vida e a gente passa a conhecer bem mais. A gente passa a valorizar mais os que tiveram valor nos 53 anos de caminho, a gente começa a lembrar, fazer uma retrospectiva. Hoje, eu escolheria morar em Goiânia ou Curitiba. [Ester, 53 anos, Barreiras, BA, moradora de Caxias do Sul]

A partir da fala da migrante Ester, consideramos a importância de discutirmos sobre o direito à cidadania relacionado, muitas vezes, à experiência do trabalho. Ao dar voz aos 10 sujeitos migrantes da amostra, pensamos desde outro lugar, desde os múltiplos e variados processos que permitem constituirmos como autores esses seres humanos que migram, às vezes, amparados na crença de uma cidadania emancipatória. Direito esse que, por várias razões, lhes é negado no lugar de origem e que, através da migração, vislumbram o acesso a bens e serviços, à moradia e à inclusão no mercado formal de trabalho.

Marta, nascida em Itaquí, comenta que trabalhava no mercado informal com venda de *lingeries*, mas não foi bem sucedida por causa das inadimplências de suas clientes. Em Caxias

do Sul, onde mora há mais de um ano, ainda não conseguiu um emprego formal no mercado de trabalho. *“Eu peguei uma experiência na Integral fazendo limpeza num frigorífico por 30 dias. Eu fiz os 30 de uma moça que entrou de férias e eles disseram que quando surgisse uma vaga iam me ligar, porque gostaram do meu trabalho.”* [Marta, 32 anos, nascido em Itaqui, RS, moradora de Caxias do Sul]

Contudo, como afirma o autor Martins (1992, p. 16), “é a condição humana que não está crescendo [...], uma sociedade que [...] recria essa subumanidade do homem, que se relaciona com o outro a quem considera menos humano, sem perceber se desumaniza a si mesmo.” Nessa perspectiva, acreditamos que a cidadania é “estatuto ontológico” (MARTINELLI, 1998, p. 143), ou seja, é parte da condição humana e por isso não pode estar determinada pelo lugar na sociedade de classe, pela faixa etária, pela descendência étnica, pelo gênero, pelo poder de consumo, pela carteira profissional assinada ou não.

Caxias do Sul, como outras cidades pólo industriais, é um exemplo típico de cidade que concentra bens de produção e, dessa forma, tem concentrado trabalhadores migrantes. Entretanto, não tem estendido cidadania a muitos migrantes. Com base nessas considerações, podemos dizer que em cidades como Caxias há a não-cidadania e nesse sentido, vemos um quadro paradoxal nos mostrando que, para inúmeros sujeitos migrantes, a cidade não tem proporcionado cidadania. Embora Caxias do Sul ofereça alternativas de vida, parece ter perdido seu poder de socializar, a partir de valores e relações sociais referendadas à cidadania.

A questão da cidadania é basicamente uma questão de direitos e obrigações e, nesse aspecto, observamos que muitas pessoas migrantes não são incluídas no mercado de trabalho formal. Por isso, em nossas democracias capitalistas, a cidadania reconhecida em leis e constituições, nega o direito a ter um emprego aos não autóctones, atribuindo a eles a culpa pelo desemprego, por exemplo, que é uma questão estrutural.

Santos (2010) coloca a comunicação na perspectiva da cidadania emancipatória. O conflito é visto como espaço público para também construir consenso e unidade na diferença. O conflito é trabalhado em uma dimensão positiva, na construção de uma sociedade mais justa.

Nessa reflexão sobre cidadania, pesquisamos sobre os Direitos Humanos na Constituição da República Federativa do Brasil, texto promulgado em 05 de outubro de 1988, que no título II dos Direitos e Garantias Fundamentais, capítulo II dos Direitos Sociais, lemos: “Art.º6 São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (DIREITOS HUMANOS NA CONSTITUIÇÃO DO BRASIL, 1988).

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela Resolução n.º 217 A (III), da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948 e assinada pelo Brasil na mesma data, em seu artigo 23, parágrafo um (§1), lemos que: “Toda pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego” (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948). Olhando para a realidade contemporânea, podemos dizer que esse é um ideal proclamado pela Assembleia Geral da ONU.

A desigualdade passa a ser tratada e questionada não somente a partir de sua problemática, mas como uma realidade que pode oferecer outros itinerários. Nesse sentido, entendemos a importância de trazer para a reflexão a possibilidade de uma cidadania emancipatória, proposta por Santos (2000), através da qual o cidadão poderia ter uma vivência cidadã, autônoma e digna e não como simples agente de uma condição social.

Pensamos a cidadania como uma prática que faz acontecer o exercício do ser cidadão em todos os âmbitos da vida. Para participar ativamente na elaboração das regras que regem a sociedade, é preciso conquistar a liberdade e a autonomia. Na narrativa de Débora, a seguir, percebemos a importância de estabelecer vínculos com outras pessoas e de participar de algum grupo e/ou movimento como forma de exercer a própria cidadania.

Na fábrica, eu tenho até hoje amigos, porque eu participei sempre de grupo de jovens. Participava no grupo de Emaús, eu tinha quase me formado. Eu comecei ir para o grupo de jovens com 14 anos e nos encontrávamos todos os grupos em Sapiranga, foi por isso que eu acabei morando lá, porque já tinha uma relação lá com pessoas daquele lugar. Eu participava da Igreja Católica, era responsável pela liturgia. [Débora, 38 anos, Novo Hamburgo, RS, moradora de Caxias do Sul]

A partir da fala de Débora, podemos dizer que nosso país tem sido cenário, nas últimas décadas, de inúmeras e renovadas mobilizações e práticas articuladas em torno da demanda de direitos. A cidadania nomeia um modo específico de aparição dos indivíduos no espaço público caracterizado por sua capacidade de constituir-se em sujeitos. Nessa perspectiva, podemos pensar na realidade dos migrantes contemporâneos e em como as práticas cidadãs implicam a irrupção, na esfera pública do excluído e reprimido, e manifestam o direito a ter direitos. A partir dessa reflexão, parece impossível pensar a cidadania sem a comunicação, pois precisamos dela para falar de processo, de reivindicação, de luta, de busca, de igualdade e de inclusão.

Desse modo, a cidadania pode ser vista como uma palavra que deve indicar o direito ao conhecimento. Para que a comunicação seja uma forma de conquistar direitos de cidadania, espera-se que a diversidade se converta em efetiva pluralidade, e que os direitos sejam iguais.

Na narrativa de Vitória, entendemos que os valores que traz da cultura de origem orientam sua conduta na sociedade de acolhida e que, embora não tenha conseguido ainda um emprego formal em Caxias do Sul, ela parece já viver antecipadamente a alegre esperança de ser incluída no mercado de trabalho e assim poder ajudar outras pessoas.

Eu pretendo me formar. A gente tem que se esforçar, não pode ficar parado no tempo, o tempo passa. Se a gente não se esforçar não vai poder ajudar o próximo nem a si mesmo. Enquanto é jovem tem que fazer pelos outros também. Eu sou agradecida pela ajuda que tenho recebido e agora só em poder ter a chance de conseguir um emprego, levando a minha vida com dignidade, como uma pessoa merece e precisa um cidadão. [Vitória, 24 anos, nascida em Rivera, Uruguai, moradora de Caxias do Sul]

Percebe-se que o desejo de viver com dignidade na sociedade de acolhida aparece com frequência entre os migrantes entrevistados em Caxias do Sul. Sobre esse aspecto, Martín-Barbero (1997, p. 284) afirma que “o que se encontra em processo de mudança, hoje, é a própria concepção que se tinha dos *sujeitos políticos*. A uma concepção substancialista das classes sociais, como entidades que repousam sobre si próprias, corresponde a uma visão do conflito social como manifestação dos atributos dos atores.” As narrativas dos migrantes fazem pensar nesse diálogo de Martín-Barbero (1997) e nas palavras de Furtado (2002) sobre cidadania, cultura e economia, quando este diz que é necessário “projetar luz sobre os desvãos da história, onde se ocultam os crimes cometidos pelos que abusam do poder [...]” (FURTADO, 2002, p. 37).

Dados do IBGE de 2000 indicam que a distribuição de renda no Brasil é uma das mais díspares do planeta, sendo que 1% da população concentra 53% da riqueza nacional e 40 milhões de famílias concentram somente 17% da riqueza e 50 milhões de seres humanos vivem com valor abaixo de 80 reais por mês. Nesse sentido, a migrante Débora comenta sobre a situação de miséria vivida na infância com sua mãe e irmãos e, hoje, como assistente social, atua no sentido de contribuir na emancipação das pessoas que vivem em situação de miserabilidade.

Muitas mães que hoje eu atendo como assistente social vivem esta mesma história que minha mãe viveu e que sucessivamente meus irmãos viveram. Foi muito

difícil, porque praticamente não tinha o pão pra comer. A mãe dependia de caridade. [Débora, 38 anos, Novo Hamburgo, RS, moradora de Caxias do Sul]

Tomamos as experiências dos migrantes para pensar sobre elas, para romper o silêncio, ocupar as brechas que os meios de comunicação nos apresentam e lutar pelo direito a ter direito. De certa forma, já há tentativas de solução para o problema através da busca de respostas, mas estas nem sempre são encontradas. É mais comum ver aumentarem-se as nossas perguntas e, nesse panorama, nosso olhar rememora o passado, constrói o presente e projeta o futuro.

Os estudos de Martín-Barbero (1997, p. 221) ajudam a entender que “a migração e as novas fontes de modos de trabalho trazem consigo a hibridação das classes populares, uma nova forma de se fazerem presentes na cidade.” É importante considerar-se “o universo do popular”, apresentado por Leal (1986) na pesquisa sobre a recepção de telenovela entre famílias de diferentes grupos sociais. Esse conceito traz presente a realidade dos migrantes procedentes do meio rural e como estão inseridos no ambiente urbano e no mundo do trabalho. “As profissões variam entre funcionários da prefeitura do setor de limpeza pública, técnicos em eletrodomésticos, funcionários de pequenas firmas, pedreiros, encanadores, operários qualificados da indústria, enfim, atividades que exigem um trabalho braçal” (LEAL, 1986, p. 31). Esse estudo de recepção midiática, na área da antropologia, apresenta a necessidade de um entendimento mais amplo do universo das classes populares na interação com as mídias.

No caminho desse entendimento, temos um estudo de Fontes (2008) sobre trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, no período de 1945-1966, que apresenta a forte ligação entre migração e mercado de trabalho, ressaltando que, na época, a oferta de trabalho era grande e o migrante, com muita rapidez, era incluído no mercado de trabalho, em São Paulo. “Geralmente com poucos recursos e contando com a ajuda de parentes e amigos em seu estabelecimento inicial, era fundamental para o recém-chegado que sua inserção no mercado de trabalho se desse o mais rapidamente possível” (FONTES, 2008, p. 62). Com base nessa discussão, apresentamos a fala de Leonardo que migrou para Caxias do Sul na década de setenta.

Aí na sexta-feira, eles não queriam nem saber se você estava doente ou não, mas como tu vinhas de fora e queria trabalhar e não estava interessado no valor... mandaram fazer um raio X do pulmão na sexta-feira e antes de vir o resultado, na segunda-feira, eu fui na Agrale [metalúrgica], me deram um macacão e me

mandaram trabalhar. Eles me mandar puxar peças. Então, eles tinham interesse por que tu vinhas pra trabalhar [...]. [Leonardo, 56 anos, nascido em Getúlio Vargas, morador de Caxias do Sul.]

Esse depoimento nos leva a pensar nas dificuldades que o migrante enfrenta na atualidade para conseguir uma inserção formal no mercado de trabalho urbano, em cidades como Caxias do Sul, por exemplo. O mundo do trabalho organiza, objetiva e simboliza a vida pessoal e familiar do trabalhador migrante. No mundo do trabalho, também se dá um processo de recepção. Ali os discursos da mídia podem ser conformados com discursos que circulam em rede equivalente de relações interpessoais, a qual se abre a partir desse mundo.

Sobre esse aspecto, é importante destacar uma pesquisa de recepção sobre o universo do trabalho como mediação da comunicação. Nesse estudo, Fígaro (2001, p. 159) escreve que “o mundo do trabalho vai se mostrando como mediação privilegiada para o estudo da recepção dos meios de comunicação, pois é nele, e a partir dele, que se constituem e se materializam as experiências vividas no cotidiano.”

Dentre as pesquisas sobre recepção midiática, destaca-se o estudo de Leal (1986) sobre a recepção da telenovela *Sol de Verão*. A pesquisa foi feita entre famílias de diferentes classes sociais com uma preocupação em compreender o mundo das classes populares na interação com a televisão. Ao descrever o contexto no qual estão inseridas as famílias que realizam a apropriação e os usos de produtos midiáticos como a telenovela, pelos relatos, percebemos que a amostra, em grande parte, é migrante: “A maioria das famílias veio da zona rural; eram pequenos proprietários rurais que acabaram vendendo ou *perdendo* as terras e mudaram-se para a cidade. Alguns já são uma segunda geração na cidade” (LEAL, 1986, p. 30).

4.4 “DIFERENÇAS” NA TRAJETÓRIA MIGRATÓRIA: ITALIANIDADE E TABALHO

Dentre as muitas categorias identificadas, nas narrativas dos entrevistados, notamos que uma delas é a existência de um certo “preconceito” com as “diferenças” em relação ao migrante, que contrasta com a valorização do elemento “italianidade”, vinculado ao sobrenome, na sociedade de acolhida, na cidade de Caxias do Sul, onde convivem migrantes de várias cidades do Rio Grande do Sul, de diversas regiões do Brasil e também de outros países. Sobre esse aspecto, as questões que podemos levantar são: Como são construídas as

novas relações identitárias nesse ambiente? Qual a luta que os migrantes empreendem para estabelecer novos relacionamentos, para que aconteça a sua aceitação e a inserção no novo espaço? Essas são apenas algumas de muitas questões para pensarmos sobre a migração contemporânea e os desafios que ela nos apresenta em nível interno, a partir de uma perspectiva das “diferenças” culturais.

Percebemos, por meio do material empírico, que a questão das “diferenças” na trajetória migratória observadas pelos migrantes no local de chegada pode ser entendida a partir de uma discussão sobre a identidade étnica que

constrói-se a partir da diferença. A atração entre aqueles que se sentem como de uma mesma espécie é indissociável da repulsa diante daqueles que são percebidos como estrangeiros. Esta idéia implica que não é o isolamento que cria a consciência das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 40).

Por isso a aceitação e a negação dos modos de vida são aspectos importantes de integração ou de seu oposto quando se trilha um itinerário de construção social. Vemos nos estudos de Weber (1992) que os grupos étnicos são os que

alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem, fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, ou dos dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração, de modo que esta crença torna-se importante para a propagação da comunalização, pouco importando que uma comunidade de sangue exista ou não objetivamente (WEBER, 1992, p. 318).

Foram vários os fatores que favoreceram para o êxito da região da Serra Gaúcha e igualmente contribuíram para a construção da identidade cultural. Destacamos o elemento étnico através do qual vemos que o governo preferia o colono italiano em relação a outras etnias. Isso é comprovado nos relatórios dos diretores da colônia que identificavam e elogiavam o colono italiano como propenso às atividades laborais. Sobre os imigrantes italianos da época, Manfroi (1999) diz que eram pobres, com baixa escolaridade ou analfabetos, falavam apenas o dialeto, eram católicos, queriam trabalhar, conseguir muito dinheiro e retornar ricos para a o país de origem, Itália. Destacamos também o espírito empreendedor e o culto ao trabalho como traços da região de Caxias do Sul. “Nem todos os emigrantes comprovaram em suas atividades o espírito empreendedor, mas o culto ao trabalho foi uma característica da região” (HERÉDIA, 2004, p. 48).

Para orientar este item de análise, optamos pelos aspectos “cultura italiana” e “centralidade do trabalho na vida de migrantes em Caxias do Sul”. Nas narrativas dos sujeitos entrevistados ressaltamos a percepção sobre as diferenças presentes nas culturas e etnias na sociedade de acolhida, principalmente, sobre os valores associados aos italianos como trabalho, progresso, família, religiosidade. Fica evidenciado o valor dado ao sobrenome e certa percepção dos entrevistados do orgulho do trabalho braçal de quem não mais precisa fazer isso, no caso, dos migrantes que prosperaram na cidade de Caxias do Sul.

Podemos perguntar, a partir das narrativas dos sujeitos migrantes entrevistados, que aspectos ou “diferenças” aproximam lugares de origem e de migração? Que aspectos ou “diferenças” distanciam esses dois lugares? A seguir destacamos trechos das entrevistas em que aparecem alguns aspectos que aproximam e/ou distanciam características de lugares de partida e de chegada dos migrantes.

Me chamou atenção que, na cultura italiana, não é a pessoa que entra em primeiro lugar. Na minha cultura, é a pessoa, cada pessoa tem um nome. O José, a Maria, os meus pais, por exemplo, o Anastácio que sou eu. Aqui o italiano não tem nome, ele tem sobrenome, o nome tudo bem, a pessoa tem, mas o que conta é o sobrenome: é família Scariot, família Boff, família Dall’Alba e assim vai. Tem sobrenome e o nome se for interessante dizer se diz, e também não altera muito. É o bloco de presença ideológica significativa que existe. É a família que impregna esta realidade. [Anastácio, 36 anos, nascido em Braço do Norte, morador de Caxias do Sul.]

Aqui mesmo no meu bairro têm pessoas que não saem da igreja e passam se desgraçando dia e noite. Brigam com os vizinhos, com sua comunidade, não vive bem. Então, eu não sou ninguém para julgar alguém. Pelo que se diz na Bíblia não devemos julgar. Só Deus pode. [Moisés, 53 anos, nascido em Bagé, morador de Caxias do Sul.]

Eu posso dizer o que pensa um Brasiliense, um Goiano, um Mato-grossense. Tem muitas diferenças em cada local. Eu não sei cozinhar aqui no Sul, em São Paulo também é diferente, tem gente de todo o Brasil, do mundo, e a gente acaba fazendo de tudo, a gente come de tudo. Aqui não, a gente come só o agholini, o carreteiro, o churrasco, a polenta. [Ester, 53 anos, nascida em Barreiras, moradora de Caxias do Sul.]

A gente nasceu e viveu lá em Foz, então aqui achamos bastante diferença. É outro Estado, são outras pessoas. Talvez por que a gente conhecia lá e morava lá, eu acho as pessoas daqui estranhas, tem algumas similares às pessoas de lá, têm outras que não. As pessoas são assim mais reservadas, acho que trabalham bastante. Então a gente às vezes quase nem vê os vizinhos. Lá não! Nossa! Era bem mais comunicativo. A gente conversava, um ajudava o outro, mas o meu marido gostou daqui porque quando a gente trabalhava lá ele não conseguia serviço fichado. Nós ficamos juntos lá 14 anos e ele nunca conseguiu um trabalho fichado. Ele veio pra cá e teve a oportunidade e começou a fazer um curso nessa firma e ficou até hoje. [Maria, 33 anos, nascida em Foz do Iguaçu, moradora de Caxias do Sul.]

A gente acostumada aqui com a janta que é janta: arroz e feijão e aí chegamos lá uma panelona de sopa, era janta também, né, um prato de pão desse feito em casa, bem picadinho. Aí disseram: aqui nós comemos muita sopa e eu tava com fome, qualquer coisa comia, comia com vergonha e não colocava bastante. Eu ficava olhando eles como comiam. Pegavam aquele pão seco e molhavam na sopa e comiam, bem molhadinho. [Miguel, 26 anos, nascido em Braço do Norte, migrou para Portugal.]

Com base nos depoimentos, podemos afirmar que a identidade do sujeito se define em relação ao outro e permite perceber-se a si mesmo e reconhecer o outro como diferente. A construção intersubjetiva propicia o diálogo entre culturas, permite ao sujeito posicionar-se “no lugar do outro.” As ações estão todas carregadas de significados, porque toda ação comunica e por isso podemos dizer que a identidade se constrói na comunicação. Entendemos também que “a identidade vista junto com a diferença, num processo que compreende a realidade como devir, transformação em lugar de ser algo fixo, universal, é condição que permite estabelecer a diferença, a presença do outro” (PAVIANI, 2004, p. 90).

A partir dessa afirmação, é possível dizer que os migrantes apresentam um conjunto de traços distintivos considerando as diferenças observadas como às associadas à cultura italiana, à culinária, à centralidade do trabalho na vida das pessoas na sociedade de acolhida, entre outros elementos. Frente às matrizes culturais, que aparecem como elementos fortes nas narrativas, as quais não abrem espaço para outras manifestações culturais, vemos que as diferenças, às vezes, podem se constituir em fonte de conflito entre migrantes e população local.

Nas considerações de Moisés, que mora em uma casa alugada em um bairro tradicional de Caxias do Sul, constituído predominantemente por famílias descendentes de italianos, vemos certa incompreensão dele sobre os traços da cultura italiana. Moisés confessa que não entende como pessoas descendentes de italianos, suas vizinhas, podem sair da Igreja e em seguida blasfemar contra Deus. Diante dessa atitude contraditória, o migrante diz que não consegue entender como podem agir de forma tão irracional.

Mas parece que a convivência mais próxima com os descendentes de italianos, ou seja, com atitudes de confiança, de amizade, como formas de se aproximar e de tornar possível estabelecer relações interpessoais saudáveis, contribuem para que aconteça um processo de aceitação e inclusão na sociedade de acolhida. Podemos dizer que a migração oportuniza uma forma de aprendizado como relata Anastácio em sua entrevista:

Eu descobri uma coisa nessa vivência com a cultura italiana aqui, eles costumam a abrir o coração, a confiar, mas depois que a gente descobre o coração dos italianos, eles são moles de coração. Eu descobri também isso: são chorões. Eles falam alto e parece que estão brigando, mas na verdade eles estão contentes, é uma maneira de demonstrar um pouco a alegria. É o jeito de ser deles assim. [Anastácio, 36 anos, nascido em Braço do Norte, morador de Caxias do Sul.]

A partir da narrativa de Anastácio, podemos deduzir que o processo de diálogo e de comunicação acontece sempre na sociedade atravessada por tensões, conflitos e jogos de poder, como nos mostram os estudos de Martín-Barbero (1987-1997) sobre a recepção. Vemos que o diálogo é uma necessidade da identidade social do ser humano que se constrói a partir da identidade de cada interlocutor, em meio à diferença, porém fundamentado em certas condições. Nesse sentido, entendemos a necessidade de assumir as diferenças culturais e respeitá-las considerando sua identidade cultural.

Na proposição de Cortina (2005), são destacados a importância da diversidade dos processos culturais e o respeito às diferenças. “Diversos grupos religiosos, diferentes doutrinas filosóficas, distintas ideologias políticas propõem aos cidadãos diferentes projetos de vida feliz. Saber como organizar a convivência entre esses diferentes projetos não deixa de constituir um problema, uma vez que cabem diferentes soluções” (CORTINA, 2005, p. 22). Assim como as tradições, afirma a autora, as culturas também nascem, modificam-se e podem vir a extinguirem-se quando não apresentam condições para dar conta dos desafios que surgem pelo entorno atual. Essa apropriação de conhecimentos sobre cultura e cidadania pelo campo da comunicação pode ser observada na narrativa da migrante Vitória, quando descreve sobre as diferenças observadas na sociedade de acolhida.

O que eu estranhei aqui é que é um lugar diferente do meu. Aqui é mais cidade. Onde a gente morava tinha mais campanha, era mais pra fora. Eu não estava acostumada a viver assim com tantas pessoas, com tanta população, com tanto movimento. Uma das coisas que a gente sente diferença também é quando a gente anda de ônibus, porque o ônibus lá vai fácil, vai devagar, e ademais, nós aqui, essa ligeireza que eles fazem as curvas. Nisso a gente se sente meio estranha. Ah! Um montão de coisas estranhas que tem aqui. [Vitória, 24 anos, nascida em Rivera, Uruguai, moradora de Caxias do Sul]

Sobre as diferenças, também podemos dizer que esta pode se manifestar em situações de discriminação, embora muitas vezes apareça de forma mascarada, até mesmo crianças enfrentam essa realidade. Anastácio nos fala das situações de discriminação enfrentadas, em

sua trajetória migratória, por ele e pelo seu irmão, em uma escola da região da grande Porto Alegre.

O meu irmão e eu nós fomos umas duas vezes de pés descalços para a escola e fomos ridicularizados pelos nossos colegas, humilhados. Eles diziam: “mas como, não têm sapatos?” Foi uma humilhação. Pra nós não era sinônimo de pobreza, era uma coisa cultural, pois todos iam assim, era uma coisa tranquila, mas lá não. Então a gente se sentiu discriminado, eu tinha sete anos. [Anastácio, 36 anos, nascido em Braço do Norte, morador de Caxias do Sul.]

Essa situação faz lembrar as palavras de Uranga (2010), quando afirma que a cultura é um lugar de identidade, é um território físico e simbólico. É também um espaço de busca da identidade e um âmbito de poder. Esse território cultural, físico e simbólico outorga cidadania cultural aos sujeitos e determina as condições de pertença, as atribuições e os pactos de convivência. A cultura se constrói em relação com o outro e com a outra. A cultura é necessariamente um território cada vez menos físico e cada vez mais simbolicamente delimitado.

Em Cachoeirinha, são sempre pessoas diferentes, com rostos diferentes, com histórias diferentes, mas que tinham alguma coisa em comum. Família, por exemplo. O princípio da família, da vizinhança, a categoria vizinho, a categoria confiança, respeito. Essa coisa assim de não prejudicar os outros. Isso sempre soou na cabeça do meu pai e da minha mãe. E eu ouvia isso muitas vezes. [...] A minha experiência forte de migrante está relacionada às diferenças culturais: Morávamos sempre com outra família, num pedaço muito pequeno da casa, ou seja, num quarto. A nossa casa era um quarto. Moramos uns dois anos com o tio José. Ali, lembro que o pai e a mãe sempre contavam histórias. Ali era tudo: a cama, o berço. Toda a muamba, mudança, dos meus pais cabia num quarto. [...] A migração na minha infância basicamente, mesmo que eu quisesse ficar com meus amigos não podia por que meus pais migraram, saíram de Santa Catarina que é uma outra mentalidade, um outro jeito de viver, uma outra história, para ir morar com pessoas totalmente diferentes e a gente tem a sensação de ter que conquistar tudo, a sensação de ir conhecendo as pessoas, de ir ganhando a confiança e preservar aquilo que se tem de bom. [Anastácio, 36 anos, nascido em Braço do Norte, morador de Caxias do Sul.]

É possível pensar nas diferenças culturais quando Santos (2006) aborda as condições para uma reconstrução intercultural dos direitos humanos, na perspectiva da “completude cultural” que é a condição predominante no tempo que antecipa o começo do diálogo intercultural. “O verdadeiro ponto de partida do diálogo é o momento de frustração ou de descontentamento com a cultura a que pertencemos, um sentimento, por vezes difuso, de que a nossa cultura não fornece respostas satisfatórias para todas as nossas questões, perplexidades ou aspirações” (SANTOS, 2006, p. 459).

Nessa perspectiva, a migrante Ester faz uma crítica à cidade de Caxias do Sul, dizendo: “*Não sei como aqui é a capital da cultura. Cultura para mim é ter amor ao que está acontecendo. Aqui o pessoal é muito materialista. O Caxiense se importa mais com o que ele veste e com o que ele tem: terra, carro, casa.*” O depoimento permite perceber a capacidade de posicionar-se e de manifestar seu ponto de vista, seus valores, a cultura que traz consigo como riqueza da trajetória de migração e que faz com que expresse que “tudo isso” de material que os autóctones valorizam, para ela, “é desinteressante”, porque diz ela: “*O que interessa é eu estar junto acompanhando toda a história do meio ambiente, da mudança com o planeta.*”

Com base nessas considerações, podemos afirmar que a migração pode estar inscrita nesse âmbito do compromisso com o cuidado do planeta terra, do meio ambiente, do universo e dos direitos humanos. Percebemos isso nas narrativas dos entrevistados quando discursam sobre o projeto pessoal de migração e de vida e dos sonhos que os movem na busca por dignidade.

4.4.1 Matriz cultural européia, Festa da Uva e a construção de Caxias do Sul como cidade do trabalho

A partir do desfile de abertura da 28ª Festa da Uva de Caxias do Sul, no dia 18 de fevereiro de 2010, que foi observado pela pesquisadora, como referimos no itinerário metodológico, podemos afirmar que a Festa da Uva pode ser entendida como uma tentativa de integração dos novos migrantes que contribuem na construção de Caxias do Sul como cidade próspera. É possível dizer isso, amparados na discussão dos migrantes sobre a Festa da Uva, quando, ainda do lugar de origem, a assistiam pela televisão. No relato de Moisés, percebemos um olhar crítico sobre esse evento.

Fazem essas festas em Caixas do Sul e adjacências para valorizar as coisas, mas a intenção no fundo é para comercializar. É o poder, a ganância pelo dinheiro. A Festa da Uva é assim, mas tem uma ganância pra ganhar na portaria, pra ganhar não sei aonde. Então é muito complicado, teria que ser mais aberto, mais povo, parece que fizeram a Festa da Uva muito elitizada, pros poderosos. Acho que a Festa da Uva é de todos. Tem a mão do negro, do alemão, do italiano, tem de todo mundo na plantação dos parreirais. Teria que ser mais aberta e não visando só o dinheiro, o poder aquisitivo. [Moisés, 53 anos, nascido em Bagé, RS, morador de Caxias do Sul]

Serão apresentadas na sequência, duas fotografias do desfile de abertura da 28ª Festa da Uva de Caxias do Sul:



Figura 1 - ⁴⁷ Trabalhadores do pólo metal-mecânico e têxtil
Fonte: Elaborada pela pesquisadora



Figura 2 - “Caxias do sul é acolhedora e próspera, recebe a cada dia novos imigrantes e sempre oferece o seu melhor [...]”⁴⁸,
Fonte: Elaborada pela pesquisadora

⁴⁷ Caxias do Sul vigora internacionalmente como pólo metal-mecânico e têxtil. Nosso povo une-se em diversas indústrias e leva seus produtos para o mundo, trazendo também novas tecnologias. Os grandes negócios passam por aqui e encontram homens e mulheres batalhadores, que erguem dia a dia uma cidade vencedora (extraído do material de divulgação entregue em mãos aos que estavam assistindo ao desfile de abertura da Festa da Uva, o Corso Alegórico da 28ª Festa da Uva – de 18 de fevereiro a 7 de março de 2010, em Caxias do Sul, RS). O texto do panfleto também é narrado pelo locutor durante os desfiles. Nesses desfiles, há muitas caravanas de turistas de outros Estados do Brasil).

⁴⁸ Uma terra, uma cidade, um povo. Caxias do sul é acolhedora e próspera, recebe a cada dia novos imigrantes e sempre oferece o seu melhor; amparo, força, pioneirismo, futuro. Abrem-se as portas, partilha-se o pão como alimento para o corpo e alma. Dá-se sustento, pousada e esperança. (material de divulgação com roteiro do Corso Alegórico da 28ª Festa da Uva – de 18 de fevereiro a 7 de março de 2010, em Caxias do Sul, RS). Os figurantes com vestimentas brancas traziam nas cestas pães que eram entregues aos que estavam assistindo ao desfile manifestando, assim, o aspecto da acolhida aos novos migrantes e, ao mesmo tempo, divulgando a imagem de uma cidade próspera.

Notamos que as últimas edições da Festa da Uva têm apresentado, em seus desfiles alegóricos, não apenas a saga dos imigrantes italianos, mas também de outros povos migrantes que construíram Caxias do Sul, tornando a Festa da Uva mais democrática e reconhecendo a importância de todas as pessoas que constroem essa cidade.

Sob o ponto de vista dos migrantes entrevistados, vemos a importância de situar a Festa da Uva na afirmação de um imaginário do trabalho e do lazer.

Gosto de ver as coisas diferentes, aquela tradição dos italianos. Onde eu me criei não tinha nada. Tu saia só tinha a capela, a gente ia na missa, nas festas com o pai que levava a gente pra almoçar. Aqui tem bastante riqueza, bastante coisa boa. Aqui a Festa da Uva traz bastante turista, bastante gente de fora, gente que não conhecia e vem conhecer. Eu percebo que aqui tem muita riqueza. Tem muita empresa aqui. [Eva, 42 anos, nascida em Ibiraiáras, RS, moradora de Caxias do Sul]

No relato do migrante Anastácio, destacamos sua percepção sobre o valor preponderante atribuído ao trabalho pelas comunidades de origem italiana em Caxias do Sul: “A cultura italiana também começou a me chamar atenção pelo fato de centrar o olhar sobre o trabalho, porque, para o italiano, o trabalho é o carro-chefe. E também a questão do progresso, de estar bem sucedido, de ser pessoa que tenha referência na sociedade, de ser bem visto pelas pessoas, a família.”

Observamos que o evento Festa da Uva constrói a cidade de Caxias do Sul como o “paraíso do emprego”, a “Pérola do Desenvolvimento”. Essa construção midiática atrai muitas pessoas que buscam trabalho, melhores oportunidades de emprego e melhor qualidade de vida. O relato do entrevistado Anastácio colabora para a construção da imagem que o migrante tem da cidade.

Me chamou atenção quando cheguei aqui a questão da Festa da Uva e o desfile dos carros alegóricos. Uma coisa fantástica e o contraste entre uma cidade extremamente moderna, com prédios grande, com status de primeiro mundo e a nona fazendo a polenta e o pessoal amassando a uva e aí olhando para aquelas pessoas, quem assiste esse desfile de carros alegóricos vê o pessoal nas ruas lotadas orgulhosos, porque os donos dos prédios de Caxias do Sul são os mesmos que amassam uva, são os mesmos que fazem o pão, então aqueles mesmos que estão lá na roça trabalhando, colhendo a maçã, o pêssego, a uva, eles também são donos de imponentes mercados e lojas do centro da cidade. Então eles têm orgulho de ter passado pela experiência de agricultores, de colonos e não conseguem separar uma coisa da outra, tem uma raiz nesse sentido. Enquanto migrante isso me marcou em Caxias do Sul. [Anastácio, 36 anos, nascido em Braço do Norte, morador de Caxias do Sul.]

A dimensão da subjetividade humana que move o sujeito para que tenha condições de, num país capitalista, exercer a própria cidadania a partir do consumo, trazemos o relato de Vitória, que do seu lugar de origem, sonhava em conhecer os pavilhões da Festa Nacional da Uva em Caxias do Sul. Há cerca de dois anos da cidade, ainda não foi possível realizar seu sonho de participar do evento.

Eu achava algo tão lindo ver a Festa da Uva [a migrante conta que sabia da Festa da Uva pelos noticiários que assistia na televisão, no lugar de origem], parecia um conto de fadas. Ainda não tive a chance de assistir, porque não sei onde fica e não tenho quem me leve. Eu olhava e achava muito lindo, pra mim aquilo era um sonho que hoje se torna realidade. [Vitória, 24 anos, nascida em Rivera, Uruguai, moradora de Caxias do Sul]

4.5 USO DE MÍDIAS PELOS MIGRANTES

Percebemos, nos relatos, que, durante o processo de migração, acontece a ampliação e a diversificação no mapa de consumo e uso de mídias, começando pelo consumo do rádio, às vezes limitado por questões econômicas, ampliando para o consumo de TV e hoje com o acesso a várias mídias, dentre elas a internet, jornais, TV, conforme descrevem os migrantes Anastácio e Débora, no decorrer das entrevistas.

A partir da análise das entrevistas, observamos que não há o destaque de uma única mídia pelos migrantes, mas uma diversidade de usos e consumos em seus cotidianos, porém vemos que a televisão é um dos meios mais consumidos. Além da telenovela, são mencionados outros gêneros de programas, nas narrativas, e observamos dois temas: a mídia antes da migração e o consumo plural de mídias na migração. Na narrativa de Anastácio, consideramos importante o uso de uma diversidade de mídias na formação e atuação profissional e, numa escala crescente, notamos as transformações nos padrões de consumo com a migração para o mundo urbano.

Neste trabalho, nos centramos na perspectiva da recepção midiática com um universo de pessoas migrantes em Caxias do Sul, sendo este o principal indicador de nosso objeto de estudo. A partir do material obtido mediante as entrevistas abertas em profundidade, buscaremos interpretar, à luz dos pressupostos teóricos, o significado e a importância dos usos

das mídias pelos migrantes no processo de empreendimento de um projeto migratório, motivado pelo trabalho e verificar quais os usos cotidianos das mídias para inserir-se ou permanecer no mercado de trabalho urbano.

4.5.1 Mapa de usos de mídias pelos migrantes

Neste ponto, explicaremos quais mídias os migrantes usam e faremos um quadro situando cada entrevistado. A seguir, em síntese, apresentaremos as mídias que os 10 migrantes usam em seus cotidianos e também as que usavam no lugar de nascimento e em outras migrações.

Uso de mídias pelos migrantes							
Nome	Rádio	TV	Jornal	Internet	E-mail	Celular	Carta
Moisés	X	X	X	X		X	
Eva	X	X	X			X	X
Débora	X	X	X	X	X	X	
Anastácio	X	X	X	X	X	X	X
Vitória	X	X				X	
Marta	X	X	X			X	
Leonardo	X	X				X	X
Maria	X	X				X	
Ester		X	X			X	
Miguel	X	X		X		X	X

Quadro 8 - Usos de mídias pelos migrantes
Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Em relação ao quadro sobre os usos de mídias pelos migrantes, vemos que a TV, o rádio e o celular aparecem como os meios mais usados. Com a migração, os usos cotidianos de mídias são ampliados, e os migrantes passam a ter acesso a uma multiplicidade de mídias. Isso contribui de forma significativa na qualificação do trabalho, no agendamento de compromissos, na comunicação com familiares do lugar de origem e com pessoas amigas e na organização pessoal. Para alguns migrantes, parece simplesmente impossível trabalhar sem Internet, e-mail em seus cotidianos de trabalhadores. Há migrantes que não têm acesso à Internet e fazem uso do rádio, canais de TV por assinatura e jornal.

4.5.2 Usos de mídias antes da migração: a presença privilegiada do rádio e da televisão

Na narrativa de Anastácio, aparece a descrição do fato de não ter luz elétrica em casa, não ter rádio e TV nos primeiros dez anos de idade. Vemos, no depoimento de Anastácio, como eram os usos e apropriações da mídia na infância:

Com dez anos nós começamos a ter televisão, só que a nossa televisão era aquela de camelô, pequeninha, a gente subia em cima da casa pra virar a antena de um lado pro outro, para colocar bombril. Essa história toda pra pegar melhor e só pegava um canal com chuvisco. Isso lá em Braço do Norte. Na minha adolescência, os filmes que eu mais gostava era os de faixa preta, do Shaolin, do Bruce Lee, outros que tinham carros modernos o duro na queda, por causa da aventura. O Magaiver por causa da inteligência. Eu gostava da esperteza, dos truques que ele fazia e eu assistia sempre que podia. Os desenhos animados do Thundercats assistíamos sempre. Era quase carta marcada. [Anastácio, 36 anos, nascido em Braço do Norte, morador de Caxias do Sul.]

Retornando à reconstrução da memória de Anastácio sobre programas infantis de televisão e seu papel pedagógico na infância, vemos que há um reconhecimento dos meios de comunicação como importantes para transmitir bons valores como: inteligência e coragem; solidariedade e compromisso em fazer o bem; força e liderança. Em sua fala, Anastácio delinea um processo de afinidade e identificação com personagens dos filmes infantis e de aventura que assistia na televisão e dos heróis que, segundo ele, ajudaram na formação de sua personalidade de líder:

Pode-se dizer que um dos meus maiores heróis foi o super-men. Na minha infância quem eram os meus heróis? Eram inteligentes, rápidos, indestrutíveis: super-men, spectreman, ultraman. Todos homens. Na verdade, os heróis da televisão eram os heróis que a gente acabava se identificando. Como nós éramos num grupo grande de irmãos havia uma preocupação de dar um herói para cada um. Cada um tinha um herói. E eu por ser o mais velho, por ser o mais forte, eu me achava no direito de escolher o mais forte: o super-men. Essas são brincadeiras de infância. Então, os meios de comunicação me influenciaram mais no sentido lúdico, no sentido de formação de personalidade e no sentido de alguns valores que a gente achava que os meios de comunicação tinham que passavam pra nós, então nós também procurávamos nos identificar com algum personagem dos meios de comunicação. [Anastácio, 36 anos, nascido em Braço do Norte, morador de Caxias do Sul.]

No relato de Anastácio, percebemos que há uma identificação e uma apropriação dos heróis – *super-men, spectreman, ultraman* – que atuam como mediadores no sentido lúdico e de formação da personalidade. Martín-Barbero (1997), como já foi citado no referencial teórico, emprega o conceito de mediação que é desenvolvido e aplicado aos estudos de recepção junto ao conceito de meios de comunicação. O uso do termo mediação refere-se às construções culturais e simbólicas e às ressignificações de um sujeito mergulhado em um contexto globalizado multiculturalmente e, também, de intertextualidade. O autor parte da hipótese de que o sujeito que usa os meios de comunicação participa de uma comunidade, de um universo particular e toma decisões em sintonia com o contexto no qual está imerso, negociando de forma simbólica com os meios de comunicação.

Nas considerações de Martín-Barbero (1997), a televisão, por exemplo, é apresentada como o meio que padroniza em um mesmo país uma forma de falar que visa à erradicação das diferentes entonações regionais “e com sua obsessão pelo que é atual, ou melhor, pela atualidade, a televisão suplantará as temporalidades e os ritmos num discurso que procura tornar tudo contemporâneo” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 268). Sobre os usos da televisão antes da migração, Anastácio conta que

assistíamos também o Jornal Nacional, inclusive, começamos a dar muita confiabilidade porque assistíamos algumas vezes e por causa da cientificidade de alguns comentaristas principalmente na previsão do tempo. Não era mais tanto a lua ou o rabo de galo no céu que dizia se ia chover ou se não ia chover, mas se o Cid Moreira falou ou não falou. Já era o Jornal Nacional que ditava que dia se podia plantar o feijão, o milho e se nós deveríamos colher o fumo no dia seguinte, se ia chover ou não, bastava ter assistido o que falou o Jornal Nacional. Era a máxima autoridade que tinha de então. Era o Jornal, o resto era mais ou menos cópia, na nossa cabeça. [Anastácio, 36 anos, nascido em Braço do Norte, morador de Caxias do Sul.]

Na narrativa de Anastácio, observamos elementos interessantes, igualmente, sobre os usos, sentidos e apropriações do meio rádio, quando expressa que “o horóscopo era uma espécie de religião na rádio Verde Vale e na hora do horóscopo todos parávamos para escutar e vibrávamos quando ele era positivo.” Essas marcas da memória foram resgatadas porque as consideramos importantes no processo de compreensão dos usos e significados desse meio para os sujeitos migrantes. Na sequência, expomos o depoimento de Vitória que apresenta traços da memória vinculados ao rádio:

Lá nós escutávamos a Rádio Internacional, ela tem os informativos da região e as nacionais também e as da capital de Montevideú. De manhã cedo tem a rádio Monte Carlo, que se engancha na internacional e a gente fica ouvindo a que é de Montevideú, as notícias que acontecem e as internacionais também. Tudo com a Rádio Monte Carlo, seis horas da manhã a gente tem essas informações. Eu adorava escutar de manhã cedo as informações. Às 8 horas, a rádio internacional fechava o contato com a capital e dava as notícias da região, ali de Rivera. Eu sempre gostei muito de rádio. Nós escutávamos rádio, programa espiritual, rádio católica, rádio que dava receitas culinárias, rádios evangélicas que dava músicas lindas. Era uma diversão, um meio de se informar o que estava acontecendo no mundo, com as pessoas. [Vitória, 25 anos, nascida em Rivera, Uruguai moradora de Caxias do Sul.]

Sobre a memória dos usos de mídias no lugar de origem, o migrante Leonardo recorda do processo de evolução do meio rádio.

Eu me lembro de rádio quando voltei pra casa com 14 anos e o pai ligava o rádio na Tupi de São Paulo a gente puxava uns 20, 30 metros de arame pra fazer antena. Aí pegava a Tupi de São Paulo e a Record que se ouvia o Zé Betio, Tônico e Tinoco, Zico e Zeca... era uma maneira da gente se divertir. No começo o rádio era a pilha, depois mais tarde veio à bateria, a marca era Pioner. A pilha quando estava bem fraquinha a gente colocava no forminho do fogão e ela aquecia e dava uma recarregada e dava pra mais uns dois dias. [Leonardo, 56 anos, nascido em Getúlio Vargas, morador de Caxias do Sul.]

A partir dos pressupostos de Martín-Barbero (1997), entendemos que o rádio, embora tenha nacionalizado o idioma, conserva certos sotaques, ritmos e matizes. Percebemos o papel relevante do rádio no cotidiano da maioria dos migrantes da amostra.

4.5.3 Uso de mídias na migração para o trabalho

Na narrativa de Marta, vemos que os usos da mídia, no lugar de origem, contribuíram para empreender o projeto migratório para Caxias do Sul. “Lá eu olhava a televisão e via a indústria aqui, né. Eu assistia sobre Caxias e queria vir pra trabalhar. Às vezes falavam da Marcopolo, falavam assim até mesmo desses negócios de fabricação de plásticos, que tinha bastante fábrica e que seria mais fácil.” [Marta, 32 anos, nascido em Itaqui, RS, moradora de Caxias do Sul].

Sobre os usos dos meios de comunicação no cotidiano de trabalhador, na narrativa de Anastácio, vemos como a trajetória de migração possibilitou o acesso a uma diversidade de mídias e que os meios são usados na formação e atuação profissional.

Identificamos, a partir dos relatos colhidos, que uma das fontes de informação mais utilizada como possibilidade de inserção no mercado de trabalho é o jornal impresso, o qual assume utilidade, dentre outros, também para a manutenção do emprego e a melhoria das condições de vida. No discurso de Anastácio, notamos que o trabalho, muitas vezes, chegava até seu pai através do jornal.

O tio Pedro dizia pro pai: “Compadre, tu tens que ficar atento no ZH”. As notícias de trabalho chegavam até meu pai por mediação. O tio Pedro lia os classificados. Na casa dele tinha pilhas de jornais. E dos classificados ele informava o pai, dizia: “em tal lugar precisa de pedreiro e carpinteiro”. [Anastácio, 36 anos, nascido em Braço do Norte, morador de Caxias do Sul.]

Nessa mesma perspectiva, no depoimento de Marta se percebe que as mídias são usadas para ingressar no mercado de trabalho e por isso ela compra o jornal Pioneiro quando o marido recebe o salário⁴⁹, para ver os classificados. Em sua narrativa, Marta explica a importância dos usos das mídias jornal e celular.

Eu vejo os classificados e aqueles que têm o telefone da Vivo eu ligo, porque a gente tem bônus, que a gente ganha, mas se é 91 ou 84, já não posso. Eu compro o jornal pra ver os empregos, pra olhar os classificados, pra ver se tem uma oportunidade. Eu telefonei pra um rapaz de Flores da Cunha que trabalha com material de limpeza que não veio ainda na cidade e quando vier vai me ligar pra fazer uma reunião no centro. Liguei pra outro anúncio e eu achei estranho, porque primeiro ele pediu meus dados. Eu disse que daria os meus dados, mas queria saber sobre o que era o emprego e ele não justificou e aí eu agradeci. Eu registrei os números de telefone do jornal no meu celular e de vez enquanto eu ligo pra ver se consigo trabalho. [Marta, 32 anos, nascida em Itaquí, moradora de Caxias do Sul.]

Sobre os usos cotidianos do meio jornal, podemos dizer, a partir do depoimento de Vitória, que esses usos são importantes na busca de “oportunidade de emprego”, de “casas para alugar”, visto que, atualmente, ela reside com o marido e um filho de menos de dois anos de idade em um porão insalubre, pagando aluguel. Em função dessa situação de vida, atualmente seu interesse se volta para “os classificados” do jornal Pioneiro com a esperança

⁴⁹ Marta disse que compra o jornal Pioneiro durante a semana “que é R\$ 1,50”, mais barato que nos fins de semana, com a intenção de conseguir um emprego através dos classificados.

de encontrar um trabalho. Vemos também que, além dos usos de mídias para inserção no mercado de trabalho e no lugar de destino, são importantes as redes sociocomunicacionais formadas por amigos, vizinhos. Então, nesse sentido, podemos dizer que ambas as mídias são importantes.

Marta, Maria, Leonardo, Vitória, Ester, Anastácio, Eva e Débora narram sobre as redes na trajetória de migração dos pais, no apoio que se constituem no início da migração no lugar de destino, auxiliando na questão da moradia e na inserção no mercado de trabalho formal urbano. As falas dos entrevistados nos permitem perceber que as redes de familiares, parentes, amigos e conhecidos são usadas em larga escala, pois se constituem em um suporte seguro nessa trajetória, principalmente no momento da chegada na sociedade de acolhida, enquanto as mídias, para alguns entrevistados, são usadas posteriormente, para conseguir trabalho. Destacamos aqui a migrante Marta, atualmente desempregada, que compra o Jornal Pioneiro para ler os classificados com o propósito de conseguir um emprego. Ela registra em seu celular os números de telefone da operadora vivo, pois tem promoção para falar com esses números. Tanto Marta quanto Maria usam, em seus cotidianos de migrantes desempregadas, a rádio Viva como possibilidade de ingressarem no mercado de trabalho formal urbano.

Nas narrativas de Ester e de Miguel notamos a importância dos meios de comunicação no cotidiano de migrantes e dos usos desses recursos para manter o vínculo com os familiares do lugar de origem.

Como ato cultural, a recepção desempenha papel imprescindível na construção da realidade social. Através dos estudos de recepção, podemos entender os reais processos que decorrem do encontro dos discursos dos meios de comunicação, sejam eles apropriados de forma transitória ou incorporados de forma permanente na cultura pelos sujeitos-receptores, a partir da imersão em suas práticas culturais. Percebemos a autoridade da televisão com programas como o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, e também os usos, consumos e apropriações das mídias pelos migrantes entrevistados. Vemos isso nos depoimentos de Moisés, Miguel e Vitória, na sequência.

Eu ouvia falar nos noticiários na TV que Caxias é uma cidade industrial, próspera, mas eu até hoje não sei por que estou em Caxias. Só o tempo, só as coisas que eu vou conseguir, cada etapa que eu vou vencendo na minha vida, eu acho que isso é a resposta. E a gente não encontra resposta pra tudo. [Moisés, 53 anos, nascido em Bagé, RS, morador de Caxias do Sul]

Eu assistia o jornal, e como Portugal é um país pequeno, passa bastante notícia internacional, do mundo inteiro, passava bastante reportagem sobre o Brasil. Eu

assistia bastante jornal e como eu trabalhava bastante durante o dia e à noite eu não tinha lazer, o meu tempo de folga era só assistir televisão. Então assistia jornal e tudo o que passava de notícia do Brasil. [Miguel, 26 anos, nascido em Braço do Norte, migrou para Portugal.]

Eu sempre assisti as informações do Jornal Nacional, as notícias, eu sempre ficava sabendo dos eventos de Caxias do Sul, da Festa da Uva, que é muito comentada, sempre ligava a TV ao meio-dia e a noite assistia o jornal. Eu escutava o rádio, mas o que eu mais assistia eram as informações na TV. [Vitória, 24 anos, nascida em Rivera, Uruguai, moradora de Caxias do Sul]

Nos relatos de Moisés e de Vitória, entendemos os usos dos meios de comunicação na migração para o trabalho, ou seja, os noticiários que assistiam, em seus locais de origem, contribuíram na decisão de migrar para a cidade de Caxias. Na linha dessa discussão, trazemos, igualmente, a fala de Miguel que, distante de seu país de nascimento, fazia uso da televisão para permanecer mais próximo da sua família e, para informar-se sobre acontecimentos no Brasil.

4.5.4 Consumo plural de mídias na migração

Na trajetória de migração de Miguel, uma das mídias usadas para se manter vinculado afetivamente com a família que havia ficado no estado de Santa Catarina, no Brasil, era a carta. Através da escrita, Miguel se comunicava principalmente com a mãe revelando aspectos da difícil experiência de ser migrante em um país estrangeiro, da necessidade e dificuldade de fazer novas amizades, do preconceito por ser migrante. Vemos isso na Figura 3 e Figura 4, a seguir, que fotografamos na ocasião da entrevista com Miguel, em sua casa.

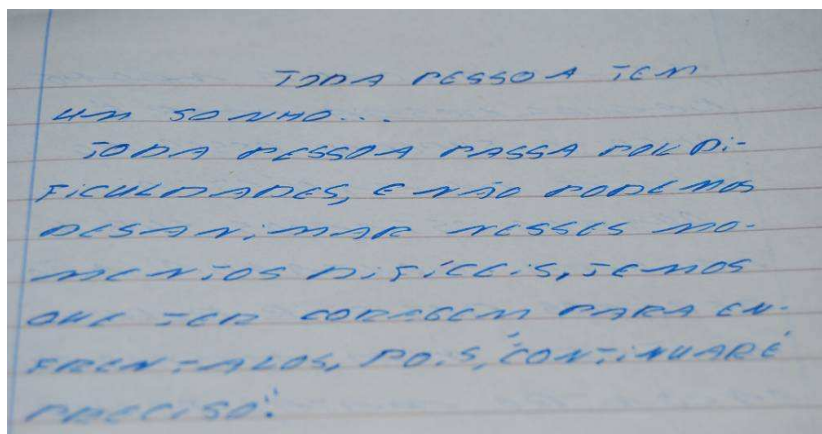


Figura 3 - Carta de Miguel à família 1
Fonte: Entrevistado Miguel

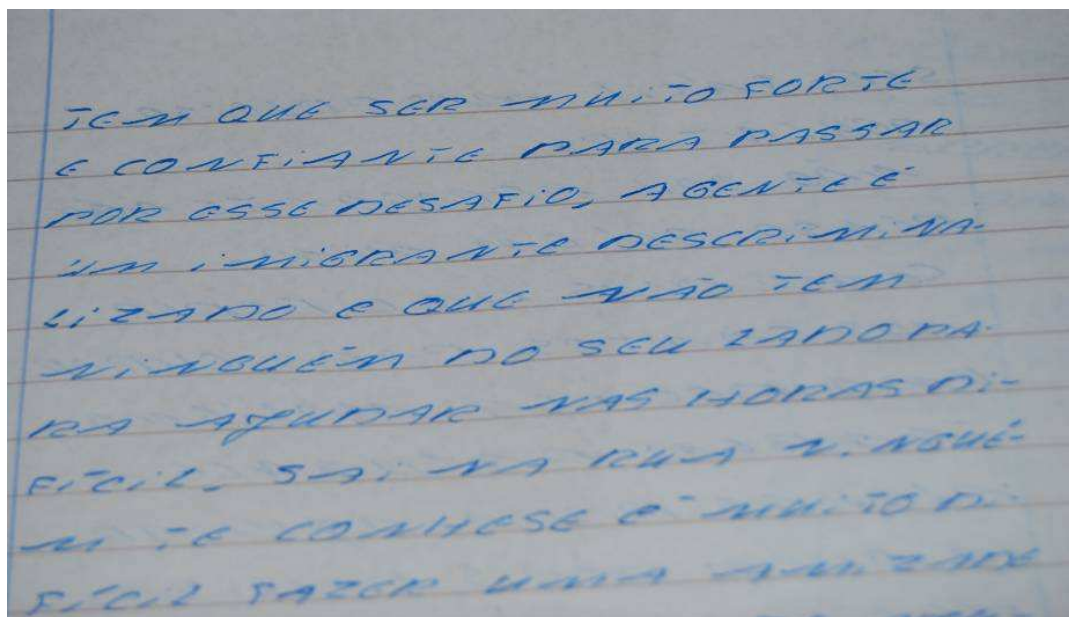


Figura 4 - Carta de Miguel à família 2
Fonte: Entrevistado Miguel

Na entrevista com Leonardo, vemos que a comunicação através de cartas foi o que abriu a possibilidade de migrar para Caxias do Sul, na década de 70. O que mais motivou Leonardo a deixar seu lugar de origem foi o fato de saber que Caxias era um lugar promissor, onde havia oferta de trabalho nas metalúrgicas, e os trabalhadores eram bem remunerados. Podemos dizer que são redes de familiares com a mediação da carta, como mostra no exemplo a seguir:

Recebi uma carta do irmão da mãe mais novo, o tio Valdir, que casou e foi morar em Cascavel, no Paraná, e lá trabalhava na roça. E migrou pra Caxias e começou a trabalhar na Agrale e ele escreveu uma carta, dizendo que ganhava muito bem. O meio de comunicação era a carta. Ele escreveu uma carta pra minha mãe com o endereço da cooperativa aí eu levei pra minha mãe. Eu li a carta e a mãe chorava. Eu pensei: a mãe vai chorar muito mais porque eu vou pra Caxias. [Leonardo, 56 anos, nascido em Getúlio Vargas, RS, morador de Caxias do Sul]

Na perspectiva de Martín-Barbero (1997, p. 267), o rádio é um meio que permite vincular o que vem das culturas rurais “com o mundo da sensibilidade urbana. Conservando suas falas, suas canções e não poucos traços de seu humor, o rádio mediará entre tradição e modernidade.” Consumir rádio, para Eva, parece ser sinônimo de tradição e de retorno às origens rurais, ou seja, aos tempos em que vivia com a numerosa família no interior de Ibiraiáras, RS. Ela também fala que o rádio proporciona momentos de prazer e alegria. Depois

que migrou para Caxias do Sul, Eva tornou-se ouvinte assídua da rádio Viva e lamenta por não poder escutar essa rádio no local de trabalho, onde permanece a maior parte do dia.

Sempre escuto a rádio Viva pra ouvir música, notícias. Eu gosto muito de música gauchesca, porque eu vim de uma família gaúcha, uma família da roça. Eu gosto desse tipo de música. Meu coração bate muito feliz quando escuto esse tipo de música. Adoro limpar a casa escutando música. Se no trabalho tivesse um radinho seria uma maravilha, eu ia escutar direto a rádio Viva. Escuto mais no final de semana. Até no ônibus o pessoal escuta a rádio Viva. Gosto do Paim de manhã e o Paulinho das Quebradas. É faceiro, alegre. Eu gosto de escutar ele.

Da mesma forma que Eva, porém com mais chances que ela, o uso da rádio Viva é possível no trabalho diário que Leonardo faz de transportar “as crianças para o colégio”. Leonardo, que estudou apenas até a 5ª série do Ensino Fundamental, hoje é empresário do ramo de transportes escolares, mas, na parte da manhã, faz questão de dirigir um de seus ônibus. Enquanto faz o roteiro com o transporte escolar, já se tornou hábito a escuta da rádio Viva e, para ele, isso é importante, porque, dessa forma, diz: “Não preciso ler o jornal diário, o *Pioneiro*.” Através do uso do rádio, ele toma conhecimento das notícias do jornal e também sobre as condições do trânsito. O meio rádio é muito importante no trabalho que Leonardo realiza em seu cotidiano.

De manhã, quando transporto as crianças para o colégio, eu ligo na rádio Viva, porque daí eu não preciso ler o Jornal Pioneiro, enquanto faço o roteiro. A rádio Viva fala tudo. É o Paim de manhã. Por exemplo, se dá um acidente na BR 116, você liga pra ele e conta e dá as informações. Eu tenho o telefone dele, mas nunca liguei porque estou puxando crianças. Aí se alguém liga e conta do acidente, ele já diz pra ter cuidado na BR 116 por que no trecho tal tem um acidente. Ele diz: tome cuidado, se der pra desviar, desvie. É de Bento, Veranópolis, até Garibaldi, Antônio Prado, Caxias... ele está por dentro de tudo. Na rádio Viva toca mais música gaúcha e sertaneja e notícia. [Leonardo, 56 anos, nascido em Getúlio Vargas, morador de Caxias do Sul.]

A questão da opção pela perspectiva comunicacional e a mídia estão ancoradas nos estudos de Martín-Barbero (1991), em “*Dinâmicas urbanas de la Cultura*”, onde ressalta o papel relevante dos meios de comunicação nos processos de mudança cultural que são impostos pelo sistema da globalização. Por ocuparem um lugar estratégico, os meios de comunicação, vistos sob o ângulo dos estudos de recepção disseminam, organizam e negociam valores, sentidos e identidades. Em meio a processos socioculturais de migração intensa, vemos que na migração para o trabalho, o migrante também usa a Internet para ter

acesso a informações contemporâneas. Na fala de Débora, observamos que a mídia se faz presente em seu trabalho, atuando na produção de sentido com processos comunicacionais.

Ultimamente as notícias que busco, tem sido através da Internet e revistas, em função de eu estar na parte de elaboração, avaliação e monitoramento de projetos, planos e relatórios, eu preciso de elementos teóricos pra dar conta e não ficar só na prática. Livros que eu gostava muito de ler, não tenho lido muito. Minha vida tem sido em função do trabalho especificamente. Se eu pego um jornal às vezes eu dou uma rápida parada para descansar a mente, mas logo foco no trabalho. Não consigo fugir disso. Na área social, entra cultura e meio ambiente que se cruzam muito, criança e adolescente, que é onde estou focada. [Débora, 38 anos, nascida em Novo Hamburgo, moradora de Caxias do Sul.]

Podemos dizer que a experiência da migração é ampliadora desse acesso. Os meios de comunicação ocupam um lugar privilegiado no cotidiano de Anastácio e contribuem no trabalho de assessoria a grupos de líderes, casais, jovens, movimentos eclesiais e comunidades em geral. Essa ampliação e a diversificação no mapa de consumo e usos de mídias também se fazem presentes no trabalho de escritor e na área de Teologia, na qual é mestre, como forma de atualização e aprofundamento.

Hoje a minha preocupação com a comunicação é manter-me informado. Eu leio o jornal Pioneiro, mais as manchetes, algumas vezes o editorial. No Correio Riograndense eu leio os artigos na área da teologia e alguma matéria de capa. Escuto a rádio CBN na Internet, principalmente reportagens, na área da filosofia, psicologia, por exemplo. BBC de Londres, CNN, Observatório da Imprensa, mas atualmente por causa da minha linha da Teologia, eu gosto de ficar informado sobre a Igreja. Então diariamente entro no site da CNBB, da família congregacional, que é da congregação, o site da rede dos colégios da Congregação e essa coisa toda, em virtude da preocupação que eu tenho de manter-me informado dos acontecimentos internos na congregação. Eu acesso isso aí. E outros sites: o Adital, para ler os artigos dos teólogos. O Amai-vos é um site muito interessante indicado pela Maria Clara Bingerman que tem artigos excelentes. Também o site do vaticano quando quero ler um documento e que não tenho em mãos. [Anastácio, 36 anos, nascido em Braço do Norte, morador de Caxias do Sul.]

Ainda sobre os usos cotidianos da Internet no trabalho, destacamos da narrativa de Anastácio elementos importantes para pensar nas relações que os migrantes estabelecem com essas novas tecnologias e, ao mesmo tempo, como se envolvem na construção de suas vivências, a partir dos usos das mídias.

Atualmente, a Internet é um meio que se torna essencial. Eu não saberia como manter a minha realidade de assessor e de correspondências. Como já trabalhei como assessor nacional num projeto com 17 obras/comunidades do Brasil, eu mantinha contato com lideranças, grupos de jovens e eu fazia os agendamentos pela internet, via e-mail. Eu escrevia os textos, por exemplo, e enviava pra eles. Eles trabalhavam com esses textos e me enviavam de volta. Quando eu era convidado para dar palestras e organizar retiros, manter contato com as lideranças e correspondências era sempre através da Internet. [Anastácio, 36 anos, nascido em Braço do Norte, morador de Caxias do Sul.]

Para a pesquisadora das mídias e das migrações contemporâneas, Denise Cogo (2007, p. 68), “a condição de migrante altera e/ou reconfigura rotinas e temporalidades que constituem padrões de acesso, apropriação e usos de meios de comunicação, para os quais concorrem as especificidades dos lugares e espaços de moradia [...]”. Essa declaração da pesquisadora sobre os usos e apropriações da mídia pelos migrantes na perspectiva da migração transnacional também faz pensar nesses processos em relação à migração interna e sugere ampliar a discussão sobre as afinidades que os migrantes instituem com as mídias e concomitantemente como se empenham na construção de experiências de uso dessas mídias. A migrante Débora, nesse sentido, apresenta uma discussão importante sobre os usos de mídias em seu cotidiano como trabalhadora da área de assistência social.

Hoje o crack está em voga na mídia, mas é uma realidade muito batida no nosso segmento de atuação, está bem batido. Agora que a mídia acordou porque tem indicadores muito críticos. Na nossa realidade do dia-a-dia a gente já vem atuando muito. O crack se alastrou muito sim, mas em relação à dependência química é geral o uso inadequado de medicação, tudo o que é droga, tem feito parte do meu dia-a-dia como profissional de assistência social. [Débora, 38 anos, Novo Hamburgo, RS, moradora de Caxias do Sul]

Aqui é possível afirmar que o termo recepção nomeia as relações que os sujeitos mantêm com os meios de comunicação. Podemos dizer também que os campos de estudo comunicação e recepção estabelecem uma relação de dois fenômenos diferentes que compõem um mesmo processo, visto que a recepção é parte essencial da comunicação.

Uma das questões importantes que percebemos no empenho de articular o teórico com o empírico é a sintonia existente entre essas duas partes. Isso pode ser melhor entendido na teoria de Martín-Barbero (1997, p. 301) ao ressaltar que “enquanto uma classe normalmente só pede informação à televisão, porque vai buscar em outra parte o entretenimento e a cultura – no esporte, no teatro, no livro e no concerto – outras classes pedem tudo isso só à televisão.” E, na narrativa de Anastácio, essa realidade é observada: “*Como nós trabalhávamos na roça e*

tínhamos que ficar em casa aos domingos pra cuidar da estufa por causa do fogo que não podia apagar. A gente não tinha outra opção a não ser assistir o filme que passava na televisão.”

Ao perguntar para a migrante Eva sobre os usos que faz dos meios de comunicação como a televisão, ela diz que costuma comentar com os familiares, vizinhos e amigos sobre as telenovelas e sobre os noticiários a que assiste. Em seu depoimento, percebemos a presença de um sentimento de medo quando revela que fica “apavorada que essas coisas cheguem aqui”, referindo-se à crise econômica global.

4.5.5 Usos da mídia na busca de trabalho no lugar de migração

Neste ponto, analisaremos a forma como os migrantes usam as mídias quando estão desempregados e se é usada como possibilidade de busca de emprego. Nas narrativas, percebemos que nem todos têm a mídia como um meio importante para conseguir trabalho, mas identificamos que duas migrantes, Maria e Marta, também usam a rádio Viva como possibilidade para inserção no mercado de trabalho com a perspectiva de viver de forma mais digna ao lado da família.

Um dado empírico importante que obtivemos, a partir da pesquisa com uma amostra de recepção, é que a rádio Viva, situada na cidade de Farroupilha, RS, é mencionada como o produto midiático mais consumido pelos sujeitos migrantes entrevistados. Embora haja emissoras de rádio em Caixas do Sul, de perfil popular e com programação semelhante, os entrevistados são ouvintes da rádio Viva de Farroupilha.

Em seu depoimento, Marta comenta sobre o uso cotidiano do rádio como possibilidade para inserção no mercado de trabalho formal urbano: *“Eu escuto muito a rádio Viva porque dá muita oportunidade de emprego e eu estou esperando escutar se vai ter emprego na Visate [Viação Santa Teresa] pra cobradora de ônibus, porque dizem que pagam bem e dão mais uma cesta básica.”* Para ela, conseguir um emprego em Caxias do Sul, é realizar o sonho de ter uma vida mais digna, de ser respeitada como cidadã e ter possibilidade de ajudar os familiares que passam por sérias dificuldades no lugar de origem e que lutam para sobreviver. A rádio também é usada como espaço de lazer, como oportunidade de formação e qualificação profissional, porém diante da situação de pobreza em que se encontra, sente-se angustiada por não poder aproveitar as boas oportunidades de realizar cursos, por exemplo, ou

seja, a mídia pode colaborar para a inclusão no mercado de trabalho, mas não garante essa inclusão.

Na rádio Viva anunciam cursos também, mas tudo é pago e daí tem a passagem também e eu não tenho passagem, daí não adianta, não ajuda. Eu escuto o Kaiobá na hora do meio-dia, não posso escutar o dia inteiro, porque meu marido dorme durante o dia. [Marta, 32 anos, nascida em Itaqui, moradora de Caxias do Sul.]

Da narrativa de Maria, destacamos outro exemplo de uso do rádio, quando se refere sobre a importância desse meio em seu cotidiano de migrante desempregada: *“falam de trabalho, falam do que está acontecendo, tem bastante informação. Eles falam do tempo, do que saiu no jornal. Eu ligo e vou trabalhando e escutando. É importante a gente saber notícia da cidade onde a gente está, do Estado.”* Maria revela que usa o rádio como possibilidade de conseguir um trabalho formal em Caxias do Sul.

Lá eu escutava música sertaneja, eletrônica, gaúcha, de tudo um pouco, no rádio. Tinha bastante CD. A gente comprava CD também. Lá o pessoal é mais bagunçento, gostam de se divertir, de escutar música alta, aqui a gente quase não vê isso, mas de vez enquanto aparecem uns vizinhos escutando música alta. Lá a gente escutava a rádio FM, tinha um programa bem legal, tocava música sertaneja como a rádio Viva. [Maria, 33 anos, nascida em Foz do Iguaçu, moradora de Caxias do Sul.]

No discurso de Vitória fica claro que os usos dos meios de comunicação, como a televisão, contribuem para ter uma ideia sobre o mundo do trabalho. Ela fala sobre o programa da Rede Globo de Televisão “profissão Repórter” que apresenta a realidade daqueles que trabalham de moto boys, entregadores de pizza, para garantir o sustento da família. Nesse aspecto, podemos afirmar que a migrante vai elaborando no seu imaginário formas de enfrentar o mercado de trabalho formal urbano com os desafios que este apresenta na contemporaneidade.

A partir dos usos que Vitória faz dos meios de comunicação, percebemos também o valor da solidariedade que, provavelmente, ela traz de sua cultura de origem, como marca identitária, que aparece em sua fala e que se manifesta através de sua sensibilidade para com as famílias que foram prejudicadas com as enchentes em Santa Catarina que ela assistiu pela TV.

Sobre os usos cotidianos dos meios de comunicação, Ester se reporta à gripe H1N1 que aparece “*toda hora nos noticiários da TV e no jornal*” e que, para ela, essa gripe foi criada em laboratório para “*fortalecer uma renda, uma movimentação de capital.*”

4.5.6 Usos de mídia relacionados à própria mídia como espaço de trabalho

Como já foi referido no capítulo anterior, Moisés é um profissional da rádio, mas desde que chegou à cidade de Caixas do Sul, há mais de quatro anos, ainda não conseguiu trabalho formal em sua área de atuação. Por isso, começou a buscar patrocinadores para o programa semanal que, produz e apresenta, em uma rádio AM, no centro da cidade de Caixas do Sul. Depois da entrevista, ficamos sabendo que Moisés foi convidado para apresentar um programa semanal na televisão, num canal fechado de Caxias do Sul e ele aproveitou a oportunidade.

Com base no que foi exposto, vamos focar nosso olhar na trajetória de migração para o trabalho e observar o que Moisés diz sobre os usos que faz do rádio, para passar “*esperança ao povo mais sofrido*”, à população migrante dos bairros periféricos de Caxias do Sul, colocando-se ao lado das “*pessoas desesperançadas*”. Também sobre a visão crítica que tem do meio rádio e de seu poder de chegar a solucionar problemas da sociedade, bem como, a capacidade do meio de mobilizar as pessoas à solidariedade, à vivência de bons valores, ao cultivo das tradições, da fé, da religiosidade. Não silenciar a voz “*contra os poderosos*” já lhe causou a demissão de uma emissora de rádio. A criação da sede “*Os Fronteiriços*” demonstra a preocupação de Moisés com seus conterrâneos da fronteira do Rio Grande do Sul.

Dos usos e apropriações das mídias são visualizados no depoimento a seguir, em que o senso humanitário e solidário de Moisés, em relação às pessoas mais fragilizadas socioeconomicamente, são contemplados em sua profissão de radialista. Esse parece ser traço importante de sua cultura de origem que apresenta elementos de um ser humano comprometido com a sociedade:

Por isso quando eu chego num microfone eu sempre vou defender aquela pessoa oprimida, desesperançada, porque isso aí foi uma coisa que Deus me deu. Toda minha vida eu ajudei as pessoas, participei da APAE, sou voluntário dos renais crônicos aqui em Caxias, tô sempre lá junto com eles. Cada um de nós tem que fazer a sua parte, porque criticar é muito fácil, muito fácil mesmo. Então, tu tem que te irmana com as pessoas, pra ti passar alguma coisa. Eu tirei muito

aprendizado com os doentes renais crônicos que estão na fila da morte aguardando um transplante. [Moisés, 53 anos, nascido em Bagé, morador de Caxias do Sul.]

Através de uma prática de solidariedade e de compromisso com os semelhantes mais vulneráveis seja por questões econômicas ou subjetivas ou por discriminação/preconceito, Moisés, em seu discurso, deixa transparecer os valores e princípios que norteiam suas ações, com simplicidade e dizendo que o “fronteiriço” diz as verdades “no rosto, na cara da pessoa” e não difama as pessoas pelas costas. Em sua entrevista, reconhece que recebeu de Deus o dom de falar e de ajudar as pessoas.

No discurso do migrante Moisés, encontramos questões significativas para refletir sobre a cidadania com destaque para a solidariedade com o mais “oprimido, o desesperançado” a partir de sua trajetória de migrante. No depoimento a seguir, percebemos a força do meio rádio em propiciar o reconhecimento na recepção, acionando marcas da memória e fazendo com que desencadeie processos de acionamento dessa memória, participando da reconstituição dos traços mais importantes de seu comprometimento como radialista que ele considera ser “a esperança do povo”:

Eu me revoltei e me revolto muito e eu falo em rádio, eu sempre fui um radialista crítico. Nunca me calei contra os poderosos. Perdi emprego em rádio, me mandaram embora e eu dizia para os donos da rádio: vocês podem ser proprietários da sua rádio, mas não são donos do meu pensamento. Isso ninguém vai me calar. Só tem alguém que um dia vai me calar e que é Deus. Enquanto eu puder falar, vou falar, porque aquela pessoa desesperançada do bairro, da vila, periferia quando se sente oprimida, acuada, vai pra onde? Pra rádio. Esse é o jeito dele. O radialista é a esperança do povo. Inclusive eu criei um slogan lá: quando calarem um radialista, cala-se a esperança de um povo. Criei na rádio onde eu trabalhava. Quando as pessoas avisam a “justiça” e são injustiçadas, quando não têm onde recorrer, vão pra rádio. E aí os políticos e a própria “justiça” só vão fazer alguma coisa ou vão amenizar a dor do povo da periferia através do rádio, da comunicação daqueles homens e mulheres críticos. Eu sou um deles, eu vou pra frente do microfone defender o oprimido, o desesperançado, porque quem é poderoso não precisa. Ele não está necessitando. [Moisés, 53 anos, nascido em Bagé, morador de Caxias do Sul.]

Aparecem com ênfase no discurso de Moisés os conflitos enfrentados com “os donos da rádio” por ser solidário e procurar “amenizar a dor do povo da periferia” que são, em sua maioria, pessoas migrantes como ele. Essa marca da memória fornece material, a partir do qual podemos pensar no argumento de Cortina (2005, p. 21) no qual afirma que a cidadania é “uma teoria da justiça”. Nesse horizonte de reflexão, entendemos que os cidadãos acolherão bem se uma teoria da justiça for encarnada em instituições da sociedade, já que algumas se

preocupam principalmente em pensar sobre as convicções das pessoas a respeito do que é justo.

Seguindo nessa linha de raciocínio, a narrativa do migrante Moisés ajuda a pensar na importância e na urgência de “uma teoria da justiça”, trazendo presente as palavras que usa para encerrar o programa que realiza aos domingos na rádio Difusora AM de Caxias do Sul, e vamos ver que o depoimento indica a capacidade do meio rádio de funcionar como material que aciona a memória, faz olhar para o presente a partir de uma visão crítica e projeta para um futuro de esperanças e de mudanças significativas, expressando sua indignação diante de tantas aberrações, agressões, injustiças, contravalores que são contrários àquilo que acredita :

Está tudo complicado. É homem casando com homem, é mulher casando com mulher e acham que é normal! É mulher usando gravata e fumando charuto. É gente se atirando de edifício. A justiça que não faz justiça. É criança dormindo na rua, é cachorro dormindo em hotel de cinco estrelas. Estão trocando os valores da vida. Esses dias eu vi um cachorro parado na sinaleira esperando os carros passar pra ele poder atravessar. Já vi! É papai-noel em maio. É gato brincando com rato, é gato brincando com cachorro. É a prenda usando lenço no pescoço e usando bombacha e o gaúcho usando brinco e bombacha rosa. Tá tudo errado. É gaúcho fazendo rock no galpão com o Neto Fagundes na televisão. Rock no galpão? Tu viste rock no galpão? Nós lá pra fronteira nunca vimos rock no galpão. A vaca barrosa, ela não muge, ela chora. Ela querendo colocar silicone nas tetas pra ficar maior. (É estilo de uma crítica, mas é uma sátira que eu faço. É um deboche.) É a morena querendo ser loira, é a loira querendo ser morena. É o carnaval sendo realizado na quaresma, é a mulher brigando com o marido, é vizinho brigando com vizinho, é irmão se matando. É o pai matando o filho, é a mãe matando o filho que perdeu para as drogas. É a mãe lutando pelo filho que ela perdeu nas drogas. É a criança com 12 anos, aqui em Caxias tem isso, assaltando, com faca na mão, no bairro Planalto. É a mãe enterrando o filho vivo, como aconteceu em São Paulo. A mãe enterrou. Olha aqui! E é a cadela, o animal, que desenterra o próprio filho. Quer dizer é a mãe cadela e a cadela mãe. É um filho que a mãe não quis. São os loucos que passam a toda de carro e os mesmos com o som a toda pensando que estão agradando. Os políticos que estão dando passagens aéreas pras pessoas conhecerem muitos países com o dinheiro do povo. E o mesmo político que rouba e não tem justiça que o puna. São os carros de auto-escola (essa é uma crítica que eu faço) no meio do tráfego intenso, na hora do pico, tumultuando o trânsito. São alunos batendo em professores e os pais de braços cruzados, sendo coniventes com as atitudes dos alunos. É o vovô que quer guria de 15 anos e é a vovó que perdeu o vovô. Os traficantes que estão dentro da escola. As mães acorrentando os filhos. São doentes empilhados como lixos humanos nas portas dos hospitais esperando serem atendidos. Há criança que não é criança e brinca com arame na mão. É gente buzinando. É o profeta que não profetiza mais. É o poeta estressado que não escreve mais. É gente que bate de carro e ao invés de socorrer a vítima, vai olhar pra ver se o seu carro amassou. São doentes agonizando e que estão na fila da morte a espera de um ato solidário para que a esperança reacenda com um órgão esperado para ser transplantado. No circo o picadeiro está vazio, o palhaço foi embora, porque a criança não sorri mais. O ladrão quer carteira assinada. Estão exigindo do patrão. É gente se lamentando o tempo todo com tudo o que Deus lhe dá e muita gente sem nada, mas tem esperança que um dia vai dar. Eu vou me embora. Vou com minha família lá pro alto da montanha porque ainda ouço o som da vertente, o canto dos pássaros. Assisto o véu de água que cai da cachoeira, o brilho das estrelas na noite, o sol mais forte que me irradia para que meu corpo

tenha forças para eu vencer o cotidiano. É a dança poética dos vaga-lumes das noites escuras. É onde os vizinhos se dão bom-dia, boa-tarde, boa-noite ou até logo. É onde os filhos beijam os pais no rosto. Eu vou-me embora porque aqui não é lugar pra mim. [Moisés, 53 anos, nascido em Bagé, morador de Caxias do Sul.]

Na narrativa que Moisés costuma ler quando concluí seu programa de rádio semanal, percebemos muitas marcas das diferenças culturais presentes na sociedade de acolhida e de valores que traz da cultura de origem e, ainda, de um olhar crítico para a realidade, para os meios de comunicação, um olhar que vai além do que é dito, porque analisa o que está ao seu entorno e revela seu sentimento de indignação diante das injustiças, das diferenças e, ao mesmo tempo, projeta para si e para a sua família um “lugar perfeito”, no “alto da montanha”, onde não há espaço para a violência. A partir da fala de Moisés, podemos pensar que, talvez haja outro tipo de reflexão a se fazer em relação a sua experiência de trabalho, em um espaço midiático, ou seja: Será que Moisés se deixou encantar por um tipo de personalismo possibilitado pelo rádio hoje? Levantamos esse questionamento, pelo fato de percebermos que ele parece se basear em um modelo de rádio que, pareceu-nos similar do de Sergio Zambiasi, tratado no livro de Jairo Grisa (2003). Destacamos como elemento similar, o fato de Moisés utilizar em seu programa mensagens de fé, de otimismo e de esperança.

Aqui, parece-nos oportuna a proposição de Cortina (2005, p. 139) quando comenta que “um conceito pleno de cidadania integra um status legal (um conjunto de direitos), um status moral (um conjunto de responsabilidades) e também uma identidade, pela qual uma pessoa se sabe e se sente pertencente a uma sociedade.” Segundo a autora, o conceito de “cidadania social” almeja beneficiar os cidadãos em geral para que não fiquem à margem do mercado e possam ter um mínimo de bens materiais. Nessa perspectiva, observamos o esforço dos migrantes na vivência da justiça e da solidariedade, mesmo quando observam, ao seu redor, práticas de políticas injustas que se contrapõem aos valores nos quais acreditam:

Nas enchentes em Santa Catarina, eu puxei a frente aqui na rádio e levamos cinco caminhões com mantimentos para aquele povo necessitado. Eu fiz protesto sozinho na praça contra os aumentos do prefeito daqui com a taxa de iluminação que eu acho uma aberração. Uma cidade próspera, rica destas não podia cobrar a taxa de iluminação. Sendo que o prefeito daqui é do PMDB e o prefeito do mesmo partido dele em Rio Grande, ganhou as eleições e acabou com a taxa de iluminação. Quer dizer: coisas que fazem em Caxias, na metade Sul fazem o contrário. Parece um outro país, um outro partido. E eu disse isso aí e eles ficaram todos assim me olhando. É o prefeito daqui queria taxa de iluminação. Eu sei, eu ando na periferia. Eu faço programa com gaitero e violeiro, com músicos. Eu estou diuturnamente nos bairros. Eu sei, eu sinto o povo e tem gente que não tem dinheiro pra comprar o leite pro filho e tem que pagar a taxa de iluminação. Eu vi isso no Reolon. E ainda o pessoal vem pra televisão e fala das desigualdades. Quem faz as desigualdades é o próprio político. Utiliza aquela pessoa pobre pra ganhar o voto e depois não tá nem aí. Então não pensam nas pessoas, pensam em si. O mundo está partindo para um

lado muito perigoso. Um mundo egoísta que não olha para o seu irmão. Nem vê se o outro está precisando de um pedaço de pão. Se eu e minha família estamos bem, o outro não me interessa. Então, não é assim a vida. Eu passo pras pessoas isso. [Moisés, 53 anos, nascido em Bagé, morador de Caxias do Sul.]

Entendemos a importância do pensamento de Silverstone e Hirsch (1996, p. 69) que convidam a observar um aspecto incompleto “das dimensões históricas de poder, de tal forma que não podemos explicar o que vemos cada dia com nossos próprios olhos.” Essa ideia pode ser articulada às de Cortina (2005, p. 153), quando assegura que não se pode permitir “que um grupo, por mais minoritário que seja, restrinja as liberdades individuais de seus membros, que os force a manter uma forma de vida que não desejam.”

Na entrevista de Moisés, que possui uma vasta experiência como profissional do rádio, podemos pensar em uma cidadania comunicativa de nossa cultura para refletir sobre um migrante que pode “experimentar fazer mídia” e assumir a posição de produtor. É, desse lugar, que Moisés discute sobre o fazer rádio, além de revelar seu descontentamento com as mudanças que observa nesse meio a partir de sua experiência na área.

Eu fiz estágio na Gaúcha, na Farroupilha, com o Ruy Carlos Ostermann, com o Armindo Antônio Ranzolin, com o Lauro Quadros. Falando da classe de comunicação, eu acho que a classe do radialista foi exterminada, estão colocando eles no lugar errado, estão colocando quem não tem o dom. Pessoas que não têm a mínima vocação. Falta isso hoje. Eu nunca pude ir pra debate com professores de comunicação porque se eu fosse eu ia debater isso. Hoje têm umas vozesinhas que é a coisa mais horrorosa, a rádio Viva tem umas vozes... o único na rádio que tem um destaque, pra mim, é o Paim. Eu nem conheço. O pessoal me acha parecido com ele. Mas eu acho que é o cara mais preparado da Viva. Eu nem ligo, nem ouço, nem dá pra escutar aquela rádio. A minha mulher mesmo quer ver ela braba, fala em Viva pra ela. As músicas de luz vermelha... sabe!? Eu acho que sou radialista de berço. Então eu fico tão triste, tão aborrecido com certas coisas que eu vejo na rádio que me entristece na minha profissão. Tu vê locutores que se dizem profissionais que falam em “muié”, em “trabaiá”. Uma coisa que nós da fronteira somos corretos é no linguajar. Porque se tu falar desse jeito na fronteira, vai ser um deboche total. É tu errar um “s” ou um “r”, vai ser um deboche total. Somos exigidos pra falar bem. Claro, aqueles que moram lá na estância vão falar “muié”, como aqui aqueles colonos que não tiveram oportunidade. Eu sempre digo não têm pessoas burras, têm pessoas que não tiveram oportunidade de estudar, porque tiveram que trabalhar pra sustentar os menores. [Moisés, 53 anos, nascido em Bagé, RS, morador de Caxias do Sul]

A partir do relato de Moisés, é possível dizer que a identidade estabelecida com base nas diferenças permite compreender que, as formas de falar ou de comunicar de cada grupo, adquirem e asseguram a identidade de outras pessoas na medida em que são respeitadas. Nesse ponto de vista, podemos afirmar que a “linguagem não é somente condição, mas

também produto de integração social”, ou seja, “a atividade lingüística individual se acha em íntima relação com a situação social do indivíduo e as condições ou meio em que este realiza suas experiências.” (MARCUSCHI, 1975, p. 12).

Com base nessa discussão, trazemos Furtado (2002) que, ao falar sobre cidadania, cultura e economia, pondera que, em épocas de crises, é importante perceber a realidade social como uma pessoa utópica para impedir que sejam disseminadas manchas irracionais que nutrem o sistema político aventureiro.

Nessa perspectiva, podemos deduzir que estamos distante de “uma teoria da justiça”, trazendo novamente aqui as contribuições dos estudos de Cortina (2005) sobre cidadania. Talvez seja de grande importância entender como se dão os processos migratórios em nível de Brasil e quais os impactos para os sujeitos que vivem essa realidade, pensando também nas relações que se estabelecem com as mídias, nos usos, consumos e apropriações que fazem desses recursos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização desta pesquisa, o principal objetivo foi o de verificar os usos de mídias pelos 10 sujeitos migrantes entrevistados e a importância dessas mídias em seus cotidianos. Para isso, buscamos sustentação em autores importantes, citados anteriormente, que trabalham com os conceitos de migração, trabalho, recepção, cidadania, etnicidade. No percurso de construção do texto desta dissertação, percebemos a necessidade e incluímos alguns autores, omitimos outros, tendo em vista a importância de olhar para a realidade e aprender a ver os fenômenos humanos na contemporaneidade além das diferenças e dos conflitos que tecem as relações e permitem, através de diversas articulações culturais, entendermos a riqueza, por exemplo, dos novos migrantes que formam essa cultura e que, também, identificam-se nela, com sentidos de pertencimento ao lugar de chegada.

Em torno desse objetivo maior, construímos um caminho de aprendizagem focando o estudo na recepção midiática articulada aos eixos migração contemporânea e trabalho. A cidade de Caxias do Sul, Região da Serra Gaúcha, foi o recorte geográfico deste estudo, por ser um pólo de atração de migrantes de muitos Estados do Brasil, de muitas cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul e também de outros países. Vemos que a Festa Nacional da Uva, que acontece a cada dois anos no município de Caxias do Sul, “vende” a imagem da cidade como lugar farto de emprego, de boas oportunidades de trabalho, principalmente, no setor metal-mecânico e na indústria têxtil. Quando os migrantes chegam a Caxias do Sul, percebem que a cidade não é o “paraíso do emprego” como conheciam, por exemplo, pelos noticiários televisivos. Assim, os migrantes que se deslocam para Caxias do Sul enfrentam muitas dificuldades para se inserir no mercado de trabalho formal urbano. Observamos isso na fala de, praticamente, todos os entrevistados da amostra. Essa realidade também veio ao encontro de uma pesquisa do Centro de Atendimento ao Migrante, onde se constatou que 70% dos migrantes que foram atendidos na instituição migraram por causa do trabalho.

Notamos que os migrantes se esforçam para buscar saídas à situação de pobreza, onde se encontram imersos. Perante a situação de pobreza recorrente articulada às precárias condições “de acesso à terra e aos serviços de apoio à atividade produtiva, uma das principais reações da população rural tem sido a emigração em qualquer direção que lhes acene com possibilidades de melhorar de vida” (PESSOA, p. 46).

Nesse contexto, também percebemos que as condições de pobreza no lugar de origem tornam a população propensa à migração principalmente para cidades médias como Caxias do Sul. E um dos únicos recursos que os migrantes trazem é a própria força de trabalho.

Era o heterogêneo e o mestiço frente à sociedade normalizada. Ao complexo de perdas que sofrem não somente mas particularmente as pessoas vindas do campo – “foi necessário aprender a tomar um ônibus, conhecer as ruas, retirar um documento de identidade” – a velha sociedade responderá com o desprezo, que recobre muito mais que o asco e o medo (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 222).

Para a discussão desses problemas apresentados por Martin-Barbero (1997), podemos pensar nos “conflitos” e “contradições” nas trajetórias dos migrantes. Por exemplo, na narrativa de Anastácio, encontramos a expressão “nada contra os italianos [...]” que parece sugestiva de conflitos culturais enfrentados pelo migrante descendente de portugueses. A partir dessa fala, notamos elementos importantes que assinalam para a solidificação do sentimento de identidade que, segundo Oliveira (1976), é o jogo dialético das semelhanças e das diferenças de alguém consigo mesmo no andamento do tempo, ou com o outro no plano coletivo e com os outros. Nesse jogo dialético vemos a noção de identidade étnica que pode se apresentar como diferença dos outros, mas igualmente como semelhança dos considerados idênticos. Diante desse contexto, é possível constatar espaços permeáveis, onde fronteiras simbólicas de diferentes grupos étnicos se tornam mais fluídas e negociáveis.

Discutindo, igualmente, na perspectiva dos “conflitos e “contradições”, a migrante Eva diz: “Tenho medo que o meu marido fique desempregado, porque muitos colegas dele já foram mandados embora da empresa.” Esse medo, ligado à crise econômica global, aparece como um obstáculo simbólico e cultural na migrante. Nesse sentido, é possível dizer que “a consciência social que temos das migrações, ainda hoje, é consciência herdada de um ponto de vista que não é o dos trabalhadores emigrantes, e sim o das classes dominantes de certa época.” (MARTINS, 1997, p. 40).

Um estudo recente da Organização Internacional do Trabalho, intitulado “Migración laboral internacional: un enfoque basado en los derechos” (VINDAS, 2010), apresenta uma análise das tendências da migração internacional em busca de trabalho, seus impactos nos países de procedência e de destino, bem como as condições de trabalho que os migrantes experimentam. O documento faz um apelo para que os 105 milhões de trabalhadores migrantes do mundo recebam um tratamento justo e seja adotado um enfoque com base nos direitos humanos. A partir dessa preocupação da OIT sobre a migração internacional, é

possível discutir, igualmente, sobre as tendências da migração regional, em âmbito de Brasil e quais condições de trabalho experimentam os migrantes.

Por sua vez, a migrante Maria, que remete à ausência das redes sociocomunicacionais, que inclui pessoas amigas, a dificuldade de inserção no mercado de trabalho em Caixas do Sul, diz: *“Aqui não é tão fácil conseguir trabalho, talvez porque a gente não tem tantos conhecimentos de pessoas que trabalham. Lá volta e meia eu estava ganhando uns troquinhos.”* Assim, ela demonstra que, por estar nessa expectativa de conseguir em breve inserir-se no mercado de trabalho e por não vislumbrar um futuro promissor, *“fica meio chateada”* e revela ainda que *“é mais gostoso trabalhar e descansar e saber que foi útil no trabalho.”*

Nesse itinerário, levantamos questões fundamentais para orientar a problematização da pesquisa que procurou verificar: Como os migrantes usam as mídias para os seus projetos de migração? Que usos fazem das mídias? Qual a importância que eles atribuem às mídias? Qual o espaço e papel das redes sociocomunicacionais de familiares, parentes e amigos na migração em busca de trabalho? Embora tenhamos nos esforçado com este estudo para responder essas questões, entendemos que há um vasto campo, ainda, a ser percorrido.

Como resultados da análise do material empírico articulado aos pressupostos teóricos e reflexões da pesquisadora, podemos nos questionar: quais foram os sentidos que os migrantes atribuíram às suas trajetórias migratórias? Não temos a pretensão de dar respostas, mas de contribuir na discussão sobre essa temática aqui abordada. É possível dizer que os entrevistados da amostra atribuem sentidos às suas trajetórias migratórias, na perspectiva do trabalho, como elemento importante no processo de integração na sociedade de acolhida. Foram os sentidos que os migrantes deram ao trabalho e aos usos das mídias em seus cotidianos que nos ajudaram a perceber a complexidade das migrações contemporâneas pelo viés da recepção midiática. Foi a partir disso, também, que tomamos o trabalho como eixo importante na pesquisa.

Foi importante nesta pesquisa o itinerário metodológico que nos ajudou a atingir os objetivos propostos, através do uso das técnicas de entrevista, história de vida, da observação e da pesquisa documental. Também nas entrevistas percebemos a riqueza das experiências migratórias que vão muito além dos usos e consumos das mídias. Essa afirmação é possível a partir da análise sobre o material empírico quando foram localizadas outras categorias temáticas de análise. Seguimos essa lógica e pensamos não ter incorrido no erro de tornar a pesquisa excessivamente sociológica. Tendo em vista esse cuidado, abandonamos várias

categorias interessantes, mas que poderiam nos levar à dispersão, ao abordarmos muitos subtemas desvinculados do objeto de estudo.

Na construção desta pesquisa, buscamos, em alguns pontos do texto, articular os pressupostos teóricos com os dados empíricos. A partir disso, discutimos sobre os sentidos da relação entre migração e a questão do trabalho na perspectiva do direito à cidadania. Foi relevante, igualmente, analisarmos o tema das “diferenças” na trajetória migratória com ênfase nos elementos italianidade e trabalho, bem como aspectos da matriz cultural européia e a construção de Caxias do Sul como cidade do trabalho. Nossa discussão mais importante foi sobre usos de mídias pelos migrantes a partir de um mapa desses usos, considerando os usos de mídias antes da migração com a presença privilegiada do rádio e da televisão. Ainda em relação aos usos de mídias, examinamos como isso acontece na migração para o trabalho, discutindo também sobre o consumo plural de mídias na migração. Além disso, sobre os usos da mídia na busca de trabalho no lugar de migração e relacionados à própria mídia como espaço de trabalho.

É possível dizer que as mídias propiciam momentos de diversão e socialização para os sujeitos migrantes. Elas também consolam quem está distante do lugar de origem e das pessoas com as quais mantém vínculos afetivos. As mídias dão voz àqueles que estão no anonimato no lugar de chegada. E são usadas de forma criativa dependendo a circunstância e a necessidade do momento.

Em relação ao trabalho, observamos que ele aparece como elemento importante da constituição do próprio sujeito. Não é a única alternativa, mas ajuda a fortalecer a auto-estima, garante dignidade. O trabalho também é percebido como instrumento de exploração, de sofrimento.

Em relação a pesquisas futuras, este trabalho pode fornecer pistas importantes para quem se interessa em dar continuidade aos estudos da recepção vinculados ao trabalho e à migração interna, ou seja, à migração nacional. Nesse sentido, através desta investigação podem surgir outras constatações que podem dar fruto na realização de novas construções de pesquisas qualitativas com foco na recepção.

Por fim, a percepção é de que, em seus cotidianos de migrantes, as mídias são usadas para conseguir trabalho, para trabalhar e para se manter no emprego. Diante dos depoimentos de alguns dos entrevistados da amostra, percebemos a importância do uso das mídias e também, paralelo a esse uso, o significado positivo das redes sociocomunicacionais de familiares, parentes e amigos na inserção no mercado de trabalho formal urbano.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís. 2006. **O tema da proteção social na Agenda do Trabalho Decente**. Disponível em: <www.previdenciasocial.gov.br/arquivos/office/3_081028-140100-872.ppt> Acessado em: 6 de novembro de 2008.

AHUMADA, Miguel Angel. **Defesa e promoção dos direitos humanos em contexto migratório**. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana – REMHU. CSEM, v. 16, n. 31, Brasília, DF, 2008.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 7ed. SP: Cortez; Campinas: UNICAMP, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007.

Banco de Teses. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>> Acesso em: 21 fev.2010.

BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida: perspectiva etnosociológica**. Barcelona: Edicions. Bellaterra, 2005.

BERTOLINO, Osvaldo. **O trabalho tem futuro?** São Paulo, SP, 2001. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/museu/classe/classe200/200esp.htm#not01>> Acessado em: 2 maio 2008.

BONIN, Jiani. **Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto**. p. 21-40. In: MALDONADO, Alberto Efendy. Et. al. **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, Trilhas e Processos**. Porto Alegre: Sulina, 2006. 294p.

_____. **A Identidade étnica como mediação na recepção de telenovela**. Trabalho apresentado no Núcleo de **Ficção Seriada**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/5030/1/NP14BONIN.pdf>> Acesso em: 9 nov.2007.

_____. **Identidade étnica e telenovela**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2001.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede. Economia, Sociedade e Cultura na Era da Informação**, vol. 1. São Paulo, Paz na Terra, 1999.

CAUS, Martha. 2009. **Um 2008 de trás para frente**. Pioneiro. P. 18. Caxias do Sul, 10 e 11 jan.

COGO, Denise (Org.); GUTIÉRREZ, Maria (Org.); HUERTAS BAILÉN, Amparo (Org.). **Migraciones transnacionales y medios de comunicación: relatos desde Porto Alegre y Barcelona**. Madrid: Catarata, 2008. v. 1. 168 p.

COGO, Denise. **Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas**. Rio de Janeiro: E-papers; Brasília, DF; CSEM, 2006.

_____. **Migrações contemporâneas como movimentos sociais: uma análise desde as mídias como instâncias de emergência da cidadania dos migrantes**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. São Leopoldo, v. 9, n.1, p. 64-73, jan./abr./2007.

_____. **Pesquisa em Recepção na América Latina: perspectivas teórico-metodológicas**. Disponível em: <http://portalcomunicacio.net/por/n_aab_lec_print.asp?id_seccio=536> Acesso em: 18 jul. 2009.

_____. **O outro migrante: das estratégias de midiatização das migrações contemporâneas na mídia impressa brasileira**. *Ciberlegenda*, Rio de Janeiro, n.10, p.1-24, 2002. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.br>> Acesso em: 12 nov. 2007.

_____. **Pesquisa em Recepção na América Latina: perspectivas teórico-metodológicas**. 2008. Disponível em: <http://www.portalcomunicacao.com/por/n_aab_lec_3.asp?id_llico=48> Acesso em: 27 mar. 2009.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEO, SCALABRINIANAS. **Nas sendas do humano**. Brasília: CSEM, 2006.

CONGREGAÇÕES SCALABRINIANAS: MISSIONÁRIOS E MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS. **Scalabrini, uma voz atual**: páginas escolhidas dos escritos. São Paulo: Loyola, 1989.

CONHECIMENTOS gerais e atualidades - Censo 2000. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/3273981/Conhecimentos-Gerais-e-Atualidades-CENSO-2000>>. Acesso em: 14 mar. 2010.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.

CRISE financeira deverá estimular migração, diz relatório da ONU. **Dw-World.De**. 02.12.2008. Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,3843397,00.html>> Acesso em: 20 jul. 2009.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996.

DIREITOS HUMANOS NA CONSTITUIÇÃO DO BRASIL – 1988. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direitos-Humanos-no-Brasil/direitos-humanos-na-constituicao-do-brasil.html>> Acesso em: 12 mar. 2009.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS – 1948. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declaração-Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html>> Acesso em: 12 mar. 2009.

FÍGARO PAULINO, Roseli A. **Comunicação e Trabalho**. Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita/Fapesp, 2001.

FLORES, Ana Paula Pereira. PAZINI, Ema Berenice Giacomelli. FORNER, Karina Elisa. **Diagnóstico Sócio-Assistencial**. Municípios do lote 14. Caxias do Sul, 2008. Disponível em: <www.caxias.rs.gov.br/Junho2008>. Acesso em: 18 nov. 2008.

FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo**: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66). Rio de Janeiro, FGV, 2008.

FOUCAULT, Michel (1991). **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 9ª ed. Petrópolis/RJ, Vozes, 277p.

FURTADO, Celso. **Em busca de novo modelo**: reflexões sobre a crise contemporânea. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GARCIA CANCLINI, Nestor **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4ed. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.

GIDDENS, Antony. **Mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro, Record, 2000.

_____. **Sociologia**. Tradução: Sandra Regina Netz. 4ed. Porto Alegre: Artemed, 2005. 600 p.

GOMEZ, Guillermo Orozco. **Los Estudios de Recepción: de un modo de investigar, a una moda, y de ahí a muchos modos**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 9, p. 1-13, julho/dezembro 2003.

GONÇALVES, Maria do Carmo. **Panorama atual da migração para Caxias do Sul**. In: HERÉDIA, Vânia B. M.; ZUGNO, Paulo L. Seminário Internacional do Vêneto/RS: Modelos de desenvolvimento comparados-1945-2000. Caxias do Sul, Educs: 2003.

GOZA, F. Redes sociais e a integração de brasileiros no Canadá e nos Estados Unidos. In: MARTES, A. C.B. FLEISCHER, S. (Orgs.). **Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo, Paz e Terra, 2003. P. 263-288

GRISA, Jairo. **Histórias de ouvinte**. A audiência popular no rádio. Itajaí, Univali, 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora – identidades e mediações**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Representação da UNESCO no Brasil (Humanitas), 2003.

HERÉDIA, Antônio Carlos Guimarães. **Humanismo de hoje: ser imigrante no universo da vida**. Caxias do Sul, Educs, 2004. 194 p.

HERÉDIA, Vânia B. M. **A imigração européia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul**. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. n. 94 – 1º agosto 2001.

_____. **Etnicidade e cultura regional**. In: CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa. (Org.) **Cultura regional: língua, história, literatura**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2004.

_____. Fluxos migratórios: efeitos de migrações internas no município de Caxias do Sul. In: REUNIÓN DE ANTROPOLOGÍA DEL MERCOSUR (RAM), 8. 2009. Buenos Aires, Argentina, **Anais RAM... UNSAM/AR**, 2009. p. 1-10.

_____. **Diretrizes gerais do Apostolado MSCS: sexênio 2007-2013.** Roma, It: Lorigraf, 2007.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais -2008.** Disponível:<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1233&id_pagina=1>Acesso em: 29 março 2009.

LEAL, Ondina Fachel. **A leitura social da novela das oito.** Petrópolis, Vozes, 1986.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia, empresa.** Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção.** INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 78-86, jul./dez. 1993.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. BORELLI, Silvia Helena Simões. RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade.** São Paulo: Summus, 2002.

MALDONADO, Alberto Efendy Gómez de la Torre. **Reflexiones sobre la investigacion teórica de la comunicacion en América Latina.** P. 105-126. In: LOPES, María Immacolata Vassallo de & FUENTES NAVARRO, Raúl (comps.). **Comunicación: Campo y Objeto de Estudio.** Perspectivas reflexivas latinoamericanas. Guadalajara: Iteso, 2001.

_____. **Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica.** Ciberlegenda. n. 9, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/efendy2.htm>> Acesso em: 17 agosto 2009.

_____. Et. al. **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, Trilhas e Processos.** Porto Alegre, Sulina, 2006. 294p.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais.** Porto Alegre: Grafosul/Instituto Estadual do Livro, 1975.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Linguagem e classes sociais.** Porto Alegre: Movimento, 1975.

MARRE, Jacques Leon. **História de vida e método biográfico.** Cadernos de sociologia. Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 89-141, jan./jul./1991.

MARTINS, José de Souza. FARIA, José Eduardo. CARVALHO, Eduardo Guimarães. PRESBURGER, T. Miguel. **Discutindo assessoria popular – II**. Coleção Seminários. Rio de Janeiro: Instituto Apoio Jurídico Popular/FASE, 1992.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis, RS: Vozes, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MELO, Itamar. LISBOA, Sílvia. **O pampa se esvazia**. Zero Hora, p. 34, Porto Alegre, 11 de janeiro de 2009.

_____. **Expresso migração**. Zero Hora, p.35, Porto Alegre, 11 de janeiro de 2009.

_____. **Cidades que encolhem**. Zero Hora, p.32, Porto Alegre, 12 de janeiro de 2009.

_____. **A vida de quem fica**. Zero Hora, p.33, Porto Alegre, 12 de janeiro de 2009.

_____. **Economia que suga gente e que expulsa gente**. Zero Hora, p.36 e 37, Porto Alegre, 13 de janeiro de 2009.

_____. **Capital-dormitório para 93 mil**. Zero Hora, p.4, Porto Alegre, 14 de janeiro de 2009.

MILESI, Rosita. SHIMANO, Maria Luiza. (org) **Migrantes cidadãos**. São Paulo, Loyola, 2001.

MILESI, Rosita. **As migrações no Brasil**. online. Brasília, DF, 2008.

NEGRI, Antonio. HARDT, Michael. **Multidão: Guerra e Democracia na Era do Império**. Rio de Janeiro, Record, 2005.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

OROZCO, Gómez, Guillermo. **Los estudios de recepción: de un modo de investigar, a una moda, y de ahí a muchos modos**. InTexto. Porto Alegre, n. 9, 2003/2. Disponível em: <<http://www.intexto.ufrgs.br/n9/a-n9a6.html>> Acesso em: 7 de julho de 2008.

OUTRA Caxias. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul. v. 1, n. 1, 3 de nov. de 2009. Nordeste Gaúcho.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. **Linguagem, identidade e ética**. In: CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa. (orgs.) *Cultura regional: língua, história, literatura*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2004.

PESSOA, Dirceu. **Nordeste do Brasil**: observações sobre a mobilidade espacial da mão-de-obra e a reprodução da pobreza rural. P. 41-50. In: DUARTE, Renato (org.) *Emprego rural e migrações na América Latina*. Recife: FUNDAJ, Massangana, 1986.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

QUAIS são meus direitos, como e onde exigi-los. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <<http://www.dh60anos.com.br/>> Acesso em: 3 de janeiro de 2009.

RAMONET, Igancio. **A tirania da comunicação**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.

_____. **Morrer de Trabalho**. Le Monde Diplomatique. Junho 2003. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2003-06,a666> > Acesso em: 19 mar. 2009.

RECH, Maria Helena Bortolon. FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **No Fio Do Discurso: Análise do Discurso sobre o trabalho no artigo opinativo do jornal Correio Riograndense**. Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 5, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0502/02.htm>> Acesso em: 8 set. 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 4ª ed. São Paulo, Cortez, 1997.

_____. **A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência**. Vol.1. In: *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **El milênio huérfano: Ensayos para una nueva cultura política.** Madrid: Ed. Trotta, 2005. 374p.

_____. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2006. v. 4.

_____. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.** Tradução Mouzar Benedito. São Paulo, Boitempo, 2007.

SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric (Eds.) (1996). **Los efectos de la nueva comunicación: El consumo de la moderna tecnología en el hogar y en la familia.** Barcelona: Bosch, 354p.

URANGA, Washington. Comunicação no diálogo das culturas. **Mutirão de Comunicação: América Latina e Caribe.** Conferência. 6 fev. 2010. PUC/RS, Porto Alegre, RS.

VALIM, Ana. **Migrações: Da perda da terra à exclusão social.** São Paulo, SP, Atual, 1996.

VERMEULEN, Hans. **Estados-nação e imigrantes: perspectivas teóricas.** In: Imigração, integração e a dimensão da cultura. Lisboa: Edições Colibri/Socinova, 2001.

VERÓN, Elieo. **Interfaces sobre la democracia audiovisual evolucionada.** In: El nuevo espacio público. Barcelona: Gedisa, 1992.

VINDAS, Leticia. 105 millones de trabajadores en el mundo son migrantes **Elfinancierocr.com.** Disponível em: <www.elfinancierocr.com/efarchivo/2010/abril/11/economia2324100.html> Acesso em: 12 abril 2010.

WEBER, Max. **Economia y sociedad: esbozo de sociologia comprensiva.** México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

WESCHENFELDER, Josiane. **A luta pelo emprego: opções para salvar vagas.** Zero Hora, p. 4. Porto Alegre, 15 de janeiro de 2009.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo.** Campinas, Papirus, 1998, p. 129-145.

APÊNDICE A - MODELO DA FICHA COM DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**FICHA COM DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Nome:

Idade:

Sexo:

Estado civil:

Escolaridade:

Religião:

Profissão:

Em que trabalha atualmente?

Com quem reside?

Há quanto tempo migrou:

Motivo da migração:

Local de nascimento:

Vulnerabilidades decorrentes da migração:

Endereço:

Telefone:

E-mail:

Entrevistador(a):

Local da entrevista:

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

(1) História de vida e migratória.

- Em que lugar você nasceu?
- Outras pessoas de sua família migraram também? Para que lugar?
- Há quanto tempo está nesta cidade?
- Por que você escolheu essa cidade para migrar? Já passou por alguma outra?
- Qual a imagem que tinha da cidade onde vive agora (origem da imagem)?
- Como é a imagem da cidade hoje?
- Como é a convivência com as pessoas nascidas aqui?
- Você mantém contato com as pessoas do lugar onde nasceu? Com que frequência? Para quê?
- Você visita sua cidade de origem?
- Com quem você se comunica na cidade onde nasceu?
- Que lugares frequenta em seu lazer?
- Participa de atividades com pessoas dessa cidade? (ver se há engajamento nas atividades)
- Você pertence a alguma associação, entidade ou organização? Quais são as atividades realizadas e quem participa? Participa de alguma Igreja? Qual? Como cultiva e manifesta suas crenças, sua fé, suas devoções nessa cidade?

(2) História midiática mais geral

- Como era sua vida com os meios de comunicação antes de migrar?
- Você acompanhava as notícias diárias em sua cidade? Através de qual meio de comunicação (rádio, TV, jornal...)?
- Que meio usa diariamente para informar-se sobre o que acontece?
- Que outro meio costuma seguir de vez em quando?
- Você comenta o que vê, lê ou escuta nesse meio com alguém?
- Se sim, com quem costuma comentar?
- Lembra de algum tema que tenha comentado, recebido pelos meios, que tenha servido para fazer algo que não fazia ou conhecer algo que não conhecia antes?
- Serviu para conhecer outras pessoas?
- Fez amigos a partir das informações que recebeu pelos meios?
- Acredita que o meio tenha servido para facilitar essas relações ou não?

(3) Mídia, migrações e trabalho

- Você usa e como usa a mídia para projetos de trabalho na cidade onde está?
- A mídia é importante para seu trabalho?
- Você usa a mídia e como a usa no local trabalho?
- As mídias podem colaborar para o aperfeiçoamento profissional ou não?
- Você lê jornal? Com que frequência? O que você mais lê no jornal? Lembra de algo que leu?
- Ouve rádio? Qual programa você costuma ouvir? Com que frequência? Lembra de alguma notícia, algum programa?
- Assiste televisão? Qual programa de TV assiste? Com que frequência? Conversa com alguém sobre o programa de TV?
- Como o jornal, o rádio, a TV, a Internet “mostram” questões relativas ao trabalho do migrante? Fale sobre isso.

- Qual a relação mídia X trabalho na vida cotidiana?
- Qual meio de comunicação acessa, usa, consome em casa? E no trabalho?
- Você poderia contar algum episódio/história relacionada ao rádio, TV, jornal?
- Quando migrou, buscou informação do lugar para onde migrou e sobre ofertas de trabalho? Onde você buscou essa informação?

APÊNDICE C - CD-ROM COM AS 10 ENTREVISTAS